# HESSE

## Debaixo das Rodas



civilização
brasileira

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

# HERMANN HESSE

# DEBAIXO DAS RODAS

4ªEdição

Tradução: Álvaro Cabral

civilização
brasileira

Ficha Técnica
Edição preparada pelo Centro de Catalogação na fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB
Hesse. Hermann, 1877 – 1962
Debaixo das Rodas;
Tradução de Álvaro Cabral
4ª Edição,
Rio de janeiro, Civilização Brasileira,
1977
I78 p. 21 cm (Biblioteca do leitor moderno, v. 135)

I. Romance alemão II. Título III. Série
Titulo do original em alemão:
Unterm Rad
Copyright by Suhrkamp Verlag,
Frankfurt am Main.

Desenho de capa;
Dounê
Diagramação:
Léa Caulliraux
Direitos para a língua portuguesa adquiridos, com exclusividade para o Brasil, pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua Muniz Barreto, 91-93
Rio de Janeiro — RJ
que se reserva a propriedade desta tradução
1977
Impresso no Brasil
Printed in Brazil.



# 1

O Sr. Joseph Giebenrath, corretor e agente comercial, não se distinguia de seus concidadãos quer pelos méritos quer por alguma peculiaridade. Tal como a maioria, era de compleição robusta e sadia, razoável talento para os negócios, associado a uma sincera e veemente devoção ao dinheiro, além de uma pequena casa ajardinada, um jazigo de família no cemitério local, uma religiosidade sofrivelmente esclarecida e bastante desgastada, o devido temor a Deus e às autoridades estabelecidas, e cega submissão às leis de bronze da dignidade burguesa. Ocasionalmente, bebia uma cerveja mas jamais o viram ébrio. Realizava alguns negócios não muito corretos, diga-se de passagem, nunca deixando as coisas ultrapassarem os limites convencionais. Aos mais pobres do que ele chamava de “pobres diabos”, e, aos mais abastados, tratava de “presunçosos”. Era sócio do Clube Cívico e, às sextas-feiras, jogava boliche no Adler. Um dia por semana reunia-se com os amigos para, antes do almoço, tomarem uns aperitivos. O mesmo acontecia nos dias de matança, quando havia cabidela. Durante as horas de trabalho fumava charutos baratos mas, depois das refeições e aos domingos, escolhia-os de qualidade mais fina.

Levava uma vida de filisteu. O que porventura ainda possuísse de sentimentos estava há muito soterrado por camadas de poeira e, de qualquer modo, consistiria em pouco mais do que um rudimentar e tradicional instinto de família, um desmedido orgulho em seu próprio filho e um ocasional capricho que o levava a socorrer parcimoniosamente algum necessitado. A capacidade mental do Sr. Giebenrath não ia além da sua inteligência inata e rigorosamente limitada – e de alguns conhecimentos de aritmética. Suas leituras restringiam-se ao jornal e, para suprir suas necessidades artísticas, bastava-lhe a apresentação anual do grupo cênico de amadores do Cube Cívico, e uma ida ao circo na outra metade do ano.

Poderia trocar de nome e de casa com qualquer doa seus vizinhos que ninguém daria pela mudança. No mais profundo de sua alma jazia uma não adormecida desconfiança e hostilidade contra toda a força e personalidade que fosse reconhecidamente superior à sua; e alimentava uma aversão instintiva contra tudo o que fugisse ao cotidiano e ao rotineiro, tudo o que fosse mais livre, mais espiritual e mais sutil. Aliás, o Sr. Giebenrath compartilhava estes sentimentos com todos os demais pater familias da cidade.

E basta do homem. Só um observador profundamente irônico estaria à altura de descrever essa vida medíocre, em sua inconsciente tragicomédia. Mas acontece que o Sr. Giebenrath tinha um filho único e é deste que temos muito o que falar.

Hans Giebenrath era, sem dúvida, um rapaz esperto. Bastava olhá-lo, quando passeava, com gestos e atitudes gentis, sempre afastado dos outros, para logo se perceber sua vivacidade. O pequeno povoado da Floresta Negra não costumava criar tais personagens. Nunca por aquelas paragens existira um homem que espelhasse tão claramente em toda sua figura tanta riqueza íntima e tão portentosa visão do mundo e das coisas. Deus sabe de quem o moço herdara aqueles olhos sérios e atentos, aquela testa ampla e inteligente, a elegância do porte e do andar. Talvez da mãe, que falecera havia anos e, em vida, não se fizera notar por coisa alguma, excetuando-se o fato de que andava sempre adoentada e com um permanente ar de consternação. O pai, é claro, estava fora de cogitações. Aquela misteriosa centelha disparada lá das Alturas desta vez teria realmente acertado na velha e recatada cidade que, em seus oito ou nove séculos de existência, produzira muitos cidadãos respeitáveis e competentes mas jamais um homem de talento e muito menos um gênio?

Um observador instruído nas modernas ciências poderia sugerir, talvez, baseado na morbidez da mãe e na considerável antiguidade da família Giebenrath, uma hipertrofia intelectual como sintoma de uma incipiente degenerescência. Mas a cidade vivera sempre tão feliz sem precisar de acolher no seu seio pessoas dessa espécie que, na verdade, só os mais jovens e argutos entre os funcionários públicos e alguns professores, por intermédio de artigos em revistas, tinham uma vaga noção da existência do “moderno ser humano”. Ainda era possível viver no velho burgo e ter fama de instruído sem conhecer as palavras de Zarathustra; os matrimônios eram sólidos e frequentemente felizes e a vida decorria, toda ela, com um irremovível cheiro de antiguidade. Os mais antigos e abastados moradores, entre os quais havia muitos que, nos últimos vinte anos, tinham ascendido de operários a fabricantes, tiravam respeitosamente

o chapéu aos senhores funcionários com quem procuravam manter relações mas, pelas costas, chamavam-Ihes pobres escribas, pobretões petulantes e escravos. Entretanto, por muito estranho que pareça, não conheciam ambição superior a essa e, se fosse possível, gostariam que os filhos estudassem... para serem também funcionários! Infelizmente, isso nunca passava de um belo sonho difícil de realizar, pois a nova geração passava pelo ginásio a duras penas e com frequentes repetições de ano, para grande mágoa dos senhores fabricantes.

Sobre a inteligência de Hans Giebenrath, porém, não havia dúvidas. O professor, o reitor, o pastor, os vizinhos, os colegas de escola e qualquer outra pessoa que com ele privasse tinha de admitir que o rapaz possuía uma boa cabeça e, mais do que isso, era “um caso especial”. Com isso, seu futuro estava decidido; pois. nas terras da Baviera, só existia, para moços inteligentes ou aqueles que tinham pais muito ricos, um único e estreito caminho: depois do exame estadual, o seminário. Do seminário para o Instituto Teológico de Tübingen. E, daí, para a cátedra ou o púlpito. Ano após ano, três ou quatro dúzias de filhos da cidade e arredores percorriam esse caminho seguro e calmo; magros e exaustos, recém-saídos da primeira comunhão. faziam, às expensas do Estado, os diversos ramos do saber humanístico e, oito ou nove anos depois, encetavam a segunda e mais extensa parte de sua carreira, na qual tinham de devolver ao Estado os benefícios recebidos.

Dentro de algumas semanas realizar-se-iam os “exames oficiais”. Era esse o nome dado à grande hecatombe, quando o Estado selecionava a flor do intelecto do pais e ocasião em que todos os anseios, suspiros e orações de numerosas famílias espalhadas por pequenas cidades, vilas e aldeias dirigiam-se para a capitai, onde os exames tinham lugar.

Hans Giebenrath era o único candidato em quem a cidade podia pensar seriamente para o espinhoso concurso. A honra era grande mas ninguém duvidava de que o rapaz a merecia. Depois das aulas, que duravam diariamente até às quatro horas da tarde, seguia-se a aula extra de Grego dada pelo próprio reitor. Às seis horas, o senhor pároco tinha a amabilidade de dar uma aula de revisão das matérias de Latim e Religião; e, duas vezes por semana, depois do jantar, havia uma hora de explicação com o professor de Matemática. No Grego, atribuía-se especial importância à conjugação dos verbos irregulares e à multiplicidade de valores das partículas de ligação; no Latim, convinha ter um estilo claro e despojado, e conhecer, sobretudo, as numerosas sutilezas prosódicas; na Matemática, a ênfase recaía sobre o uso da regra de três, a resolução de equações e outras complexidades. Como o professor

frequentemente assinalava, tratava-se de matéria que, na aparência, não teria valor algum para os estudos posteriores e para a vida prática... mas só na aparência. De fato, era muito importante, até mais importantes que qualquer das outras disciplinas, pois tais operações matemáticas desenvolviam em alto grau as faculdades mentais, impregnavam de rigor lógico o raciocínio e serviam de alicerce a todo o pensamento claro, objetivo e eficaz.

Mas, para que a sobrecarga de estudos não enriquecesse o cérebro à custa da alma, estava Hans autorizado a assistir todas as manhãs, uma hora antes do início das aulas, à aula de catecismo de Brenz, onde o estimulante tiroteio de perguntas e respostas era como que um sopro místico de vida religiosa que penetrava e revigorava aquelas almas juvenis, evitando que murchassem e estiolassem na aridez das declinações latinas e combinações algébricas.

Infelizmente, ele próprio mutilava essa hora refrescante e se privava de seus benefícios espirituais. Entre as folhas do seu catecismo, Hans metia, às escondidas, exercidos de grego ou de matemática, e ficava quase toda a hora absorvido nessas ciências terrenas. Sua consciência, porém, permanecia atenta. Quando o diácono se acercava dele ou o chamava peto nome, não podia deixar de sentir uma embaraçosa insegurança e um certo medo de ser colhido em flagrante. Se tinha de dar uma resposta, encolhia-se timidamente, o coração pulsava-lhe mais forte e sentia o suor na testa. Mas as respostas saiam-lhe sempre absolutamente certas e com a pronúncia exata, o que para o diácono tinha a máxima importância.

Os deveres — para escrever ou decorar, para copiar ou preparar — que se acumulavam durante o dia, lição após lição, tinham depois de ser feitos em casa, tarde da noite, sob a acolhedora luz da lamparina. Esse trabalho tranquilo, favoravelmente envolto na silenciosa paz do lar — afirmava o professor, no fim da aula, ser altamente benéfico e produtivo —, durava geralmente até às dez horas às terças-feiras e sábados, mas nos demais dias da semana ia até as onze ou doze da noite, quando não até mais tarde. O pai resmungava contra o enorme gasto de azeite mas era com justificado orgulho que encarava o zelo que o filho dedicava aos estudos. Para as eventuais horas de lazer e para os domingos, que perfaziam uma sétima parte de sua vida, era calorosamente recomendado a Hans que lesse alguns autores clássicos não dados na escola e fizesse uma boa revisão da Gramática.

— É claro, com moderação, com moderação, rapaz. Passear uma ou duas vezes por semana é necessário ao tono vital e pode fazer verdadeiros milagres. Com o tempo bom, podes até levar um livro... Verás como estudar se torna

alegre e fácil ao ar livre. E, caramba, levanta essa cabeça!

Hans conservava então a cabeça erguida o mais possível, aproveitava os passeios para estudar e, quem o via, achava o moço excessivamente tímido e quieto, com a fisionomia exausta e os olhos pisados, com grandes olheiras azuladas.

— O que é que o senhor acha do jovem Giebenrath? — indagou uma vez um dos professores ao reitor. — Ele certamente passará nos exames, não é verdade?

— Oh, esse não me dá cuidado — regozijou-se o reitor. — É um dos mais inteligentes. Olhe bem para ele. Parece até uma criatura espiritualizada. Nos últimos oito dias, a espiritualização ainda mais se acentuara. No bonito e delicado rosto do adolescente ardia um par de olhos inquietos e sombrios; na testa bem modelada desenhavam-se finas rugas denunciadoras de uma intensa vide interior e os braços longos e magros pendiam com uma graciosidade, um abandono, que lembravam Botticelli.

Tinha chegado a hora. No dia seguinte, bem cedo, deveria ele viajar com o pai a Stuttgart e mostrar, no exame oficial, se era ou não digno de cruzar a estreita porta conventual do seminário. Acabara de fazer a sua visita de despedida ao reitor do colégio.

— Esta noite — disse no final da entrevista o temido soberano escolar, com uma desacostumada brandura — não deves pegar nos livros. Promete-me isso. Tens de apresentar-te amanhã em Stuttgart completamente repousado de corpo e alma. Faz um passeio de uma hora e vai cedo para a cama. Os jovens precisam de um bom sono. Entendido?

Hans ficara surpreendido com tanta benevolência, em vez da portentosa avalancha de conselhos e advertências de costume, e saiu do edifício do colégio respirando aliviado. As grandes tílias do outeiro da igreja destacavam-se num meio tom indeciso, cercadas pelo sol ainda quente do fim da tarde. Na praça do mercado, murmuravam em animados lampejos prateados as cascatinhas das duas fontes e, por cima da linha irregular dos telhados, recortavam-se as colinas mais próximas, cobertas pelo manto azul-escuro dos pinhais. O rapaz contemplava tudo isso como se fosse um espetáculo inédito para seus olhos. Tudo lhe parecia imensamente belo e atraente. Aliás, estava com uma terrível dor de cabeça mas naquele dia não precisava estudar mais.

Lentamente, atravessou a praça do mercado, passou diante do velho edifício da municipalidade e prosseguiu rumo à ponte. Ai ficou a passear algum tempo de um lado para o outro, até resolver sentar-se, finalmente, no largo

parapeito de pedra. Durante semanas e meses por ali passara, dia após dia, duas vezes pela manhã e duas à tarde, e jamais dedicara um olhar mais atento à capela gótica da ponte, ao rio, ao açude do moinho d'água, aos gramados onde se espojavam os banhistas e aos salgueiros que orlavam a margem do outro lado até onde havia uma fábrica de curtumes e onde o rio ficava tão profundo, tão calmo e verde que mais parecia um lago, em cuja superfície roçavam as ramarias pendentes dos chorões.

Depois, recordou-se dos dias inteiros que tinha dedicado aos prazeres do rio, nadando, mergulhando, remando, pescando e de quantas vezes o sono e o cansaço o haviam surpreendido na sombra refrescante do gramado. Ah, as pescarias! Era a sua melhor recordação dos intermináveis anos de escola. Permanecer imóvel na sombra rala dos salgueiros, o sussurrar vizinho da água na represa do moinho, o rio tão calmo e profundo! E o jogo de luzes sobre a água, o balouçar suave da linha e do anzol ao sabor da corrente, o sobressalto quando o peixe mordia e a alegre excitação de sentir entre as mãos um peixe gordo, frio, agitando a cauda!

Por diversas vezes apanhara suculentas carpas, alburnetes, bogas, deliciosos barbos e até pequenos mugens, de dorso verde metálico e barriga prateada, que parecem trazer no corpo iridescente as cores dos seus nativos lagos alpinos.

Demoradamente Hans contemplou, por cima das águas, o recanto verde do rio, e essa visão deixou-o melancólico e pensativo, ao sentir como estavam longe, bem para trás no tempo, aqueles dias livres de menino alegre, travesso e descuidado. Num gesto mecânico, tirou do bolso um pedaço de pão e, formando bolinhas de miolo, jogou-as na água, observando quando eram abocanhadas pelos peixes e sumiam. Primeiro, acudiam as bogas e os mugens, que comiam avidamente os pedaços menores e empurravam os grandes à sua frente, em ziguezague, com os famintos e minúsculos focinhos. Depois, cauteloso, aproximava- se um alburnete, o dorso escuro destacando-se vagarosamente do fundo; ficava rondando o pedaço de pão durante alguns instantes e, de súbito, fazia-o desaparecer na redonda boca aberta. Da água, que corria indolentemente, subia um cheiro de umidade quente; algumas nuvens alvacentas refletiam-se na superfície verde e transparente; na azenha chiava a grande roda, de cujas pás a água escorria, saltitante, misturando seu alegre som ao dos açudes espumantes.

Hans recordou o ainda recente domingo de comunhão, durante a qual se surpreendera, em meio da solenidade e da emoção, a decorar a conjugação de um verbo grego. Isso era coisa que vinha acontecendo amiúde nos últimos

tempos: quer na escola, quer durante as horas de estudo caseiro, em vez de concentrar-se no trabalho que estava fazendo, dava consigo embebido em outros pensamentos, ora relembrando coisas passadas, ora tentando augurar o futuro. ‘'O exame vai ser lindo!” A ideia de um possível fracasso o fez estremecer. Levantou-se do parapeito e ficou indeciso sobre o caminho a tomar. Sentiu um violento susto quando uma mão robusta o apanhou pelo ombro e uma voz masculina se lhe dirigiu, em tom cordial:

— Bom dia, Hans! Me acompanhas um pouco?

Era o sapateiro Flaig, com quem ele, em tempos idos, tinha passado algumas horas de convívio, à noite, mas de quem, ultimamente, andava afastado. Hans acompanhou-o, sem prestar grande atenção ao que o outro dizia. Flaig tagarelava sobre o exame, desejava ao amigo toda a sorte do mundo e incitava-o a ter coragem; mas a finalidade do discurso era demonstrar que semelhante exame não passava de um acontecimento fortuito, algo transitório e superficial que nada acrescentava às virtudes de uma pessoa. Ser reprovado não era vergonha nenhuma, podia acontecer ao melhor e se porventura ocorresse com ele, o que é que provava? Que Deus, que era Aquele que realmente cuidava de nossa alma, teria a respeito dele algum desígnio especial e pretenderia conduzi-lo por outros caminhos. Nada mais do que isso. Deus estava acima de reitores, examinadores e jurados, e uma reprovação em Stuttgart nada significava nesse Tribunal Supremo.

Hans não sentia a consciência inteiramente limpa a respeito do seu acompanhante. Sentia por ele um profundo respeito, admirava o seu modo de ser tão impressionantemente seguro, mas ouvira tantas piadas sobre beatos (e Flaig era um beato) que a simples presença do amigo o embaraçava, mesmo contra sua vontade. Além disso, confrangia-o sua própria covardia, pois havia algum tempo vinha evitando o sapateiro por causa das perguntas mordazes que este lhe dirigia. Hans, desde que passara a ser o orgulho dos professores do colégio, tomara-se um tanto vaidoso e notara que o oficial Flaig, nos últimos tempos, o olhava de um modo esquisito. Tinha a impressão de que o amigo pretendia humilhá-lo, talvez. Por isso se distanciara, lentamente, do conselheiro bem intencionado, pois em Hans desabrochara a flor da teimosia dos adolescentes e seus finos estames eram muito sensíveis a todo o contato desagradável ao seu amor-próprio e ao conceito que fazia sobre sua pessoa.

Na Kronengasse, os dois amigos encontraram o pároco. O sapateiro cumprimentou-o com fria moderação e, de súbito, lembrou-se que estava com muita pressa; o padre tinha fama de moderno e dizia-se à boca pequena que não

acreditava nem na Ressurreição. Hans continuou o seu passeio com o pastor.

— Como te sentes? — perguntou o pároco. — Estás contente por ter chegado a sua vez?

— Ah, sim, estou muito!

— Então, trata de fazer boa figura. Sabes que pomos todas as nossas esperanças em ti, não sabes? No Latim, espero que tenhas menção especial.

— E se eu não passar?

— Não passar! — O padre estacou e arregalou os olhos, muito assustado. — Que coisa, rapaz! Isso é simplesmente absurdo! Impossível! Que ideias são essas, eh?!

— Bom, eu só acho que... que também é possível.

— E eu digo que não é, Hans. A esse respeito estou tranquilo. Bem, adeus. Dá as minhas recomendações a teu pai e coragem, ouviste? Coragem!

Hans seguiu com os olhos o padre que se afastava. Depois se voltou para o lado onde o sapateiro caminhava, em grandes e seguras passadas. O que tinha dito Flaig? Ah, que não pensasse tanto no Latim, que o importante era ter o coração no lugar certo e temer a Deus sobre todas as coisas. Pois sim, para ele era fácil falar do jeito que quisesse. Nada mais exigiam dele senão um par de botas bem acabado, confortável e que não machucasse os calos. E agora o pastor! Se o reprovassem, nem teria cara de aparecer diante dele.

Angustiado, encaminhou-se vagarosamente para casa e para o pequeno jardim em escadinha. A meio do declive havia um pequeno pavilhão já um pouco apodrecido e há muito não usado, onde ele fizera com tábuas uma coelheira. Durante três anos aí criara e alimentara alguns coelhos. No outono anterior, porém, renunciara a esse passatempo por causa do exame. Não tinha mais tempo para distrações.

Também já não vinha há muito ao jardim. A velha cerca de madeira estava cada vez mais decrépita e o grupo escultórico cm pedra-sabão, num recanto, estava todo picado e mutilado. A pequena roda de água, na calha que ligava o poço com a cisterna, já faltavam algumas pás e tinha a madeira carcomida. Lembrou o tempo em que ele mesmo talhara e construíra tudo aquilo, e como sentira tão grande alegria nesses momentos de criação. Mas já tinham decorrido dois anos ... uma eternidade! Abaixou-se, apanhou a roda leprosa e tentou desamassá-la. Mas só conseguiu quebrá-la ainda mais e jogou-a bruscamente por cima da cerca. Fora com esses trecos! Tudo aquilo estava morto. Tudo aquilo era passado.

Nisto, recordou seu colega de escola, August. Ajudara-o a construir a roda

de água e a consertar a coelheira. Tardes inteiras ali tinham brincado os dois, atirado nos pássaros com estilingue, perseguido os gatos, construído cabanas de índio e comido cenouras cruas como lanche. Mas, depois, Hans começara a dar mais duro dos estudos e August, em agosto do ano anterior, saíra da escola para ser aprendiz de mecânico. Desde enfito, só voltara a aparecer duas vezes. Naturalmente, eles não tinham agora mais tempo.

Sombras de nuvens deslizavam céleres pelo vale. O sol já estava perto da crista das montanhas, preparando-se para o grande incêndio crepuscular. Por instantes, Hans leve a sensação de que deveria jogar-se ao chão e chorar, chorar. Em vez disse. dirigiu-se à cocheira, pegou um machado e, erguendo-o em seus braços finos, espatifou a coelheira em mil pedaços. As tábuas despencavam, os pregos rasgavam a madeira, rangendo, a rede saltou, e restos putrefatos de comida, ainda do verão anterior, apareceram na terra solta. Fazia mau cheiro. Hans continuou golpeando tudo a torto e a direito, os lábios cerrados, os olhos frios, como se quisesse matar a saudade que linha dos seus coelhos, de August, da roda de água, da sua infância.

— Olá! — gritou o pai de uma janela. — O que estás fazendo?

— Lenha.

Nada mais respondeu, porém largou o machado e saiu correndo através do pátio para a rua. Continuou correndo até à margem do rio e só então moderou o passo. Na vizinhança da cervejaria estavam amarradas duas balsas. Nelas descera ele antigamente, horas perdidas, nos dias quentes de verão, o rio tranquilo, ouvindo a água espadanar em tomo dos troncos. Quantas vezes a excitação o cansara e adormecera, embalado pela corrente. Pulou para uma das balsas, que balouçou com o peso, e foi deitar-te sobre um monte de varas de salgueiro que havia empilhadas no centro da tosca embarcação. Tentou imaginar que a balsa navegava rio abaixo, ora rápida, ora hesitante, atravessando prados, aldeias, as margens frescas de bosques, pontes, campos lavrados, canais de açudes — e que tudo era como antigamente, quando ia procurar comida para os coelhos no monte Kapf, pescava no cais da fábrica de curtumes, e ainda não tinha preocupações nem dores de cabeça como as que ora o afligiam amiúde.

Cansado e de mau humor, voltou para casa. Era hora de jantar. O pai, em virtude da iminente viagem para Stuttgart, estava tremendamente nervoso. Perguntou uma dúzia de vezes se os livros já estavam empacotados, se já preparara o temo preto, se não preferia deixar de fora a Gramática para dar uma última lida na viagem e se ele se sentia bem. Hans a tudo dava respostas curtas e mordazes, cuja ironia o pai não entendeu. Jantou pouco e em breve dava as boas-

noites.

— Boa-noite, Hans. Durma bem! Eu te acordarei às sete da manhã. Não esqueceste a dicionário, não?

— Não, pai, não me esqueci da dicionário. Boa-noite.

Em seu pequeno quarto, ainda ficou acordado por multo tempo, com a luz apagada. Tinha sido esse o único benefício que colhera no negócio do exame: a posse de um quarto próprio, onde era senhor absoluto e ninguém o incomodava. Ali arrostava ele com o sono, o cansaço e as dores de cabeça, nas longas boras de vigília noturna, debruçado sobre César, Xenofonte, os dicionários, a gramática, os problemas de álgebra, numa luta persistente, ambiciosa, tenaz, que frequentemente raiava pelo desespero. Mas ali gozara ele também aquelas preciosas horas em que, esquecendo todos os prazeres perdidos de menino, o peito lhe palpitava de orgulho e de delirante vontade de triunfar, aquelas raras mas fantásticas horas em que ele, para além da escola, dos livros, do exame e tudo o mais, via-se no centro de um círculo de seres superiores, em tomo dos quais o mundo se curvava, extasiado e reverente. Ali tivera ele, pela primeira vez, a audaciosa mas feliz suspeita de que era, realmente, uma criatura distinta e melhor do que todos os seus colegas de faces gorduchas e expressão bonachona; e de que talvez não estivesse muito longe o dia em que pudesse olhá-los de alturas inacessíveis ao comum dos mortais.

Respirou aliviado, como se no seu pequeno quarto o ar fosse mais leve e refrescante. Sentou-se na cama, os ombros apoiados no travesseiro, e passou horas absorto em divagações, pressentimentos e anseios. Lentamente, as pálpebras muito brancas descaíram sobre os grandes e exaustos olhos, entreabriram-se de novo, pestanejaram e caíram de vez. A cabeça pendeu de lado, sobre o ombro magro, e os finos braços deslizaram ao longo do corpo e ficaram inertes. Adormeceu com a roupa que tinha no corpo e a mão suave e maternal do sono alisou as ondas daquele inquieto coração, apagou as leves rugas daquela bonita e clara testa, e povoou a mente de Hans de belos sonhos, em que havia balsas flutuando, e coelheiras, e rodas de água num jardim florido...

Era inacreditável. O Senhor Reitor, apesar da hora matutina, dera-se ao incômodo de comparecer em pessoa à estação. O Sr. Giebenrath estava metido numa sobrecasaca preta e não conseguia ficar quieto um instante, tal o nervosismo, o orgulho e a alegria. Andava aos saltinhos em volta do reitor e de Hans, recebeu os votos de boa viagem e muita sorte para o exame de seu filho do

chefe e de todos os funcionários da estação; mudava a mala de viagem da mão esquerda para a direita e da direita para a esquerda como se ela pesasse toneladas. Segurava o guarda-chuva debaixo do braço; depois, prendia-o entre os joelhos e deixou-o cair inúmeras vezes. Então largava a mala do chão, apanhava o guarda-chuva e ficava indeciso, sem saber onde pô-lo para agarrar outra vez a mala. Poder-se-ia pensar que ele viajava para a América e não para Stuttgart, com passagem de ida e volta no bolso.

Hans aparentava grande calma. Porém, um medo secreto lhe apertava a garganta e falava pouco, com receio de que a voz traísse a sua implacável ansiedade.

O trem veio, parou e eles subiram. O reitor acenou com a mão, o pai acendeu um charuto; embaixo, no vale, a cidade e o rio desapareceram. A viagem foi uma tortura para ambos.

Em Stuttgart, o pai ficou, de súbito, com outro ânimo. Mostrava-se agora alegre, sociável, cheio de gestos e ares cosmopolitas, refletindo em todo ele o prazer do provinciano que se sente, por alguns dias, à solta na capital. Hans, pelo contrário, ficou mais retraído e nervoso: a visão da cidade, dos rostos estranhos, dos imponentes edifícios, da longas ruas cansativas e barulhentas, dos bondes puxados a cavalos, causava-lhe profunda aflição. Tudo aquilo lhe doía e o assustava. Foram instalar-se no apartamento de uma tia e Hans sentiu-se oprimido com as salas estranhas, a loquacidade da tia, as longas horas sentado numa poltrona, ouvindo as palavras animadoras do pai. Prostrado, refugiava-se no seu quarto e, quando observava o ambiente insólito, o papel de parede com grandes e exóticos desenhos, o relógio de mesa, os quadros nas paredes; quando te lembrava da figura de sua tia, com suas espalhafatosas roupas de cidade, e ouvia o constante estrépito da rua. Hans sentia-se traído, parecia-lhe que já estava fora de casa há uma eternidade, e que tudo o que aprendera com tanto esforço estava completamente esquecido.

De tarde, ele pretendia dar mais uma repassada nas matérias mas a tia propôs um passeio. Por instantes, surgiu diante de Hans a visão cativante de verdes gramados, bosques murmurantes, e concordou alegremente com a ideia. Mas depressa se deu conta de que passear na grande cidade era uma coisa muito diversa dos inefáveis prazeres que a natureza lhe oferecia em sua terra.

O pai tivera de fazer algumas visitas na cidade e Hans saiu sozinho com a tia. Logo na escada começou a sua consternação. No primeiro andar encontraram uma senhora gorda e vaidosa, diante de quem a tia se desfez em mesuras. As duas mulheres falavam com grande afetação de gestos e palavras, como se

estivessem representando num palco. A cena demorou um bom quarto de hora. Hans afastara-se um pouco e encostara-se ao corrimão, enquanto o cachorrinho da madame o olhava ameaçador e, entre rosnadelas, acabou por cheirar-lhe as calças. Entrementes, as duas tagarelas tinham baixado a voz e Hans percebeu que falavam dele, pois a gorducha assestava frequentemente o lorgnon na sua direção, remirando-o de cima a baixo. Quando, enfim, se encontraram na rua, a tia enfiou-se numa loja e ali ficou uma eternidade. Tímido, Hans preferira esperar na porta, olhando a vitrina. Foi empurrado pelos transeuntes apressados, que te acotovelavam indiferentemente à sua volta, e gozado por dois moleques que o chamaram de caipira. Quando a tia saiu da loja, presenteou-o com um tablete de chocolate, que ele agradeceu gentilmente, embora não gostasse de chocolate. Chegados à esquina, subiram num bonde. Começou então, dentro da carruagem superlotada, que avançava aos solavancos, a longa peregrinação por ruas e mais ruas, até chegarem a uma grande alameda.

— Vamos dar uma volta pelo parque — disse a tia, saltando do bonde.

Hans imitou-a, aliviado, a cabeça ainda confusa de tanto empurrão no incômodo bonde, de tanto tilintar de campainha e tanto sacolejar.

No parque floriam canteiros e havia uma cascatinha artificial que corria para um tanque onde nadavam peixes dourados. Uma densa multidão passeava indo e voltando, formavam pequenos grupos de conhecidos que se cumprimentavam com profusão de vênias afetadas e logo se desfaziam, incorporando-se cada um por seu lado à grossa corrente de rostos inexpressivos e sobrecasacas elegantes e longos vestidos de seda roçagante. No meio dos pedestres circulavam bicicletas, carrinhos de bebê, cadeiras de rodas; havia um constante murmúrio de vozes e respirava-se um ar poeirento e abafado. Depois, sentaram-se num comprido banco, ao lado de outras pessoas desconhecidas. A tia falara o tempo todo. Soltou um longo suspiro ao sentar-se, sorriu carinhosamente para o sobrinho e animou-o a comer então o seu chocolate. Ele não queria.

— Meu Deus, não vais dizer-me que estás com vergonha! Anda, come, come!

Hans tirou do bolso a tablete, desembrulhou o papel prateado e mordiscou um pedaço bem pequeno. Não gostava, realmente, de chocolate mas não se atrevia a confessá-lo à tia. Enquanto ele chupava e engolia com esforço o pedacinho, a tia descobriu um conhecido e levantou-se.

— Fique sentado aqui, Hans. Eu voltarei já, já.

Hans aproveitou, aliviado, o ensejo e jogou a tablete de chocolate para

bem longe, no gramado. Pôs-se a observar atentamente o vaivém humano e sentiu-se profundamente infeliz. De súbito, quis recordar os verbos irregulares gregos mas, para sua mortal angústia, não lhe acudiu i memória um único. Tudo se lhe varrera da memória sem deixar rastro. E o exame oficial era ao dia seguinte!

A tia voltou e, entrementes, informara-se com os seus conhecidos de que havia, nesse ano, cento e dezoito candidatos ao exame oficial. Mas as vagas eram apenas trinta e seis, e o restante poderia dizer adeus às suas esperanças de chegar a Tübingen. Hans sentiu o coração desfalecer e, no regresso a casa, não disse uma palavra.

Quando entrou no apartamento, a cabeça doía-lhe mais do que nunca. Não quis comer e estava tão agitado que o pai teve de repreendê-lo energicamente e a tia o chamou de “mocinho insuportável”. De noite, caiu num sono pesado e profundo, perseguido por horríveis pesadelos. Via-se no exame, sentado entre os cento e dezessete companheiros. O examinador ora se parecia com o pároco lá da terra, ora com a tia, e amontoava diante dele pilhas de tabletes de chocolate que ele teria de comer no prazo de uma hora se quisesse ser aprovado. Enquanto comia, com lágrimas escorrendo pela cara abaixo, via os outros levantarem-se e desaparecerem por uma pequena porta. Todos tinham comido seu monte de chocolate e só o dele parecia crescer cada vez mais a seus olhos, agigantar-se sobre a escrivaninha, os bancos vazios à sua volta, tapando-lhe a visão da sala, tirando-lhe a luz, e sufocando-o implacavelmente. Acordou com um grito angustiado, a meio da noite, e não conseguiu conciliar de novo o sono.

Na manhã seguinte, enquanto Hans bebia o seu café, com os olhos pregados no relógio, para não chegar tarde à chamada, foi ele recordado por muitos em sua terra natal. Primeiramente, pelo sapateiro Flaig. Antes da sopa da manhã, declamava ele a sua habitual oração, rodeado pela família, os oficiais e os dois aprendizes, todos de pé em volta da mesa. Nesse dia, porém, incluiu em sua prece um pedido especial.

— Senhor, desce Tua mão sobre a cabeça do candidato Hans Giebenrath, que hoje inicia seu exame! Dá-lhe Tua bênção e fortifica-o, para que ele um dia se tome um valente paladino do Teu santificado Nome!

O pastor não rezou por ele mas, durante o desjejum, disse para a esposa:

— O Giebenrath deve estar entrando agora no exame. Esse rapaz ainda será alguém na vida. Certamente os examinadores hão de notá-lo e não foi à-toa que o ajudei no Latim.

A senhora do pároco disse apenas “Deus te ouça” e continuou bebendo o

seu café.

O professor, antes de começar a primeira aula, no colégio, disse para os alunos:

— Estão começando agora os exames oficiais em Stuttgart e queremos, neste momento, fazer votos de felicidade para Hans Giebenrath. Aliás, ele nem precisa disso, pois tem valor bastante para derrubar vinte preguiçosos como vocês!

E quase todos os alunos ficaram também pensando no ausente, sobretudo por causa das apostas que tinham feito sobre a aprovação ou reprovação de Hans.

E, como a fervorosa intercessão e o interesse concentrado e carinhoso de muita gente produzem, com facilidade, o seu efeito sobre as longas distâncias, Hans acabou sentindo que estavam pensando nele em sua terra. Tal sensação, porém, ainda que reconfortante, não chegou para abafar o seu intenso medo e foi com o coração palpitante que se apresentou na sala de exames, acompanhado solenemente pelo pai até à porta. Obedeceu, tímido e assustado, às instruções do bedel, que a todos encaminhava para seus lugares, chamando-os pelos nomes que ia lendo numa folha de papel. Hans olhou à sua volta no amplo recinto ocupado por rapazes igualmente pálidos e assustados, como criminosos encurralados numa gigantesca câmara de torturas. Sentiu uma desvairada ânsia de se levantar e sair disparado pela porta afora. Mas, quando o professor surgiu, mandou que todo o mundo silenciasse e ditou o tema para o exercido estilístico em Latim, Hans deu um suspiro de alivio e achou que o negócio era ridiculamente fácil. Rapidamente e quase alegre, fez primeiro um rascunho e, depois, passou cuidadosamente a limpo a sua redação, com tetra muito clara e bem desenhada, lendo sido um dos primeiros a entregar a prova.

Perdeu-se no caminho de regresso à casa da tia e ficou vagueando duas horas nas ruas abafadiças da cidade. Mas isso não o incomodou muito; reencontrara seu equilíbrio interior e até estava contente por poder fugir algumas horas ao inevitável interrogatório do pai e da tia. Passeando nas estranhas e barulhentas ruas, sentia-se um arrojado aventureiro que desafiasse o mundo hostil, certo de que em breve o dominaria com seus feitos audaciosos. Depois de algumas perguntas, acabou acertando o caminho de casa, onde foi logo assaltado de perguntas.

— Como foi? Como foi? Soubeste fazer?

— Ah, foi muito fácil — respondeu ele, orgulhoso. — Exercícios desses, fiz eu no quarto ano.

Almoçou com grande apetite.

Tinha a tarde livre e o pai carregou-o de visita a parentes e amigos. Em uma das residências encontrou um rapazinho tímido, vestido de preto, que chegara de Göppingen para fazer também o exame oficial. Os dois ficaram entregues a si mesmos e entreolhavam-se com curiosidade.

— Como te pareceu o exercício de Latim? Fácil, não? — perguntou Hans.

— Ah, fácil demais! Mas aí é que está o problema. É nos trabalhos fáceis que, geralmente, se cometem os maiores erros. Uma pessoa confia-se, não presta atenção e esquece que esses sujeitos gostam de esconder algumas ciladas. Com certeza havia alguma ratoeira.

— Tu achas?

— Claro. Esses sujeitos não são assim tão bobos que deem uma prova em que todo o mundo pode passar!

Hans assustou-se e ficou pensativo.

— Ainda tens aí o texto? — perguntou ao colega.

O outro foi buscar o seu caderno e, juntos, reviram o tema de redação e as perguntas, uma por uma. O de Göppingen parecia ser um bom estudante de Latim. Pelo menos, usara duas vezes expressões gramaticais de que Hans não lembrava ter ouvido falar.

— Já sabes quais são as provas de amanhã?

— Grego e redação alemã — informou o de Göppingen.

— Quantos candidatos vieram do teu colégio?

— Só eu — disse Hans.

— Ah, nós de Göppingen somos onze! E temos três que são verdadeiros gênios. Todos nós esperamos que se classifiquem nos primeiros lugares. O ano passado, o primeiro aluno também foi de Göppingen. Se fores reprovado aqui, vais para uma universidade?

Era um assunto que nunca fora abordado.

— Eu não sei... Não, acho que não.

— Ah, é? Pois eu continuarei estudando, de qualquer maneira. Se não passar agora, a minha mãe diz que me manda para Ulm. Irei estudar Leis ou coisa parecida.

Isso impressionou muito Hans. Os onze de Göppingen, com os seus três gênios, também lhe causavam apreensões. Desconfiou que não poderia competir com eles.

Em casa, foi buscar logo a gramática grega e concentrou-se nos verbos. Do Latim não tinha medo e sentira-se seguro. Mas com o Grego passava-se algo

estranho. Gostava da língua e quase se entusiasmara em aprendê-la bem mas só o atraia a leitura. Sobretudo Xenofonte. Achava-o tão bem escrito, tão movimentado e alegre, com uma prosa tão vigorosa e livre! Não tivera dificuldade alguma em compreendê-lo e até decorara alguns trechos. Mas quando chegava à gramática ou tinha de verter do grego para o alemão, aí se sentia perdido num labirinto de regras e formas antagônicas, e o estranho idioma causava-lhe a mesma timidez medrosa do primeiro dia de aulas, quando tivera de decorar o alfabeto grego.

No dia seguinte, foi realmente a vez do Grego e, depois, da prova de Alemão. O exercício grego era bastante extenso e nada fácil. O lema para tradução era delicado e suscetível de ser mal interpretado. Às dez horas, a sala começou a ficar abafada. Hans não tinha uma boa caneta e inutilizou duas folhas de papel antes de conseguir passar a prova a limpo. Durante a redação, viu-se em apuros por causa de um colega vizinho e atrevido que lhe empurrava um pedaço de papel com uma pergunta e, com cutucões nas costelas, insistia desesperadamente por uma resposta. O contato com o vizinho de carteira era rigorosamente proibido e qualquer tentativa de “cola” significava a inexorável exclusão do exame. Apavorado. Hans escreveu no papel: “Me deixa em paz!” E virou as costas para o colega. A sala estava quente demais. Até um dos professores que fiscalizavam a prova leve de passar várias vezes o lenço pelo rosto. Hans suava dentro do seu grosso temo da primeira comunhão. Voltaram-lhe as dores de cabeça e, finalmente, entregou a prova, profundamente infeliz e com a sensação de que as folhas estavam repletas de erros. Estava arrasado.

A mesa, não disse palavra. Encolhia os ombros a todas as perguntas e tinha a expressão de um delinquente apanhado em flagrante. A tia procurava consolá-lo mas o pai estava nervoso e irritado. Depois do almoço, levou o filho para um quarto e perguntou, em tom desabrido:

— Então, vais dizer ou não como correu hoje a prova?

— Mal — respondeu Hans.

— E por que não prestaste mais atenção? Tenho a certeza absoluta de que sabias tudo o que perguntaram! Ou não sabias, eh? Caramba, um homem tem de se controlar!

— Pai, a prova foi difícil, garanto...

— Isso já todos sabíamos que ia ser difícil! Grande novidade!

O Sr. Giebenrath estava vermelho de raiva e quando começou a querer briga, Hans empalideceu e retorquiu, secamente:

— Pai, o senhor não entende nada de grego.

E saiu do quarto, tremendo como vara verde. 0 pior era que daí a duas horas teria de enfrentar a prova oral. Isso o apavorava ainda mais. Pelo caminho, percorrendo as ruas sob um calor sufocante, sentiu-se imensamente desgraçado e mal enxergava as pessoas, tal era a sua preocupação, o seu medo e as vertigens que sentia.

A oral começou pela mesma ordem da escrita. Durante dez minutos, esteve em pé, diante de três senhores sentados atrás de uma grande mesa verde. Deram-lhe um livro em latim e mandaram que traduzisse algumas frases. Depois respondeu a algumas perguntas. Durante dez minutos, esteve em pé, diante de outros três senhores sentados atrás da mesma mesa verde. Deram-lhe um livro em grego e mandaram que traduzisse algumas frases. Respondeu a algumas perguntas e, no final, quiseram que ele indicasse um aoristo irregular mas ele não soube responder.

— O aluno pode se retirar por ali, a porta à direita.

Começou a andar em direção à porta mas, antes de lá chegar, lembrou-se do aoristo e estacou a meio caminho.

— Pode sair — disse um dos examinadores. — Ou não está se sentindo bem?

— Não é isso... Ê que me lembrei agora do aoristo!

Gritou-o para a sala, viu um dos professores rir e saiu apressado, a cabeça escaldante. Tentou recordar todas as perguntas e respostas mas o cérebro era um vulcão confuso e só conseguia ver, como uma obsessão, a ampla superfície verde da mesa, o livro aberto, os três homens idosos e graves, em suas casacas. E as mãos que lhe tremiam enquanto segurava o livro. Meu Deus, que respostas teria ele dado!

Quando voltou à rua, pareceu-lhe que já vivia ali há meses e que estava condenado a não sair mais da cidade cruel. Como algo muito distante, algo que tivesse visto há muitos, muitos anos, atravessaram-lhe o espírito imagens do jardim paterno, as montanhas verde-escuras cobertas de pinhais, os recantos de pescaria no rio. Ah, se pudesse viajar, nesse mesmo dia, de volta a casa! Já não via utilidade alguma em permanecer em Stuttgart. O exame, de qualquer modo, tinha sido um fracasso e pouco mais havia a esperar.

Comprou um pio de leite e vagueou o resto da tarde pela cidade, unicamente para não ter de enfrentar de novo o interrogatório do pai. Quando, finalmente, chegou à casa, o pai e a tia já estavam preocupados com a demora e, ao verem-no tão exausto e cabisbaixo, deram-lhe uma sopa de ovo e mandaram-no para a cama. Na manhã seguinte, havia ainda as provas de Matemática e

Conhecimentos de Religião. Depois, poderia embarcar de volta à terra.

As coisas correram muito melhor nesse dia. Hans dava-se conta, com certa amargura, de que estava acertando em tudo com facilidade, ao passo que, na véspera, numa das matérias principais, falhara desastrosamente. Mas tanto fazia. Agora era só pensar no regresso e malfadado às favas o malfadado exame.

— Acabou-se! — disse Hans à tia. — Agora é fazer a mala e voltar para casa.

Seu pai queria ficar ainda mais um dia. Tencionava fazer uma viagem a Cannstatt e tomar café no parque do balneário. Mas Hans tanto lhe suplicou que o deixasse partir, que o pai o autorizou a fazer, sozinho, a viagem de regresso à casa. Levou-o até à estação, recebeu da tia um beijo e um farnel para a viagem, meteu a passagem no bolso e deixou-se cair, esfalfado, no banco estofado do compartimento, contemplando de olhos semicerrados as verdes paisagens rumo a casa. Só quando divisou as colinas verde-escuras sentiu de novo, com um misto de alívio e ternura, a alegria do adolescente que reencontra uns braços amigos e matemos onde desabafar suas angústias. Alegrou-se ao ver a sua velha ama, que ainda o tratava de “meu menino” o familiar edifício da velha escola, com seus telhados baixos, e o seu pequeno quarto, tudo. tudo...

Felizmente, não tinha encontrado gente conhecida e curiosa na estação e pode correr, despercebido, até a casa.

— E Stuttgart? Está bonita? — perguntou a velha Anna.

— Bonita? Pois tu achas que pode ser bonita uma terra onde se tem de fazer um maldito exame?

— Não blasfeme, menino! Que bicho lhe mordeu?

— Está bem. O que eu te digo é que ainda me parece mentira estar outra vez em casa.

— E o que é feito do Senhor teu pai?

— Ele volta amanhã.

Hans bebeu um caneco de leite fresco e apanhou o calção de banho, que eslava pendurado perto da janela. Correu para a rua mas não se dirigiu ao gramado onde todos os demais banhistas costumavam gozar a fresquidão das águas.

Continuou andando para fora da cidade até um lugar onde o rio corria lento e profundo entre o arvoredo alto. Despiu a roupa e meteu uma mão, depois um pé, na correnteza, tateando a água. Sentiu um breve arrepio e, num mergulho rápido, atirou-se ao rio. Nadando vagarosamente contra a corrente fraca, Hans sentiu que todo o suor e todo o medo dos últimos dias eram expurgados de seu

corpo franzino. A euforia do reencontro com os prazeres de sua bela terra natal apossava-se de novo da sua alma. Nadou em braçadas mais rápidas e descansou, deitando-se de costas, o corpo voluptuosamente envolto numa agradável sensação de frescor e lassidão. Boiando, imóvel, deixou-se ir rio abaixo, o sussurrar das águas perto dos ouvidos. o céu cortado por velozes andorinhas, pequenos enxames de insetos prateados zunindo à sua volta. O sol já baixava sobre as montanhas e tingia as nuvens de tons róseos.

Quando, depois de enxugar o corpo, tomou a vestir as roupas e se encaminhou para casa, o vale já estava todo mergulhado nas sombras do fim da tarde.

Passou pelo jardim do comerciante Sackmann, onde ele outrora, com outros meninos, viera tantas vezes roubar ameixas verdes. E no terreiro da carpintaria do Kirchner, onde eram depositadas as brancas tábuas de pinho, lembrou-se de que ali, debaixo dessas tábuas, viera procurar muitas vezes minhocas para as suas pescarias.

Passou também pela casa do Inspetor Gessler, a cuia filha ele, dois anos antes, gostara de fazer a corte na pista de gelo. Ela fora a colegial mais graciosa e elegante da cidade. Era da mesma idade dele e, nessa época, nada desejara mais ardentemente, por algum tempo, que a oportunidade de falar com a moça e de lhe dar a mão enquanto patinavam. Nunca chegara a isto por causa de sua timidez, de que seus camaradas muitas vezes troçavam. Depois, ela fora mandada para um internato de meninas e Hans já nem se lembrava da sua fisionomia. Esses episódios antigos acudiam-lhe à memória, porém, como se chegassem do fundo de um tempo longínquo e eram tão cheios de vivos pressentimentos que Hans ficava sobressaltado. Eram menos uma grata recordação do que uma advertência: nada disso se repetiria e ele devia estar preparado para um caminho cheio de enigmas e sabe-se lá quantas dores e desilusões.

Não voltariam aqueles tempos em que ia sentar-se, de noite, no portão dos Naschold, contando histórias à bonita Liese, que o escutava embevecida enquanto descascava maçãs para a compota materna. Ou quando aos domingos, bem cedo, com as calças enroladas até os joelhos e a consciência pesada, fugia até à represa para pescar caranguejo e, na volta, apanhava uma surra do pai por ter enlameado e amassado o temo de domingo. Nessa época existiam ainda tantas coisas e pessoas enigmáticas, ou nas quais não mais voltara a pensar! O Schumächer de pescoço torto, o Strohmeyer, de quem se sabia, com absoluta certeza, que envenenara a mulher, e o “Sr. Beck”, um vagabundo de vara e

alforje que percorria todo o distrito de lés a lés, contando suas proezas de aventureiro, e a quem tratavam de “senhor” porque já tinha sido um homem abastado e possuíra até carruagem, tirada por duas parelhas de cavalos de raça. De todos eles, Hans pouco mais sabia do que os nomes. Tudo o mais sumira nas estranhas névoas de um passado de despreocupações e doía-lhe que esse pequeno e obscuro mundo de ruelas sinuosas tivesse morrido sem que, no seu lugar, surgisse algo que merecesse ser presenciado. Como a vida mudara em tão pouco tempo!

Como nada tinha a fazer até ao dia seguinte, decidiu aproveitar a sua liberdade e só chegou a casa tarde da noite.

Ao meio-dia, foi esperar o pai na estação. O Sr. Giebenrath ainda estava deslumbrado com a vida e os prazeres de Stuttgart

— Bom, se foste aprovado, podes fazer um pedido — disse ele, de bom humor. — Vai pensando no que queres.

— Mas eu tenho a certeza de que fui reprovado.

— Bobagem, rapaz! Tenho a certeza de que não aconteceu nada disso. Faz o pedido antes que eu me arrependa.

— Eu... queria pescar outra vez nas férias. Posso?

— Claro que podes. Que tem isso de mais?

— Mas é que...

— Cana, carretel, linha... tudo novo, é isso? Bom, podes contar com um equipamento completo se passares no exame.

No dia seguinte, um domingo, caiu um violento aguaceiro, acompanhado de trovoadas. Hans passou horas lendo e meditando em seu quarto. Recapitulava, com a maior exatidão possível, o seu desempenho em Stuttgart e chegava sempre à mesma conclusão: poderia ter feito muito melhor. Ele maneira nenhuma daria para passar. E aquela estúpida dor de cabeça! Uma crescente aflição o oprimia e, de súbito, não aguentou mais e saiu à procura do pai.

— Pai...

— Que queres?

— Quero fazer uma pergunta. É a respeito do meu pedido. Eu prefiro deixar a pesca.

— Ah, preferes? E a que se deve essa mudança de ideias?

— Aí é que está. Porque eu... Bom, por isso é que eu queria perguntar se...

— Homem, despeja togo!

— Bem, eu quero saber se posso ir frequentar uma universidade se falhar

na admissão ao Instituto.

O Sr. Giebenrath estava pasmado.

— O que? Universidade? Você? Quem botou isso na sua cabeça?

— Ninguém. Eu só pensei...

Hans estava deveras assustado com a reação do pai.

— Vamos, vamos, — disse o pai, com um riso forçado. — Isso são extravagâncias. Para a universidade! Tu achas que eu estou nadando em dinheiro, que sou desembargador ou coisa parecida? Ou Tübingen ou a trabalhar... está entendido?

Falou em tom tão enérgico que Hans achou mais prudente não insistir e saiu, desesperado.

— Mas que menino — ouviu ele o pai dizer ainda muito irritado. — Uma coisa dessas! Mas aí te queimas!

Hans foi sentar-se no parapeito da janela do seu quarto, os olhos pregados no assoalho recém-lavado, e tratou de imaginar o que seria a sua vida se não conseguisse entrar no seminário, se o pai não o deixasse ingressar numa universidade e os estudos lhe fossem definitivamente vedados. O pai colocá-lo-ia como estagiário num escritório, ou numa loja de cutelaria, ou de laticínios, e toda a sua vida estaria condenada a ser igual à daquela gente simples, sem ambições, que vegetava na pequena cidade, gente que ele desprezava e que tão ardentemente desejava superar. Seu bonito e inteligente rosto contraiu-se numa careta de raiva e frustração, saltou do parapeito, cuspiu pela janela aberta e foi pegar a Crestomatia Latina em cima da mesa, jogando-a com toda a força contra a parede. Quando o livro caiu no assoalho, de lombada para cima, Hans ainda lhe deu um pontapé e, depois saiu correndo para a chuva.

Na segunda-feira de manhã apresentou-se no colégio.

— Como vai? — disse o reitor, estendendo-lhe a mão. — Esperei que viesses ver-me ontem. Como correu o exame?

Hans deixou descair a cabeça.

— Que é isso? Não tiveste sorte?

— Acho que não.

— Então paciência, meu filho — consolou o velho. — É provável que o informe de Stuttgart só chegue esta tarde. Aguardemos com calma.

A manhã pareceu-lhe terrivelmente longa. O informe ainda não chegara e, ao almoço, Hans só conseguiu engolir soluços interiores.

Quando, às duas horas, voltou a tala de aula, o professor já aí se encontrava.

— Hans Giebenrath!— chamou ele em voz alta.

— Presente, senhor professor!

— Venha aqui à frente

Hans encaminhou-se até ao estrado, onde o mestre o aguardava de pé.

— Eu te felicito, Giebenrath — disse o professor, estendendo-lhe a mão. — Foste aprovado no exame oficial Estás classificado em segundo lugar.

Houve um silêncio solene. A porta abriu-se nesse instante, e entrou o reitor.

— Parabéns, meu filho! Que dizes tu agora a isso?

Hans estava paralisado de surpresa e júbilo.

— Então, perdeste a fala? — insistiu o reitor.

— Ah, se eu tivesse sabido! — exclamou Hans, por fim.

— Sabido o que? — indagou o professor.

— Se eu soubesse que era segundo teria feito um pouco mais de força para tirar o primeiro lugar!

Todos riram.

— Agora vai para casa e dá a notícia a teu pai — disse o reitor. — Não precisas voltar à escola. Aliás, as férias começam daqui a uma semana.

O rapaz saiu para a rua, tonto. Viu as tílias e a praça do mercado banhadas pelo sol, como sempre, mas tudo mais belo, mais alegre e significativo. Tinha passado! E estava em segundo lugar! Depois da emoção inicial, sentiu-se invadido de uma fervorosa sensação de gratidão. Não precisava mais evitar o pároco. Não precisava mais temer a cutelaria nem a loja de laticínios. Ia estudar. Ia estudar mais. E também ia poder agora pescar à vontade, quantos dias lhe apetecesse.

O pai encontrava-se à porta quando ele chegou.

— O que é que houve? — perguntou, desconfiado. — Por que saíste mais cedo da escola?

— Hum, nada de especial. Me dispensaram.

— O que? Mas por que?

— Porque agora sou seminarista maior!

— Mas... puxa! Então passaste?

Hans acenou que sim.

— E que mais? Sabes mais alguma coisa?

— Fiquei classificado em segundo lugar.

Por essa não esperava o velho. Ficou sem saber o que dizer; dava tapinhas no ombro do filho, ria, sacudia a cabeça e tremia-lhe o queixo. Depois abriu a

boca para dizer algo mas não foi capaz e sacudiu de novo a cabeça.

— Viva! Gritou ele, por fim. — Viva!

Hans correu para dentro de casa, subiu as escadas e entrou ao sótão, abriu impetuosamente um armário de parede e dele retirou várias caixas com rolos de linha, chumbos, pedaços de cortiça. Depois desceu para falar com o pai. Papai, me empresta o teu canivete.

— Para que?

— Preciso de cortar linha.

O pai meteu a mão ao bolso.

— Toma — disse ele, radiante com um ar generoso. — Aqui tens dois marcos para que compres o teu canivete. Quanto à cana e ao carretel novos, vou encomendá-los hoje. Arranja-te por agora com algum caniço, como fazias antes.

— Sim, pai.

— Olha, não vás comprar o canivete no Hanfried, que te escalda no preço. Vai direto na cutelaria, que é preço de fábrica.

Hans não se fez rogado e mandou-se a todo o vapor para a cutelaria. O dono indagou como fora o exame, ouviu a boa notícia, e para grande alegria do rapaz, presenteou-o com uma bonita faca de duas folhas e incrustações de madrepérola. Ao longo do rio e sob a ponte, não voltavam os esbeltos amieiros e as aveleiras, e depois de uma demorada escolha, cortou uma vara que lhe pareceu a mais perfeita e flexível. Experimentou a sua resistência e, dando-se por satisfeito, voltou correndo para casa.

Com o rosto corado e os olhos brilhantes, dedicou-se aos alegres preparativos de pesca, de que ele gostava quase tanto quanto a própria pescaria. Nisso se entreteve a tarde toda e parte da noite. As linhas brancas, marrons e verdes foram separadas meticulosamente, examinadas, consertadas e desembaraçadas de antigos nós. Cortou os pedaços de cortiça e aparou os tubos das penas coloridas que usava como moscas ou entalhou-os de novo. Com a ajuda de um martelo, afeiçoou os pedaços de chumbo de vários tamanhos, transformando-os em pequenas rodelas com chanfras para fazer peso na linha. Depois, foi a vez dos anzóis, de que ainda tinha um pequeno estoque. Amarrou uns poucos na linha de retrós preto, outros em fio de tripa e ainda outros em fio de crina entrançada. Ao cair da noite, tudo estava a postos e Hans tinha a certeza de que nas sete semanas de férias que tinha pela frente não haveria tempo para se aborrecer, pois com o seu caniço de amieiro ou a cana que o pai lhe prometera podia ele passar dias e dias inteiros sozinhos à beira d'água.



# 2

Férias de verão tem que ser assim mesmo. Um céu azul de genciana sobre as montanhas. Dias luminosos e quentes, semanas e semanas a fio, só interrompidos por uma passageira e violenta tempestade, que se dissolvia tão depressa quanto chegara. O rio, apesar de correr desde os seus mananciais no alto da serra entre fragas e bancos de cascalho rolado, à sombra dos imensos pinhais, chegava ao estreito vale tão quente como se nascesse nos trópicos e sua água oferecia-se aos banhos da garotada até tarde noite, sem perigo de resfriado. Em redor da pequena cidade cheirava a feno e junquilho. Os trigais estavam dourados, aguardando a chegada das ceifeiras com suas alegres cantigas e implacáveis foices. Ao longo dos riachos sinuosos erguiam-se, viçosas, as florescências brancas e amarelas da cicuta e outras umbelíferas, sempre cobertas de minúsculos insetos, e de cujas hastes, às vezes da altura de um homem, podiam se cortar flautas e apitos. Na margem do bosque, eram os renques compactos de majestosos verbascos, com suas florações douradas, os cachos purpúreos de boca-lobo e o denso e violáceo tapete de alfazema que balouçava suavemente e cobria as colinas de ponta a poma. Entrando no bosque, medravam, à sombra das bétulas e pinheiros, os dedos gigantes e vermelhos das dedaleiras, destacando-se das largas folhas prateadas. E por toda a parte proliferavam os cogumelos: o amanita, de uma transparência coralina; o gordo e saboroso boleto; o alaranjado cogumelo dos Césares, o trombeta-dos-mortos, escuro e ramificado como corola de uma flor de pesadelo, e o incolor, doentio cogumelo-grávido, com sua umbela tumefacta, quase cômica.

Sobre os numerosos desfiladeiros, entre o bosque e os gramados, fulgurava a ardente giesta, orlando os penhascos escalvados, e as alcachofras, os cardamomos, a beladona, a salva, as perpétuas, compunham um festival policromo que era uma embriaguez para os olhos. Nas ramarias, ouvia-se o trinar

incessante dos tentilhões e os guinchos dos esquilos, saltando de galho em galho. Nas valas secas e sobre os penhascos nus, verdes lagartixas ofereciam-se ao calor do sol e petos prados, num coro infatigável, grilos e cigarras trilavam suas canções estivais.

Nessa época, a cidade dava uma impressão bem rural; nas ruas circulavam a todo instante, grandes carroças carregadas de feno e, se não existem duas grandes fábricas, poder-se-ia pensar que era apenas uma aldeia, inteiramente voltada às lides do campo.

Cedo, na manhã do primeiro dia de férias, Hans postou- se, impaciente, na cozinha, esperando pelo café e quase fazendo a velha Anna saltar da cama. Ajudou-a a acender o fogão, foi buscar pão fresco na padaria, engoliu rapidamente o café com leite, enfiou o pão no bolso e precipitou-se para a rua, carregando o seu equipamento de pesca. Dirigiu-se primeiro até ao leito da via férrea, onde fez uma parada. Tirou da bolsa uma lata redonda, que já servira ao fumo de cachimbo do pai, e pôs-se a perseguir gafanhotos. Estava absorvido nessa tarefa quando se aproximou o trem. Não vinha correndo, pois naquele trecho a estrada de ferro galga uma ladeira que obriga o trem a uma lenta e penosa marcha. Os carros traziam todas as janelas abertas e poucos passageiros. Há quanto tempo ele não assistia a esse espetáculo! A locomotiva, resfolegante, ia deixando atrás de si uma longa e alegre flâmula de vapor e fumaça. Hans ficou ainda olhando o trem que se afastava e observou como a fumaça branca se dissipava e perdia no ar claro da madrugada. Respirou fundo, como se quisesse recuperar com juros todo o tempo perdido e voltar a ser, por algumas semanas, o menino irrequieto e estouvado de outros anos.

A lata cheia de gafanhotos, caniço ao ombro, a bolsa batendo-lhe ritmadarnente na coxa, Hans atravessou a ponte e, passando por detrás dos jardins e pomares, foi até Gaulsgumpen, que era o local mais fundo do rio. Havia aí um recanto onde se podia pescar mais tranquila e confortavelmente, encostado ao tronco de um velho salgueiro, e Hans instalou-se. Desenrolou a linha, colocou os chumbos, espetou sem pena um gafanhoto no anzol e, dando um ágil impulso, jogou a linha para o meio do rio. Começou então o velho jogo: os mugens logo afluíram em grandes cardumes, rodeando a isca e tentando arrancá-la do anzol. Não tardou que devorassem o gafanhoto. Hans recolheu a linha e colocou outro gafanhoto, que ainda esperneava quando mergulhou na água. A mesma coisa. Mais um gafanhoto, e o quarto, e o quinto. Ele empenhava-se em prendê-los com o maior cuidado mas os desvergonhados mugens sempre davam um jeito de arrebatar-lhe a isca. Colocou então mais peso na linha e, daí a pouco, um peixe

de bom tamanho se acercou do anzol, experimentando a isca. Deu um primeiro puxão, soltou a isca, tentou outra vez. E agora mordeu! Isso nenhum pescador que se preze deixa de sentir nos dedos, através da linha e do caniço! Hans esticou um pouco mais a linha, para lhe tirar folga, mas sem deixar que um leve puxão espantasse o peixe. Sentiu então o caniço estremecer, sinal de que a sua vítima agarrara firme o anzol. Começou recolhendo lentamente a linha. O peixe estava preso e assim que surgiu à tona da água, Hans reconheceu-o imediatamente. Era um olho-de-fogo. Reconhece-se à primeira vista pelos grandes círculos vermelhos em tomo dos olhos vítreos, o dorso robusto e amarelado, a cabeça triangulada e as listras cor de carne das nadadeiras. Quanto pesaria? Mas, antes que pudesse fazer o cálculo, o peixe teve um desesperado arranco, agitou-se apavorado sobre a superfície da água e, quebrando a linha, fugiu. Hans ainda o viu agitar-se, como que procurando reaver o sentido de orientação, e depois sumir, como um raio prateado, nas profundezas do rio.

Esse fracasso ainda mais despertou no rapaz uma apaixonada obstinação. Seu olhar permanecia fixado nas águas quietas, procurando penetrá-las e seguir a direção da linha marrom até onde estivesse o anzol. Tinha as faces coradas, seus movimentos eram breves e seguros. Um segundo olho-de-fogo (ou seria o mesmo?) mordeu a isca e, desta vez, Hans trouxe-o para terra; depois, foi uma carpa, outra carpa e três traíras, uma atrás de outra. As traíras deram a Hans grande alegria, pois era um dos peixes favoritos de seu pai. Têm o corpo gordo, com escamas finas e uma engraçada barbicha branca, olhinhos pequenos; a cor é entre o verde e o marrom mas depois de ficar algum, tempo em terra vira azul-chumbo.

Entrementes, o sol se levantara, a espuma da represa ganhou reflexos de neve fresca, as águas foram encrespadas por uma brisa tépida e, ao erguer a vista para os picos do Muckberg, divisavam-se algumas nuvens delicadas, não maiores que um punho fechado. O dia começava agora esquentando. Nada expressa melhor o calor de uma manhã quente de verão do que as esparsas e tranquilas nuvens que ficam pairando, muito quietas e muito brancas, a meia altura entre as montanhas e o azul, tão encharcadas de luz, que não se pode olhar para elas muito tempo sem que doa a vista. Muitas vezes, sem elas, não se perceberia sequer que fazia calor. O cintilar da superfície do rio e a uniformidade serena do céu azul não conseguem transmitir essa impressão mas, logo que se veem esses enfumados velejadores rondando as balizas das montanhas, roçando os picos com seus dorsos brancos e rechonchudos como novelos de algodão, sente-se bruscamente o sol arder, procura-se uma sombra e passa-se a mão pela

testa úmida.

Hans começou prestando menos atenção ao anzol. Sentia-se agora um tanto fatigado e, além disso, não se costuma pescar coisa de jeito nas horas em tomo do meio-dia. Os lambaris, sobretudo os maiores e mais velhos, sobem nessa hora à tona da água, na mira de pegar um pouco de sol. Nadam distraídos, em grandes e escuros cardumes rio acima, e assustam-se ao menor movimento ou, outras vezes, sem motivo algum para que mergulhem espavoridos, em todas as direções. Então é inútil pensar em apanhá-los. Não veem o anzol ou, se acaso o veem, não lhe dão importância alguma.

Hans deixou a linha pendurada para a água, passando-a sobre o galho de um salgueiro, espetou o caniço na terra solta e sentou-se no chão, contemplando a água verde. Lentamente, os peixes vinham à tona, atraídos e deliciados cora a água tépida. Hans descalçou as botas e as meias, e deixou os pés mergulharem no rio. Olhou os peixes por ele pescados e que ainda estrebuchavam num grande balde cheio de água. Como eram belos! Uns prateados, outros azulados, ainda outros brancos, marrons, ouro fosco, brilhando a cada movimento nas escamas e nas barbatanas.

Estava tudo muito calmo. Apenas se ouvia, na distância, o ranger das carroças ao atravessarem a ponte e o gemido arrastado da roda da azenha. No mais, era apenas o sussurrar constante da água no açude, aquele fervilhar da espuma indolente que tecia caprichosos rendilhados ao libertar-se o rio do freio da represa, para continuar correndo, e solto, por entre prados e campinas.

Grego e latim, gramática e estilística, aritmética e álgebra, decorar, recitar, redigir, toda a agitação torturante de um longo e inquieto ano afundava na sonolência daquela hora cálida. Hans sentia dor de cabeça mas não tão forte como das outras vezes; e agora podia ficar ali sentado o tempo que quisesse, à beira d'água, contemplar a espuma se desfazendo na represa, os peixes de boca aberta que se debatiam no balde. Tudo isso era delicioso. A meio de suas divagações, recordou-se que passara no exame oficial, que tirara o segundo lugar, e agitou os pés dentro da água morna, ruidosamente, enfiou as mãos nos bolsos e assobiou uma canção de estudante. Aliás, não sabia assoviar direito nem tinha muito ouvido, o que já fora antiga preocupação sua e causa de muita gozação dos colegas. Só era capaz de assobiar entre dentes e, mesmo assim, nunca lhe saia forte e sonoro como gostaria; mas bastava para o gasto doméstico e ali ninguém o ouvia. Os outros estavam àquela hora nas aulas; era a hora da geografia, dos nomes de rios e montanhas em países exóticos de cuja existência e localização tinham apenas uma vaga ideia. Mas ele fora dispensado. Estava

livre, livre como o rio depois da represa, livre para correr por onde quisesse. Passara-os a todos para trás. Não poucas vezes haviam judiado com ele nos recreios. Além de August, não fizera outras amizades no colégio, pois não sentia prazer algum nas brigas e molecagens dos colegas. E agora era ele quem estava por cima. Os outros, esses cabeças duras, tinham agora de olhá-lo com inveja quando o viam passar a caminho do rio — e eles, livros sob o braço, a caminho da escola. Desprezava tanto os seus antigos colegas que até parou de assobiar para fazer uma careta e cuspir para a água. Por fim, começou enrolando a linha e teve de rir, pois não havia sombra de isca ou anzol. Soltou os restantes gafanhotos da lata redonda e viu-os arrastarem-se, atordoados, pela grama rasteira. Arrumou tudo e voltou para casa. Era meio-dia.

Na mesa, durante o almoço, pouco se falou.

— Pescaste alguma coisa? — indagou o pai.

— Cinco peixes.

— Nada mau, eh? Mas presta atenção. Não pegues os velhos senão acaba-se o viveiro. A desova deve estar começando.

A conversa ficou por aí. Estava tanto calor que nem apetecia abrir a boca mais do que o estritamente necessário. Era uma pena que o pai não o deixasse tomar banho logo depois da comida. Sempre gostaria de saber por quê. Seria prejudicial? Bobagem, essa história de que fazia mal. Hans sabia isso melhor do que o pai! Quantas vezes, apesar da proibição, ele se esgueirara, furtivamente, até ao rio e dera um belo mergulho, depois do almoço! Mas agora não faria mais dessas travessuras. Santo Deus, no exame até o haviam tratado de “senhor”!

Em última análise, também não era mau ficar uma hora no jardim, deitado à sombra da magnólia. Podia ter ou observar as borboletas multicoloridas que esvoaçavam de canteiro em canteiro. Foi o que fez. Estendeu-se na vasta sombra e, de barriga para o ar, tentou distinguir as diversas espécies de borboletas que lhe passavam sobre o nariz. Duas horas se escoaram e por pouco não adormeceu. Ah, e agora o banho! Havia apenas alguns guris no gramado; os mais velhos estavam nas aulas e Hans não os invejou, sinceramente. Desembaraçou-se vagarosamente da roupa e entrou na água. Sentia prazer em gozar, alternadamente, o frescor do rio e o calor das margens. Ora nadava um pedaço, mergulhava ou flutuava de costas, ora subia para o gramado, o corpo reluzente de água, e estirava-se ao comprido, de bruços, sentindo o sol dardejar-lhe nas costas e sacar-lhe rapidamente a pele. Depois caía outra vez na água e a operação se repetia por horas. A gurizada mantinha-se ao largo, olhando respeitosamente para Hans. Sim, ele era agora uma celebridade. E também tinha uma aparência

física bem diferente dos outros. Sobre o pescoço moreno e fino, Hans movia com elegância a cabeça de traços delicados, enriquecida por um rosto de expressão espiritual, onde brilhavam intensamente os olhos vivos, indagadores. Do pescoço para baixo era excessivamente magro, tinha os membros muito descarnados e lisos; no peito e nas costas quase que se podia contar as costelas e não tinha barriga de perna. Sabia que alguns colegas tinham espalhado o apelido abjeto de “esqueleto em pé” e Hans jurara vingar-se um dia. Tinha agora a sensação de que a hora estava próxima.

Passou a tarde inteira nesse vaivém entre a água e o sol. Depois das quatro, começaram surgindo, em tropel e aos gritos, os seus antigos companheiros de colégio. Tiravam apressadamente as roupas e entravam na água com um terrível estardalhaço.

Hans vestiu-se e deixou-se ficar estendido no gramado, cruzando os braços sob a nuca.

— Olha o Giebenrath! Esse sim. é um felizardo!

— Eh, Giebenrath! Te corre bem a vida, eh?

— Sim, vai indo, vai indo — respondia Hans, sem se mover.

— Quando tens de entrar no seminário?

— Só em setembro. Agora estou em férias.

Deixou-se invejar à vontade. Nem se importou quando se apercebeu de que alguns o gozavam discretamente e um deles cantarolou:

SE EU TIVESSE TEMPO ASSIM,
ESTARIA COM LISABETH,
MAS ELE DORME O DIA TODO
E O NAMORO NÃO PROMETE!

Hans apenas riu. Entrementes, os rapazes saltavam na água como potros à solta. Um deles, exímio mergulhador, foi muito admirado. Um outro, muito medroso, foi empurrado por detrás para o rio e caiu desamparado, soltando um palavrão. Perseguiam-se uns aos outros, corriam pela grama, nadavam, borrifavam os que tinham vindo secar para terra. A vozearia era grande e toda a largura do rio brilhava de corpos claros e reluzentes.

Hans resolveu ir embora daí a pouco. Avizinhar-se-iam em breve as horas tépidas do entardecer, quando os peixes mordem de novo. Foi buscar seus

apetrechos e, até à hora do jantar, deixou-se ficar sentado na ponte. O que pescou ou nada era a mesma coisa. Os peixes corriam avidamente para o anzol e devoravam a isca num abrir e fechar de olhos. Tinha colocado cereja no anzol mas, aparentemente, eram maduras demais e desfaziam-se antes do peixe morder firma. Resolveu fazer nova tentativa mais tarde e voltou para casa.

Durante o jantar, soube que muitos conhecidos seus tinham aparecido para felicitá-lo. E o pai mostrou-lhe, sorridente, o número desse dia do jornaI da terra, onde se lia, na seção de “Notícias Pessoais”, o seguinte suelto:

> **Para o exame de admissão ao Seminário Teológico, a nossa cidade enviou este ano um único candidato, o Sr. Hans Giebenrath. Para nosso júbilo, fomos informados de que o nosso jovem mas brilhante concidadão obteve um honroso segundo lugar entre mais de uma centena de candidatos. As nossas felicitações.**

Hans dobrou cuidadosamente a folha, enfiou-a no bolso e nada comentou, mas por pouco não estourava de alegria e orgulho.

Depois, foi pescar de novo. Como isca, levou desta vez pedaços de queijo: os peixes gostavam e o queijo tinha a vantagem de poder ser visto por eles na penumbra.

Deixou o caniço em casa e levou apenas um anzol e linha. De fato, era essa a sua maneira preferida de pescar; segurava a linha na mão, enrolando uma ponta no dedo indicador, sem caniço nem guias. Era um processo mais penoso mas muito mais divertido. Dessa maneira se controlava cada movimento do anzol, sentia-se a mínima mordida na isca e era possível observar a luta do peixe como se ele estivesse diante dos olhos do pescador. Naturalmente, é preciso entender e ter muita prática, dedos ágeis e sensíveis, e estar atento como um espião.

No estreito e profundo vale, a penumbra do crepúsculo desceu cedo pelas vertentes escarpadas. A água do rio aquietou- se e escureceu debaixo da velha ponte, na casa da azenha já havia luz. Conversas, risadas e uma ou outra cantiga escorriam, confusas, das janelas abertas para as ruas em tomo da ponte. O ar

estava abafadiço e no rio, a todo instante, pulava fora da água um peixe escuro, voltando a mergulhar com um breve “ploff”. Nessa noite, os peixes estavam curiosamente excitados, talvez por causa do mormaço; nadavam em rápidos ziguezagues, saltavam para o ar e batiam na linha de pesca, atirando-se cegos para a isca. Quando o último pedacinho de queijo foi utilizado, Hans tinha no seu balde quatro carpas, que pretendia oferecer no dia seguinte ao pároco.

Um vento momo percorria o vale. Escurecera muito mas, em compensação, o céu ainda tinha alguma claridade, uma luz baça que não chegava para desfazer as sombras projetadas pelas montanhas sobre a cidade. Apenas se destacavam as silhuetas sobranceiras da torre da igreja e do zimbório do palácio da prefeitura. Uma tormenta devia estar caindo em algum lugar distante, pois se ouvia nitidamente, uma vez por outra, o rolar surdo e longínquo do trovão.

Quando Hans se meteu na cama, às dez horas, tinha a cabeça e os membros tão agradavelmente cansados e sonolentos como não sentia há muito tempo. Uma extensa cadeia de bonitos dias de verão desenrolava à sua frente, livres e promissores de contínuas venturas. Excursionar, pescar, tomar banhos no rio e sonhar — eis o seu atraente programa. Somente uma coisa o mortificava ainda: não ter conquistado o primeiro lugar.

De manhã cedo, Hans apresentou-se na casa do pároco para fazer entrega dos seus peixes. O pastor saiu de seu gabinete de estudo ao encontro do rapaz.

— Ah, Hans Giebenrath! Bom dia! Parabéns, de todo o coração te felicito! O que é isso aí?

— Uns peixes... Pesquei-os ontem à noite.

— Ah, vejam só! Muita amabilidade tua. Obrigado, Hans. Mas entra, entra!

Hans entrou no gabinete de estudo do pastor, cujo ambiente lhe era tão familiar. Aliás, muito pouco se parecia com a residência de um pároco. Não cheirava a fumo de charuto nem a defumadores de essências beatas. A considerável biblioteca exibia quase exclusivamente lombadas ainda novas, encadernações douradas e laqueadas de recente data, não os desbotados, carunchosos e bolorentos volumes que geralmente se encontram nas bibliotecas dos padres. Uma observação mais atenta mostrava, pela simples leitura dos títulos dos livros criteriosamente arrumados que havia ali um espírito arejado e renovador, bem diferente dos sacerdotes da geração anterior. As consagradas joias da biblioteca de um pároco tradicional, os Bengel, os Ötinger Steinhofer e os devotos poetas líricos que Mörike exaltou, em tão cristalinos versos, no seu

Turmhahn, tinham sumido daqui ou, então, haviam soçobrados na quantidade maciça de obras modernas. Tudo, desde as pastas com revistas sobre as mais diversas especialidades filosóficas e cientificas até à imensa escrivaninha onde se espalhavam as laudas manuscritas, emprestava ao ambiente o ar mais do gabinete de trabalho de um intelectual ou de um catedrático do que de um pároco provinciano. De fato, tinha-se a impressão de que ali se pensava muito. E de que também se trabalhava coro afinco mas substancialmente menos em sermões, catequeses e aulas evangélicas do que em pesquisas e artigos para jornais intelectuais e investigações preliminares para os livros de autoria própria. As meditações místicas estavam banidas daquele lugar. Banida também a ingênua teologia sentimentalista, que dá as costas às frias explicações científicas para se debruçar, compassiva e amorosa, sobre a alma sedenta do povo e mitigar sua ânsia de mistério e sobrenatural. Era vez disso, o nosso pároco dedicava-se à análise crítica da Bíblia e estava realizando agora uma investigação exaustiva sobre o Cristo histórico.

A Teologia não é diferente de muitas outras coisas. Existe uma teologia que é arte e outra que é ciência ou que, pelo menos, se esforça por sê-lo. Isto não constitui novidade alguma e sempre assim foi, ontem como hoje, pois os cientistas são propensos a menosprezar os vinhos velhos, pensando nas futuras safras, ao passo que os artistas se contentam com aqueles e pouco estão interessados em saber se haverá novas safras ou não, ou o gosto que terá o vinho de uvas que ainda não brotaram nos vinhedos. E a gente comum prefere às explicações dos homens de Ciência as ilusões e equívocos dos artistas, portadores de alegrias e consolações imediatas. Ê a antiga luta desigual entre a criação e a crítica, entre a arte e a ciência, em que esta tem sempre a razão sem que se tire algum proveito disso e aquela faz eternamente brotar nos corações humanos a semente da crença, do amor, da beleza e dos pressentimentos de eternidade, e encontra sempre terra boa onde frutificar. Pois a vida é mais forte e apaixonada do que a morte, e a crença é mais poderosa do que a dúvida.

Pela primeira vez em sua vida, Hans foi convidado a sentar-se no sofá de couro pregueado entre a escrivaninha e a janela. O pároco mostrava-se excessivamente gentil e, num ar de completa camaradagem, contava episódios da vida no seminário, o que lá se fazia e estudava.

— A novidade mais importante que irás encontrar por lá — disse o pastor — é a introdução ao estudo do Novo Testamento apostólico grego. Com isso se abrirá para ti um novo mundo, rico de alegrias e trabalho sugestivo. No princípio, a língua dar-te-á algumas dores de cabeça. Não é mais o grego ático a

que estás habituado mas um novo idioma, criado por um novo espírito.

Hans escutava atentamente e era com um secreto orgulho que sentia serem-lhe franqueados, desde agora, os domínios da verdadeira ciência, de cujo limiar se aproximava a grandes passos.

— O método de estudo que irás conhecer — prosseguia o sacerdote — tira, naturalmente, muito do encanto a que estavas habituado. Terás de reformular tuas ideias, perder um pouco do lirismo romântico das velhas convicções e encarar o mundo sob o prisma, digamos, realista. Ah, e começarás estudando hebraico, talvez de um modo excessivamente unilateral. É essa uma matéria que está clamando por revisão urgente.

Hans estava literalmente esmagado. Não só se lhe desvendavam perspectivas insuspeitadas de estudo mas via-se desde |à envolvido numa posição crítica, via-se obrigado à controvérsia e, possivelmente, a ter de tomar partido. A ideia confundia-o, quase o assustava.

— Se tiveres vontade, poderemos aproveitar as férias para um cursinho de introdução — sugeriu o pároco. — Acho que ficarias contente se, quando chegares ao seminário, te sobrasse tempo e energia para outras coisas. Poderíamos ter juntos alguns capítulos de Lucas e, ao mesmo tempo, familiarizavas-te quase brincando com o idioma. Posso-te emprestar um dicionário. Dedicarias a isso uma hora, no máximo duas horas por dia. Claro, antes de tudo está o teu bem merecido repouse. Estou fazendo apenas uma sugestão... Não quero estragar com isso a bela sensação de férias. Que dizes tu?

Hans disse que estava de acordo. Embora essa aula de Lucas lhe parecesse uma nuvem ameaçadora no imaculado céu azul de sua liberdade, envergonhava-se de rejeitar a proposta. E aprender nas férias um novo idioma clássico, quase sem sentir, seria mais um prazer do que uma obrigação, sem dúvida. Das muitas matérias novas que teria de estudar no seminário, o Hebraico era uma das que lhe causavam um certo receio, sem saber muito bem explicar porque. Essa introdução nas férias talvez fosse proveitosa para dissipar lhe o inexplicável temor.

Saiu da casa do pároco não inteiramente descontente e subiu a ladeira de Lärchenweg na direção do bosque. O leve motivo de desagrado foi depressa superado por considerações práticas. Hans sabia que, no seminário, teria de estudar ainda mais afincadamente se quisesse, como era sua tenaz ambição, continuar deixando para trás todos os seus colegas. Por quê? Por que essa ânsia constante de suplantar os outros, de mostrar que era melhor do que eles? Muitas vezes fazia essa pergunta a si próprio mas não encontrava resposta. Nos últimos

três anos, todos haviam concentrado nele suas atenções — os professores, o pároco, o pai e, sobretudo, o reitor — estimulando-o e obrigando-o a manter-se à altura de tantas expectativas grandiosas à sua volta. E durante todo esse tempo, de ano para ano, de classe para classe, fora sempre o incontestado primeiro aluno, aquele de quem se espera sempre a mais brilhante prova, a mais arguta resposta. Com isso se instilara no espírito de Hans o orgulho do líder, não tolerando ver alguém a seu lado. E passara aquele medo tolo dos exames. Saíra da prova de fogo mais confiante em sua capacidade.

Por certo, as férias eram o mais belo de tudo. Como estava maravilhoso o bosque a essa hora matinal, sem outro passeante senão ele entre as convidativas sombras! Em filas compactas, os pinheiros formavam uma imensa abóbada azul-verde, por onde se filtrava uma luz de catedral. Aqui e ali, espessas moitas de framboesas brotavam do solo musgoso. As róseas campânulas dos hibiscos sobressaíam entre repuxos verdes e rendilhados de samambaias. O orvalho começava se evaporando e os primeiros calores atingiam o solo úmido, coalhado de agulhas de pinheiros e cogumelos, dele desprendendo uma tênue e vaporosa neblina, translúcida e abafada, onde os raios do sol refletiam súbitos arco-íris. Hans jogou-se no chão, aspirando em largos sorvos o ar impregnado de resina fresca. Ouvia os pica-paus martelando num ou outro velho tronco e o canto ciumento de um cuco num pinheiro vizinho. Espreguiçou-se, em gestos morosos, e pôs-se de pé. Foi colher negras amoras silvestres, saboreando o seu travo agridoce com sensual deleite. Voltou a deitar-se do musgo, a boca cheia de amoras. Pensara em fazer um longo passeio até ao sítio de Lützeler, onde havia o prado de açafrão, mas sentia-se indolente. Outrora, uma caminhada de três ou quatro horas nada era para ele mas, agora, admirava-se daqueles súbitos cansaços. Decidiu cobrar ânimo e caminhar um bom pedaço. Mas, não cobrira ainda cem metros e, sem saber como, via-se de novo deitado no musgo, respirando forte, os olhos pestanejando contra o sol que escorria entre as ramadas dos pinheiros e punha alegres manchas amarelas no chão fofo. Era o ar forte que o cansava tanto?

Quando regressou à casa, perto do meio-dia, estava novamente com dores de cabeça. Também lhe doíam os olhos; ao descer pela vereda do bosque, o sol de frente ofuscara-o demais e chegara a casa com a vista lacrimejante. Ficou parte da tarde no seu quarto, mal-humorado, e só durante o banho sentiu algum reconforto. Estava na hora de ir visitar o pároco.

Pelo caminho, o sapateiro Flaig, que estava sentado num tripé, junto da janela de sua oficina, chamou-o e convidou-o a entrar.

— Onde vais, meu filho? Já não te vejo mais!

— Preciso de ir ver o pároco.

— Ainda? O exame já passou!

— Sim, mas agora tenho outras coisas. Ando a estudar um Novo Testamento em grego. Mas é um grego completamente diferente do que eu aprendi e é bom que eu entre no seminário, ao menos com algumas luzes. Além disso, o hebraico...

Hans — interrompeu Flaig, falando em voz baixa mas firme. — Até agora estive calado, por causa dos exames, mas ji é tempo de eu te advertir.

— Advertir por quê? — disse Hans, surpreendido.

O sapateiro empurrou o boné para a nuca e franziu sua ampla testa em três grossas pregas.

— Hans, precisas saber que o pároco é um descrente. Ele vai querer te provar que as Sagradas Escrituras que nós conhecemos são falsas. E quando tiveres acabado essa leitura grega com ele, tu próprio sentirás que perdeste a antiga crença sem saber como isso aconteceu.

— Mas. Sr. Flaig, se é matéria do seminário! De qualquer maneira terei de estudar, agora ou mais tarde.

— É o que tu pensas! Uma coisa é estudar a Bíblia com mestres devotos e conscienciosos, fiéis à tradição sagrada, e outra é estudá-la com esses livres-pensadores que não sabemos sequer se creem no nosso Deus!

— Não há prova alguma de que o nosso pastor não creia em Deus. Sr. Flaig. Acho essa um pouco forte.

— Achas, não? Pois há provas, sim, há provas!

Hans ficou deveras impressionado com essa afirmação peremptória do beato Flaig.

— Mas o que é que eu vou fazer? — disse o rapaz, vacilante. — Já combinei com ele que vou.

— Bom, se combinaste tens de ir; é claro. Mas se ele começar dizendo coisas absurdas sobre o Novo Testamento, que é obra de gente como nós, que não foi inspirado pelo Espírito Santo e que está cheio de falsidades históricas, então me prometes que virás falar comigo para discutir o assunto. Prometes?

— Sim. Sr. Flaig. Mas tenho a certeza de que não vai ser tão grave assim.

— Tu verás, tu verás! Pensa no que eu te disse.

O pastor ainda não chegara a casa da missa e Hans esperou-o no gabinete de estudo. Enquanto percorria com o olhar os títulos nas lombadas dos livros, teve de pensar nas palavras de advertência do beato Flaig. Já ouvira muitas

coisas parecidas sobre o pároco e os padres modernos, em geral. Mas agora, pela primeira vez, sentia-se atraído, com uma curiosidade tensa, para aprofundar essas delicadas questões. O problema não lhe parecia tão grave e demoníaco quanto ao sapateiro e, pelo contrário, as advertências mais o impeliam ainda para o terreno proibido, na antecipação inebriante de poder desvendar antigos e bem guardados segredos. Nos seus prévios anos de escola, as interrogações sobre a onipresença de Deus, o paradeiro das almas, a existência do Diabo e do Inferno, tinham-no amiúde excitado e provocado meditações fantasmagóricas em seu espírito incipiente. Porém, nos últimos anos de estudos árduos, todas essas indagações tinham ficado adormecidas, jogadas num canto obscuro da mente, de mistura com muitas crendices infantis. Só as conversas ocasionais com o sapateiro despertavam em Hans sua crença cristã e a impressão de um envolvimento pessoal nos destinos da fé. Teve de sorrir quando lhe ocorreu uma comparação entre Flaig e o pároco. A áspera intransigência do sapateiro, consolidada ao longo de muitos anos de vida amarga, era incompreensível para o rapaz. Reconhecia que Flaig era um homem inteligente mas de ideias simplistas e parciais. Muitos o ridicularizavam por causa de seu pietismo obstinado. Nas assembleias da sua confraria, onde Flaig se reunia com os seus irmãos de crença para lerem as horas, o sapateiro era tido na conta de severo juiz e considerável autoridade na interpretação das Sagradas Escrituras, sendo por isso acatados os sermões que costumava pregar em todas as aldeias circunvizinhas. Mas, fora disso, era um modesto operário e de vistas tão curtas quanto os seus demais camaradas.

O pároco, pelo contrário, era não só um sujeito esclarecido, pregador desembaraçado e de verbo fácil mas, sobretudo, um disciplinado e incansável estudioso, o único homem verdadeiramente erudito que Hans conhecera até então. Estava ele observando, com o maior respeito, os livros alinhados nas estantes, quando o pastor entrou no gabinete. Trocou a sotaina por um casaco leve, de casimira preta, e sentou-se à escrivaninha. Entregou ao estudante um volume do Evangelho de S. Lucas, em grego, e pediu-lhe que lesse alguns versículos. O ambiente era de sem-cerimônia, totalmente diverso do das aulas de Latim. Hans leu um trecho e o pastor fez a sua tradução literal, apontando habilmente as peculiaridades da narrativa e os conceitos essenciais do idioma, para justificar num contexto histórico e linguístico o modo como aquele documento evangélico fora elaborado. Ao fim de uma hora, Hans deu-se conta que aprendera todo um novo conceito de ler e interpretar o que lia. Apercebeu-se de quantos enigmas e laboriosas implicações havia ocultos num simples

vocábulo, do sentido de uma frase aparentemente clara, e pareceu-lhe que, nesse instante, estava sendo admitido ao círculo austero e implacável dos pesquisadores da Verdade, que há milhares de anos meditavam e especulavam sobre as grandes interrogações da vida.

Recebeu emprestados um dicionário e uma gramática, e continuou trabalhando em casa até tarde da noite. Agora sabia quantas montanhas de trabalho e de saber teria de escalar paia que seu espírito pudesse vislumbrar os horizontes claros da Verdade e estava decidido a abrir caminho até esses cumes, sem desperdiçar um único passo. Flaig estava por agora esquecido.

Durante alguns dias, Hans embebeu-se inteiramente em sua tarefa. Ia todas as noites a casa do pastor e, a cada dia que passava, mais a erudição lhe parecia uma difícil mas desejável meta. Pela manhã ia pescar e, a meio da tarde, tomava seu banho no rio. O resto do tempo ficava em casa. A ambição conjugava-se com a euforia de seu triunfo nos exames e, apesar de tudo, um inextinguível receio do que teria ainda de enfrentar — um amálgama de sentimentos que estava vivo outra vez nele e não mais o deixava tranquilo. Ao mesmo tempo, aquela estranha sensação começou de novo a agitar-lhe a cabeça, agora mais frequentemente do que nos últimos meses; não era bem uma dor, pelo menos, uma dor que ele pudesse localizar e definir; era, antes, um movimento acelerado, um latejar impetuoso como se uma força poderosa e excitante quisesse empurrá-lo para frente. Depois vinha, é claro, a dor de cabeça, agora física e concreta; mas, enquanto ela não aparecia, Hans avançava fogosamente nas leituras e as frases mais difíceis de Xenofonte, que antes lhe tinham dado tanto trabalho e custado tantas horas de desesperado esforço, eram agora lidas quase brincando, raramente precisando de recorrer ao dicionário ou às gramáticas. Com essa febre de trabalho e sede de compreensão intelectual, mais crescia no estudante a orgulhosa consciência de sua dignidade pessoal, como se escola, os mestres, os anos de aprendizagem, já pertencessem a um longínquo passado e Hans percorresse agora um caminho próprio, rumo a um saber e um poder que o colocavam acima do comum dos mortais.

Hans dormia mal. O sono leve era frequentemente interrompido por visões de uma estranha limpidez. Quando acordava, a meio da noite, por causa de uma de suas dores de cabeça, e não conseguia conciliar de novo o sono, essa mesma impaciência de progredir, esse orgulho insatisfeito de uma superioridade que ansiava por conquistar a todo o preço, faziam desfilar diante de seus olhos imagens gloriosas, em que ele surgia à frente de uma multidão de estudantes e os professores o olhavam com respeito, trocando entre eles comentários de

admiração.

Ora, a verdade é que o reitor do colégio sentira um prazer íntimo ao ter conhecimento do primeiro êxito público desse moço que ele orientara nos primeiros passos e cujas ambições atuais fora o primeiro a incentivar. Quanto aos professores, não se pode dizer que tivessem corações de pedra e fossem todos uns pedantes ou uns caducos! Nada disso. Quando um professor vê que o talento de um jovem, por longo tempo cultivado, brota e floresce por fim; que o menino travesso põe de lado a espada de madeira, o estilingue, o arco e a flecha de borracha, e começa levando a sério o seu trabalho; que o garoto desajeitado e bochechudo se converte num adolescente de rosto esguio, pálido, quase ascético, de expressão mais madura e espiritual, de olhar mais sereno e refletido, de mão mais finas e calmas, onde já não se veem unhas cheias de terra e dedos esfolados, então a alma do mestre rejubila e seu rosto abre-se num sorriso de desvanecimento e orgulho. O dever da sua profissão e da missão que lhe foi confiada peto Estado é dominar e exterminar na criança as forças rudes e anárquicas de seus instintos primitivos, controlar os desejos naturais e convertê-los em ideais reconhecidos pela sociedade. Muitos que hoje são cidadãos respeitados por suas atividades construtivas ter-se-iam tomado, sem os esforços da escola, em meros inovadores impetuosos, desregrados, estéreis, sonhando com obras que jamais poderiam realizar. Sem a escola, haveria sempre neles algo selvagem, inculto, perverso, disposto a atear um incêndio mas sem saber como extingui-lo. O homem, tal como a natureza o cria, é algo imprevisto, opaco e perigoso. É o rio que irrompe, caudaloso, do seio de uma montanha e, se não lhe for traçado um curso, se não lhe impuserem represas, alagará campos férteis, destruirá casas e vidas, acabará se perdendo, cego e extenuado, antes de atingir o mar. É a floresta virgem que tem de ser clareada e limpa, a que tem de ser traçados limites para que não invada as terras de cultivo e abertos caminhos para que quem a penetre não se perca na desordem, nos charcos traiçoeiros e na crescente podridão. Assim é a escola: tem de quebrar, vencer, subjugar e restringir as cegas energias do homem natural; é seu dever convertê-lo em membro útil da sociedade, segundo os princípios consagrados pelas autoridades, e despertar no jovem a seu cuidado as qualidades cívicas cuja instrução é coroada pela disciplina da caserna.

Que evolução, a do pequeno Giebenrath! A vadiagem, as faltas à escola, abandonara ele de modo próprio, quase sem admoestações do pai ou dos professores; as risadinhas tolas nas aulas tinham sumido de sua boca depois do primeiro castigo; a criação de coelhos e as enfadonhas pescarias, que lhe

roubavam horas e horas aos deveres de casa, deixaram que ele aos poucos se desacostumasse e perdesse o gosto a esses fúteis passatempos.

Uma noite, o reitor apareceu em pessoa na casa de Giebenrath. Depois de livrar-se do lisonjeado pai com algumas cortesias, subiu ao quarto de Hans e encontrou-o mergulhado na leitura do Evangelho de Lucas. Saudou-o gentilmente e Hans levantou-se alvoroçado e perplexo com a inesperada visita.

— Isso é bom, Giebenrath, estudando de novo. Mas por que não voltaste a aparecer? Tenho te esperado todos os dias.

— Eu tinha a intenção de aparecer, senhor Reitor — desculpou-se Hans, sem saber ao certo o que dizer. — Mas queria, pelo menos, levar-lhe um bonito peixe.

— Peixe? Mas que peixe?

— Bem, uma carpa ou coisa assim.

— Ah, voltaste a dedicar-te à pesca, então?

— Sim, um pouco... Papai acha bom que eu me distraia um pouco. Prometeu até me oferecer uma cana de verdade, com carretel e tudo.

— Sim, está bem. Ganhaste com merecimento as tuas férias, disso não há dúvida. E... hum, hum... por certo tens agora pouca vontade de estudar, é claro.

— Para estudar, eu tenho sempre vontade, senhor reitor.

— Certo, certo... — O reitor tossiu outra vez. — Nem por sombras eu te obrigaria a fazer agora uma coisa que não te apeteça.

— Mas a mim apetece! Eu estou estudando em casa.

O reitor respirou fundo, alisou a barba fina e acomodou-se melhor na cadeira.

— Pois bem, então o negócio é este. Ensinou-me a experiência de muitos anos que, depois de um excelente exame, acontece uma espécie de refluxo. Chega setembro e o momento em que vocês tem de se iniciar numa porção de novas matérias, Aparece então uma quantidade de estudantes que se preparou nas férias, quase sempre os que foram menos felizes nos exames. E em breve os vemos subindo para os primeiros lugares, à custa daqueles que, durante as ferias, dormiam à sombra dos lauréis.

Novo suspiro.

— Aqui no colégio — prosseguiu ele — foi fácil para ti ser sempre o primeiro. Mas no seminário vais encontrar colegas que foram selecionados entre os melhores, rapazes inteligentes e trabalhadores que não vão fazer-te a vida fácil. Compreendes?

— Perfeitamente.

— Bom, eu queria propor que estudasses antecipadamente algumas das matérias do seminário.

— Agora, nas férias?

— Exato. Com moderação, naturalmente... Tens todo o direito e até a obrigação de repousar bastante. Eu pensei que uma hora ou duas por dia, talvez... Sim, duas horas estariam bem. Sem isso, perde-se facilmente a prática e, depois, são precisas semanas para recuperar o ritmo. Que pensas tu disto?

— Por mim, estou inteiramente disposto, senhor reitor. Se o senhor quiser ter a bondade de...

— Está bem, se é essa a tua vontade — disse o reitor. — Além do hebraico, um novo mundo vai se abrir para ti no seminário, principalmente com Homero. Estou certo de que o lerás com redobrado prazer e entendimento se agora criares uma base sólida. A linguagem de Homero, o antigo dialeto jónico, é algo muito peculiar, que exige uma análise meticulosa e vastos conhecimentos, se quisermos chegar ao entendimento do significado profundo dessas monumentais rapsódias. Para que a poesia homérica nos proporcione um gozo espiritual como nenhuma outra obra humana pode conseguir, tens de entender sua essência simbólica e, para tanto, a linguagem é a verdadeira chave.

Hans, naturalmente, estava disposto, de bom grado, a penetrar em mais esse mundo de tão estranhas ressonâncias e prometeu empenhar-se ao máximo.

Mas o triste final chegava agora. O reitor pigarreou, revolveu-se na cadeira e continuou, num tom ainda mais cordial:

— Falando francamente, Hans, eu também gostaria, hum... que dedicasses uma hora à matemática. Acho que uma hora seria o bastante, para não sacrificar muito as tuas merecidas férias. Não és ruim nos cálculos, eu sei, mas a álgebra não tem sido, até agora, o teu forte. E no seminário, meu filho, afianço-te que a álgebra e a geometria não são brincadeira, não. Terias a maior conveniência em receber algumas lições preparatórias.

— Sim, senhor reitor.

— Em minha casa serás sempre bem-vindo, já sabes. Mas, quanto à matemática, terás de pedir a teu pai que te autorize a tomar tições particulares com o catedrático. Umas quatro por semana, creio que seria suficiente.

— Sim, senhor reitor.

O trabalho estava de novo em pleno apogeu e quando Hans, de vez em quando, conseguia uma escapadela de uma hora para pescar ou dar um passeio pelo bosque, sentia a consciência pesada. O banho da tarde, no rio, estava fora de

cogitações, pois o abnegado catedrático de Matemática escolhera justamente essa hora para a sua lição.

Essas aulas de Álgebra, por mais que se esforçasse, não conseguia Hans achar proveitosas. Positivamente, era amargo que, ao meio da tarde quente, em vez de ir para o gramado e dar seus mergulhos refrescantes na sombra do rio , tivesse de ficar fechado no quarto sufocante do professor, debruçado sobre uma escrivaninha poeirenta, as moscas zumbindo, em torno deles, a cabeça tonta, a garganta ressequida, repetindo o mais b e menos b. Havia algo paralisante na atmosfera que, nos dias mais quentes e abafados, podia se converter em desânimo e desespero. Com a Matemática, passava-se algo estranho. Hans não se considerava entre aqueles estudantes para quem essa matéria é impenetrável e incompreensível, o que, aliás, é a maioria. Pelo contrário, a Matemática atraía-o na medida em que não consente erros nem sofismas, nenhuma possibilidade de desvio de um resultado que tem de ser o único verdadeiro e indiscutível. Pela mesma razão gostava do Latim, que considerava um idioma matemático, claro, seguro e que não consentia dúvidas. Mas quando, na Matemática, todos os resultados estão certos, nada mais se oferece como estímulo à imaginação excitada. Os seus exercícios e demonstrações são como o caminhar sobre uma estrada reta e plana; sempre se vê adiante, a cada passo ou cada dia se compreende um pouco mais o que na véspera ainda era obscuro, mas nunca se chega ao cume de uma montanha donde, de súbito, se desvendam amplos horizontes.

Mais sugestivas e animadas eram as aulas com o reitor. Naturalmente, o pastor esforçava-se por tornar mais atraente o grego bastardo do Novo Testamento do que a fresca e jovem linguagem homérica. Mas, de fato, era em Homero que, depois dos primeiros tropeços e dificuldades, Hans encontrava as mais deleitosas surpresas, que continuavam a atraí-lo irresistivelmente. Com frequência, ele sentava-se diante de um poema de bela sonoridade e difícil compreensão, e todo ele era trêmula impaciência por não desvendar com a rapidez desejada as chaves que lhe abririam as portas do majestoso e pulcro jardim.

Os deveres de casa tampouco lhe faltavam agora e Hans viu-se de novo amarrado à mesa de seu quarto, até altas horas da noite, empenhado em resolver um problema difícil. O Pai Giebenrath testemunhava essa dedicação com orgulho. Em sua cabeça obtusa albergava-se o ideal de muitas pessoas como ele, dotadas pela natureza com escassos recursos de inteligência, de verem brotar e crescer em seu tronco um ramo bem mais alto, suplantando altivamente os

outros da sua árvore. E, com um respeito abafado, pois jamais se atreveria a manifestá-lo, Joseph Giebenrath venerava o filho sobre todas as coisas.

Na última semana de férias, o reitor e o pároco mostraram-se, de súbito, extraordinariamente solícitos e preocupados com o bem-estar de Hans. Pararam com as lições, aconselharam-no a passear e pescar, e não paravam de salientar como era importante que ele iniciasse a sua nova carreira descansado de corpo e do espírito.

Ainda foi de pescaria umas três ou quatro vezes. Andava com dores de cabeça quase constantes e sentava-se à beira do rio sem prestar, realmente, muita atenção ao que acontecia à sua volta. As águas refletiam agora o céu azul pálido do início do outono. Era para ele um enigma por que se alegrara tanto, esse ano, com o inicio das férias de verão. Agora estava feliz por vê-las chegar ao fim e poder entrar, dentro de poucos dias, no seminário, onde começaria uma vida nova. Como estava alheado da pescaria, os peixes também pareciam dar pouca importância ao pescador e não apareciam. Uma tarde em que o pai fez uma piada a esse respeito, Hans arrumou todos os apetrechos de pesca no sótão e fechou o armário.

Só nos últimos dias se lembrou, de repente, que não fizera visita alguma ao sapateiro Flaig, como prometera. Embora a custo, decidiu procura-lo. Era de noite e viu o mestre sentado à janela do seu quarto, com uma criança sobre os joelhos. Apesar da janela aberta e da brisa fresca que soprava, o cheiro penetrante de couro e sebo impregnava a casa toda. Acanhado, Hans colocou sua mão na mão direita e larga de Flaig.

— Como tens passado? — indagou o sapateiro. — Tens visitado o pároco?

— Sim, estudei com ele todos os dias e aprendi muita coisa.

— Que espécie de coisas?

— Grego, sobretudo, mas também outras coisas.

— E a mim, não quiseste visitar mais.

— Eu queria, Sr. Flaig — protestou Hans, embaraçado. — Mas nunca consegui dispor de tempo livre. Era uma hora com o pároco todos os dias, com o reitor duas horas por dia, quatro vezes por semana com o professor de Matemática...

— Agora nas férias? — disse Flaig, irado. — Isso é um absurdo! Mas, afinal, o que é que eles querem fazer de ti?

— Eu não sei, não... Mas os professores acharam conveniente. E o estudo para mim nunca foi coisa difícil.

— Pode ser, pode ser... — Flaig pegou no braço de Hans. — Eu acho que

estudo é estudo e férias são férias... Mas, que espécie de braços tens tu? Só sinto ossos! E a cara, já viste bem a tua cara num espelho? Estás magro e pálido como um moribundo, Hans! Ainda tens dores de cabeça?

— Sim, de vez em quando...

— Só de vez em quando, Hans? Queres me enganar?

O estudante corou e baixou os olhos, encabulado.

— Bom, nestes últimos dias — murmurou ele — tem sido mais...

— Pois isso é uma monstruosidade! E ainda por cima é pecado. Na tua idade, é preciso muito movimento, muito ar puro e, depois, repousar à vontade. Então para que dão férias a vocês? Para ficarem metidos nos quartos estudando? É só pele e ossos, rapaz!

Hans riu.

— Eu sei que vais defendê-los, que estão cheios de boas intenções e todas essas estórias. Mas isso, em minha opinião, é escravatura. O que é demais é demais! E as lições com o pároco, como foram?

— Eu gostei muito, palavra.

— De que é que que ele fala mais?

— Oh, ele fala de muita coisa, mas nada que me parecesse grave. Tem conhecimentos colossais.

— Nunca faltou ao devido respeito à Bíblia e aos Evangelhos?

— Não, isso não. Nem uma única vez!

— Ainda bem. Pois uma coisa te digo: é preferível sofrer dano no corpo do que dano na alma. Queres dedicar-te à vida de sacerdócio, uma profissão delicada e espinhosa, bem o sabes. E como está precisando de gente diferente do que a maioria dos jovens é hoje em dia! Talvez tu venhas a ser um grande pastor, talvez. De todo o coração desejo que o consigas e rezarei por isso.

Flaig levantou-se e colocou ambas as mãos com firmeza nos ombros franzinos do rapaz.

— Que nunca abandones o bom caminho, Hans Giebenrath! Que Deus te proteja e abençoe, amém.

O ar solene e as palavras pronunciadas em alemão antigo embaraçaram deveras o moço estudante. O pároco não tivera aquelas palavras melodramáticas nem aqueles gestos um tanto ridículos ao despedir-se dele.

Com os preparativos e as despedidas, os últimos dias escoaram-se rapidamente e agitados. Um caixote com as roupas de cama, ternos, roupas brancas e livros já fora despachado. Na manhã da partida, foi arrumada uma sacola de viagem, e poucas horas depois, os Giebenrath pai e filho viajavam para

Maulbronn. Era deprimente abandonar a terra natal e a casa paterna, para morar num estranho e distante instituto religioso.

# 3

Na região noroeste do país, entre colinas arborizadas e pequenos lagos tranquilos, situa-se o vetusto convênio cisterciense de Maulbronn. Bem conservados estão os amplos e sólidos edifícios do imponente conjunto. e certamente foram um atraente local de residência para os antigos e sábios monges de S. Bernardo, pois não só o convento é de uma formidável nobreza interior como, além disso, tem uma secular aliança com a moldura verde e calma de seus arredores. Quem deseja visitar o belo monumento, entra por um pitoresco portão rasgado na muralha e encontra-se num vasto e sereno pátio. Aí se vê um velho poço no centro, orlado de antigas e hieráticas árvores e, de ambos os lados, as robustas casas de pedra. Ao fundo, destaca-se a harmoniosa fachada da igreja principal, com o seu átrio no estilo baixo românico, a que dão o nome de paradiso, de uma beleza incomparável. Do imenso telhado da igreja sobressai uma esguia e delicada torre, custando a crer que uma coisa tão frágil e graciosa possa aguentar o peso de um sino. O claustro, intato em seu traço original, é por si só uma obra-prima, com sua fonte de pedra e uma deliciosa capela no estilo gótico primitivo. Para o claustro dão as portas do refeitório, de teto baixo e abobadado, do oratório, do parlatório, da residência do bom abade e mais duas portas que servem para a ligação interna com a igreja principal. Há ainda um refeitório menor para leigos, onde se serviam refeições para peregrinos e viajantes de passagem. Muros pitorescos, casas residenciais com suas varandas de sacada, jardins minúsculos, um moinho, circundam agradavelmente a imensa mole conventual. O pátio da entrada está envolto numa quietude sonolenta, à sombra de suas árvores. Só na hora logo a seguir ao almoço é agitado por um sopro de vida. O grupo de jovens sai do convento, cruza o portão da muralha e espalha-se pelos campos em volta, levando consigo um pouco de movimento — gritos, conversas excitadas, risos — ao ambiente imóvel da povoação, que

parece ter parado no tempo como a Beta Adormecida. Jogam à bola, correm e saltam como potros à solta, e desaparecem rapidamente terminada essa hora, sem deixar rastro, de novo tragados pelo portão da muralha.

Nesse pátio já tinham passeado outrora, em seus hábitos severos, homens que ali haviam procurado uma vida de espirituais alegrias, criaturas alheadas do mundo, bondosas e amadurecidas na meditação, que dedicavam seus pensamentos à criação de belas obras e ao bem fraterno. Mas há muito tempo que essa maravilhosa casa dos monges de Cister havia perdido de vista o último de seus antigos residentes, cujo lugar era agora ocupado pelos alunos do Seminário Teológico protestante. Era o instituto preparatório dos candidatos ao Seminário Maior de Tübingem e supunha-se, com razão, que a beleza e a calma de Maulbronn eram ideais para as suscetíveis almas juvenis, iniciando-as no caminho de um cada vez maior aperfeiçoamento espiritual. Ao mesmo tempo, furtavam-se os jovens às influências distrativas das cidades e da vida familiar, conservando-os livres de contaminações prejudiciais e da agitação mundana. Assim se possibilitava aos jovens, durante um par de anos, mitigar nos estudo humanísticos a sede de prazeres mais puros e ideais. Outro fator importante era que a vida do internato grava nos seminaristas os sentimentos de solidariedade, de entreajuda comunitária, e tempo de sobra para um aperfeiçoamento introspectivo de seus próprios dons espirituais, um exame íntimo da sinceridade de suas vocações. A fundação, a cujas custas os seminaristas podiam viver e estudar, tinha por preocupação fundamental que os seus protegidos te tomassem homens espiritual e intelectualmente superiores, que pudessem ser apontados e reconhecidos amanhã, onde quer que fossem, como filhos de Maulbronn — um modo sutil e seguro de estigmatizar sucessivas gerações de estudantes. Excetuando os rebeldes que, de vez em quando, desertam, um seminarista suábio poderá ser apontado a dedo como tal durante sua vida inteira.

Os que, ao ingressarem no seminário, ainda tinham mãe — o que era a grande maioria — recordariam para sempre com gratidão e sorridente emoção aquele dia decisivo. Hans Giebenrath não estava entre esses felizardos e foi sem emoções particulares que decorreram as horas de sua chegada a Maulbronn. Mas pôde observar uma grande quantidade de mães alheias e o espetáculo causou-lhe uma estranha, desconsolada impressão.

Nos imensos corredores guarnecidos de armários embutidos, havia filas de caixotes, baús, cestas e malas de todos os tamanhos, e os rapazes, acompanhados de seus pais, ocupavam se nervosamente em desempacotar e arrumar seus objetos pessoais. A cada um dos internos fora atribuído um armário numerado e,

nos quartos, havia também estantes numeradas para os livros de cada um. Filhos e pais ajoelhavam no chão para desembrulhar as coisas, o prefeito andava entre eles como um príncipe e, uma vez por outra, parava para dar um conselho bem intencionado. Desembrulharam-se as roupas, empilharam-se os livros, botas e chinelos foram ordenados em filas. Os enxovais eram quase todos idênticos, pois todos os seminaristas entrantes haviam recebido uma lista das roupas que deviam trazer como mínimo, assim como dos objetos de uso pessoais considerados indispensáveis. Apareceram bacias de latão os respectivos nomes gravados, que foram colocadas nos banheiros com a esponja, a saboneteira, o pente e a escova de dentes arrumados ao lado. Alguns haviam trazido candeeiros, bilhas de azeite e talheres.

Os rapazes estavam muito agitados. Os pais sorriam, tentavam ajudar, olhavam amiúde para os relógios de bolso, entediavam-se bastante e faziam baldados esforços para escapulir o mais depressa possível. A alma de toda aquela atividade, porém, eram as mães. Peça por peça, tomavam em suas mãos cada temo, cada camisa, alisavam as pregas, voltavam a dobrar o que nas malas ficara meio desarrumado e distribuíam tudo dentro do armário, arrumando o enxoval nas prateleiras do modo que lhes parecia mais correto e prático. Recomendações, conselhos, advertências carinhosas, cruzavam-se num burburinho constante.

— Cuida bem das camisas novas, olha que elas custaram três marcos e meio.

— Manda as roupas sujas pelo trem, de quinze em quinze dias. Se for muito urgente, manda pelo correio. O chapéu preto é só para usar aos domingos, não te esqueças.

— E vê se consegues manter o armário arrumado. Aqui não vais ter a tua mãe para por em ordem o que deixavas desalinhado.

Uma matrona gorducha e de ar complacente sentara-se sobre um caixote e ensinava ao filho a arte de pregar botões.

— Se sentires saudades e tiveres tempo, vai escrevendo — ouvia-se em outro lugar. — O Natal não tardará muito a chegar.

Uma mulher ainda jovem e bonita passou a vista peio armário cheio do seu filho e acariciou as pilhas de roupa. Depois, a mão continuou acariciando os cabelos do rapaz, um bochechudo de ombros largos e sólidos. Ele encabulou e afastou a mão materna da cabeça, sorrindo e enfiando ambas as mãos aos bolsos das calças, para bancar o sujeito durão. As despedidas pareciam mais difíceis para a mãe do que para ele.

Com os demais, porém, parecia ocorrer o inverso. Eles olhavam, com uma

expressão perplexa, para suas atarefadas mães e tinham o ar consternado de quem preferia voltar logo para casa. Em Iodos se espalhava o temor da despedida final, numa intensa luta entre a ternura e o afeto filial, por um lado, e o receio de fraquejar diante de espectadores. Alguns, que sentiam uma vontade imensa de chorar, arvoravam uma expressão falsamente despreocupada, numa afetada pose de dignidade masculina, e esforçavam-se por dar a tudo aquilo um ar de perfeita naturalidade. Suas mães sorriam, sabendo perfeitamente o que ia no íntimo de seus rapazes.

Além dos artigos de vestuário e higiene, quase todos eles tiraram de sua bagagem alguns itens adicionais: um saco com maçãs, uma linguiça defumada, uma lata com bolos. Muitos tinham trazido seus patins. As atenções gerais foram atraídas para um rapaz de aparência desembaraçada e esperta, que tinha trazido nada mais nada menos do que um presunto inteiro, que ele não fazia por esconder. Outro arrumou o melhor que pôde, na última prateleira do seu armário, um imenso e vermelho queijo holandês.

Era fácil distinguir os rapazes que tinham vindo diretamente de casa dos que chegavam de outros internatos; estes não demonstravam o mesmo nervosismo e tensão daqueles.

O Sr. Giebenrath ajudou seu filho a desempacotar e comportou-se de maneira prática e inteligente na operação. Terminou mais cedo que os demais e ficou parado com Hans no corredor dos dormitórios, muito desajeitado e ansioso por que chegasse a hora da saída. Como se visse rodeado de pais que davam solenes conselhos e instruções, e de mães que consolavam e tinham palavras de ternura para os seus meninos, que escutavam tudo cada vez mais aflitos, o Sr. Giebenrath achou que seria apropriado dispensar também a Hans algumas regras de ouro para sua conduta futura. Pensou demoradamente no que deveria dizer e, durante algum tempo, caminhou silenciosamente ao lado do filho, procurando angustiadamente algumas frases de nobre timbre. De súbito, começou despejando uma seleção de frases solenes, que Hans escutou surpreendido, até seus olhos encontrarem os de um pastor que estava ao lado deles e escutava divertido o palavreado do velho Giebenrath.

— Então, prometes que serás a honra de tua família, não é verdade? — dizia o pai.

— Naturalmente que sim — respondeu Hans, muito corado e puxando o pai para longe.

— E que respeitarás e obedecerás a teus superiores?

— Claro, pai, claro que sim.

— Muito bem, Hans.

Calou-se e suspirou aliviado. Começava a sentir um terrível tédio e o corredor enorme e agitado impacientava-o cada vez mais. No entanto, não queria ser o primeiro a sair e ansiava por ver os primeiros sinais de debandada. Também Hans se sentia vagamente perdido. Olhava com curiosidade pelas janelas para o claustro silencioso, cuja dignidade clássica o impressionava, em comparação com a vida ruidosa do colégio; e observava à socapa os seus novos companheiros, que lhe eram todos desconhecidos. Aquele seu colega de Göppingen, que conhecera durante os exames em Stuttgart, parecia não ter passado, apesar de todo o seu requintado Latim. Pelo menos Hans não o viu em lugar algum. Displicentemente, examinou os colegas que estavam mais próximos dele e, apesar dos enxovais semelhantes em quantidade e qualidade, era fácil distinguir os que vinham das cidades e os filhos de gente do campo, os que eram de famílias abastadas e os de apenas remediadas ou pobres. Os filhos de famílias muito ricas raramente frequentam seminários, o que permite concluir sobre o maior discernimento dos pais ou a inteligência dos rapazes; mas, apesar disso, sempre algum catedrático ou funcionário superior, em memória e homenagem aos seus próprios anos em Maulbronn e Tübingen, manda seu filho seguir-lhes fielmente as pisadas, em vez de despachá-lo para alguma das modernas universidades laicas. Assim, entre os quarenta seminaristas que enchiam o corredor, havia ternos pretos dos mais diversos tecidos e cortes; e as diferenças ainda eram mais acentuadas nas maneiras e na linguagem de cada um. Havia jovens magros e vigorosos da Floresta Negra, de membros rijos, robustos filhos das montanhas, que se distinguiam por seus cabelos cor-de-palha e boca rasgada; os ágeis e desembaraçados filhos da planície, oriundos de Stuttgart e arredores, de modos vivos e alegres, botas pontudas à última moda, e um dialeto mais requintado — para não dizer um alemão adulterado pela gíria urbana. Cerca de um quinto dessa fina flor da juventude usava óculos. Um deles, um franzino e quase elegante filho de papai, de Stuttgart, ostentava um belo chapéu de feltro e comportava-se com modos estudadamente refinados, não suspeitando de que aquele adorno e complemento de vestuário já despertara as atenções maliciosas dos seus companheiros e seria o alvo de futuras gozações e violências.

Um observador arguto poderia ter visto que o grupo não representava uma mim seleção da mocidade da província. Ao lado das inteligências medianas, nas quais se percebia ao longe a procedência de Nuremberg, não faltavam os moços de expressão grave e penetrante, em cujas testas seria talvez possível ler os

predestinados a uma vida superior. Pois sempre entre as cabeças da Suábia tinham surgido, ao longo dos tempos, as que tinham se projetado no grande mundo e feito de seus pensamentos o fulcro de novos e arrojados sistemas. Pois a Suábia tem sido o berço não só de famosos teólogos mas, com merecido orgulho, de pensadores que o mundo admira por sua capacidade para a especulação filosófica, numa brilhante plêiade de precursores de novas doutrinas, tanto na tinha tradicional como na herética. E assim continua a fértil província, cujas tradições políticas tiveram sua origem em remotas eras, a exercer sua influência segura entre as nações, no campo espiritual da sabedoria terrena e divina. A par disso, ainda se encontra no povo suábio, desde Augsburgo a Stuttgart, de Tübingen a Mannheim, um gosto tradicional pela poesia lírica, não tendo sido poucos os poetas gerados em seu seio que alcançaram a imortalidade.

Nas instalações e regimento do seminário de Maulbronn, se observados superficialmente, nada se notava que fizesse lembrar um estilo de vida caracteristicamente suábio; pelo contrário, tudo estava impregnado de um classicismo que sobrara do antigo convento bernardino, e os dormitórios por onde os seminaristas foram distribuídos ostentavam nomes como “Hélade”, “Atenas”, “Esparta”, “Acrópole”, “Forum” — e o menor deles era justamente o que se denominava “Germânia”, parecendo haver, desse modo. a intenção de sublinhar que a presença da cultura germânica seria, em Maulbronn, uma subsidiária da greco-latina. Mas também isso era apenas externo e ilusório e, se em vez de nomes helênicos e romanos, houvesse designações hebraicas, pouca diferença faria. Isso dava origem, aliás, a discrepâncias engraçadas: o dormitório “Atenas” recebeu como hóspedes um grupo de rapazes que estavam longe de primar pela loquacidade e o brilhantismo de ideias, pelo contrário, eram umas criaturas austeras e insípidas que não dariam mais do que uns medíocres pastores de aldeia — o que, em última análise, talvez fosse a ambição suprema de todo o grupinho. Em compensação, no ‘‘Esparta” não havia jovens belicosos e ascéticos, senão um punhado de hóspedes alegres, efusivos e espirituosos. Hans Giebenrath fora, com mais nove companheiros, mandado para o “Hélade”.

Sentiu o coração confrangido quando, de noite, entrou pela primeira vez do frio e desoladamente nu dormitório, e deitou-se na estreita cama de estudante. Do teto pendia uma grande lanterna de azeite, a cuja luz avermelhada se despiu e que foi apagada às dez e um quarto pelo vigilante. Entre as camas em fila havia pequenos tamboretes para pendurarem suas roupas e de uma pilastra caía, solta, a corda da sineta para tocar as matinas. Dois ou três dos rapazes já se conheciam

e conversaram em voz abafada, até que o cansaço e o sono os emudeceram: os demais não se conheciam e cada um se revolvia em sua cama, algo apreensivo e angustiado. Os primeiros a adormecer deixavam os outros ouvir uma respiração profunda e ruidosa; e, apesar do sono, continuavam mexendo os braços e as pernas, o que se percebia no escuro pelo roçagar dos lençóis de linho.

Hans não conseguiu conciliar o sono durante largo tempo. Escutava a respiração dos seus vizinhos e, pouco depois, surpreendeu um estranho ruído na cama a seguir à sua; apurou o ouvido e compreendeu que ali estava deitado alguém que chorava, com a manta puxada sobre a cabeça, tentava abafar seus soluços entrecortados. Aquilo impressionou vivamente Hans. Não sentia saudades, mas pena de ter deixado o seu pequeno e confortável quarto e, ao mesmo tempo, um leve pavor do desconhecido. Sobretudo, como se daria ele com os seus novos companheiros?

Antes de bater a meia-noite no relógio da-igreja, ninguém mais estava acordado nos dormitórios. Lado a lado, todos os jovens dormiam, rostos apertados contra os travesseiros, as expressões tristes ou obstinadas, tímidas ou receosas de boras antes dissolvidas num semblante uniforme de suave esquecimento. Por cima dos velhos telhados pontiagudos, das torres e torreões, das guaritas e ameias, das galerias ogivadas e do campanário, erguia-se uma lua pálida, em quarto minguante, cuja luz se armazenava nas cornijas e umbrais, corria pelas janelas góticas e portões românticos, e tremeluzia, em reflexos argênteos, no vasto e nobre poço do claustro. Algumas listras amareladas escorriam também, através das três janelas entreabertas, para o assoalho da “Hélade” e aí se deixavam ficar, muito quietas, fazendo companhia aos sonhos dos jovens, como outrora haviam acompanhado os dos monges de Cister.

No dia seguinte, teve lugar no '‘Oratorium" o ato solene de recepção dos calouros. Os professores envergavam seus solenes hábitos talares: o éforo pronunciou um discurso de boas-vindas e os alunos, com fisionomias graves e atentas, estavam silenciosamente sentados em suas cadeiras, olhando uma vez por outra, de soslaio, para os pais que haviam decidido ficar em Maulbronn para assistir à cerimônia inaugural. As mães não tiravam os olhos de seus filhos, lançando-lhes olhares sorridentes de estímulo, e os pais conservavam-se de pé, muito empertigados, acompanhando os discursos com leves acenos aprovadores, e pareciam muito compenetrados da solenidade do momento. Sentimentos orgulhosos e louváveis esperanças enchiam seus peitos e nenhum pensava, certamente, que aquele ato ratificava uma transação: a venda do filho a uma

instituição eclesiástica, a troco de substanciais vantagens financeiras. Finalmente, os alunos foram chamados pelo nome, cada um levantou-se e foi desfilar diante das cátedras. Um por um, receberam um aperto de mão do éforo, estando implícito nesse gesto simbólico que, se tivessem juízo, teriam seu futuro assegurado até ao fim da vida, colocação garantida e não precisariam de lutar pela sobrevivência nem temer a árdua concorrência que é apanágio das demais profissões. Que tais vantagens não seriam inteiramente gratuitas, era um pormenor que a ninguém ocorria e muito menos aos pais, convencidos que estavam de que haviam feito um belo negócio.

Decisivo pareceu aos jovens seminaristas aquele momento inevitável em que tiveram de se despedir de pais e mães. Uns tomaram a diligência, outros seguiram a pé até à estação da estrada de ferro, outros ainda pegaram às pressas os primeiros veículos de aluguel que encontraram, e todos desapareceram da visão dos filhos que ficaram para trás, acenando seus lenços no ar suave de setembro, até regressarem, cabisbaixos, ao convento.

— Bom, os senhores vossos pais já partiram e vamos começar vida nova — disse o prefeito.

Só agora os estudantes começavam se olhando uns aos outros com mais atenção, tentando ensaiar os primeiros passos no caminho da intimidade que deveria forçosamente uni-los. Como era natural, as tentativas principiaram pelos que eram companheiros de dormitório. Encheram-se de tinta os tinteiros, de azeite as lamparinas de estudo, de livros e cadernos as estantes, e cada um esforçava-se por sentir um certo à-vontade no novo ambiente... ou, pelo menos, exibi-lo. Depois de se entreolharem timidamente, tentavam uma conversa, perguntavam-se donde vinham, que colégio tinham frequentado até agora e recordavam juntos as peripécias do suado exame oficial. Surgiram os primeiros grupos e, no meio das conversas, já uma risada se atrevia a irromper, ecoando cristalina pelas abóbodas dos dormitórios. Antes do cair da noite, os companheiros de quarto se conheciam melhor do que passageiros de um navio ao termo de uma travessia.

Entre os nove companheiros de Hans na “Hélade”, havia quatro cabeças de grande reputação. Os restantes pertenciam mais ou menos à boa média. Em primeiro lugar era citado Otto Hartner, filho de um catedrático de Stuttgart. Tinha fama de talentoso e desembaraçado; era um rapaz calmo e aprumado, de físico robusto e atraente, trajava bem e impressionava, no seu dormitório, pelo comportamento firme e eficaz.

Depois, vinha Karl Hamel, filho de um modesto trabalhador rural e

proveniente de uma aldeia serrana. Para conhecê-lo bem seria necessário um pouco mais de tempo; raramente saía de sua aparente fleuma, era um moço de poucas palavras e, à primeira impressão, cheio de contradições, pois quando menos se esperava rompia seu mutismo e tinha um acesso de apaixonada violência verbal, gestos incendiados e era capaz das mais descabeladas travessuras. Depois se encolhia de novo e era difícil apurar se vestia então a pele de um observador tranquilo e penetrante ou, simplesmente, de um covarde.

Uma notável porém menos complexa figura era a de Hermann Heilner, oriundo de boa família burguesa da Floresta Negra. Desde o primeiro dia circulou entre os seminaristas que Heilner era um esteta e um talentoso poeta, comentando-se que, no exame oficial, fizera toda a prova escrita em versos hexâmetros. Era muito animado e falador, possuía um bonito violino e parecia deixar transparecer sem dificuldade a sua natureza mais íntima, que consistia numa juvenil e imatura combinação de sentimentalismo romântico e leviandade inconsequente. Entretanto, albergava ele em seu íntimo algo que não era visível; de corpo e alma estava Hermann Heilner mais desenvolvido do que seria de esperar em sua idade e enveredara, em muitos aspectos, por caminhos próprios.

Porém, o mais estranho residente da “Hélade”, entre os que traziam fama de verdadeiros crânios, era Emil Lucius, um homenzinho louro e fechado, trabalhador e seco como um velho campesino. Apesar de sua pouca estatura e traços indefinidos, não dava a impressão de mocidade, antes, parecia ter em si algo de adulto, como se nada mais pudesse evoluir nele. Logo no primeiro dia, enquanto os outros tagarelavam, procurando ambientar-se e travar conhecimento mútuo, Lucius foi sentar-se a um canto, muito calmo, abriu uma Gramática sobre os joelhos e, tapando os ouvidos com os polegares espetados, começou estudando desenfreadamente, como se se tratasse de recuperar anos perdidos.

Só muito gradualmente foi possível começar a conhecer esse tipo caladão e manhoso, e a opinião geral era de que se tratava de um refinado egoísta; de modo que tanto por seus dotes como pelos defeitos, granjeou também um certo respeito dos companheiros que não tinham outro remédio senão tolerá-lo como era. Usava ele alguns expedientes cujos requintes de esperteza causavam o pasmo dos demais residentes da “Hélade”, pelo que revelavam de talento para as artes da poupança. Logo pela manhã, Lucius era o primeiro a entrar dos lavatórios para usar a toalha e, se possível, o sabonete dos retardatários, economizando assim em suas coisas. Com esse expediente conseguia ele que a sua toalha sempre durasse limpa duas semanas ou mais. Ora, o regulamento exigia que os estudantes tivessem as toalhas trocadas todos os oito dias e, às

segundas de manhã, o vigilante passava em inspeção os banheiros, a fim de verificar se as toalhas haviam sido renovadas. Lucius também colocava na segunda-feira de manhã uma toalha limpa no seu cabide numerado mas, no intervalo do meio-dia, recolhia-a, dobrava-a cuidadosamente e colocava-a de volta no armário, pendurando de novo a antiga, pouco enxovalhada. Assim economizava ele o dinheiro de mandar lavar suas toalhas. Também usava um sabonete muito duro, que gastava pouco e por isso durava alguns meses. Não quer isso dizer Lucius tivesse uma aparência desleixada; pelo contrário, andava sempre muito bem arrumado, penteava e repartia seu fino cabelo louro com apuro, e tinha com a conservação de suas roupas e temos um cuidado extremo, evitando por nódoas ou roçar os cotovelos pelas mesas para não surrar as mangas.

Do lavatório passavam ao desjejum. Era-lhes servida uma xícara de café, duas pedras de açúcar e um pão. A maioria não achava aquilo suficiente pois a juventude, depois de um repousante sono de oito horas, acorda geralmente com um apetite incomum. Lucius, porém, mostrava-se satisfeito. Como não gostava de café açucarado, economizava a sua ração diária de açúcar e sempre encontrava fregueses, dois pedaços por um centavo, doze pedaços por um caderno. É óbvio que, para economizar o azeite, que era caro, gostava de trabalhar à luz das candeias dos outros, arrumando-se a um canto da mesa de qualquer dos colegas, sem dizer palavra para que não corressem com ele. Não era Lucius filho de pais pobres, como poderia parecer, mas de gente de recursos mais do que satisfatórios, pois os filhos dos pobres raramente sabem economizar e administrar sensatamente, pelo contrário, sentem uma certa avidez em esbanjar o pouco que têm e não sabem guardar.

Emil Lucius não estendia o seu sistema apenas ao domínio das coisas e objetos palpáveis; procurava também extrair o máximo proveito, sempre que podia, no reino das coisas do intelecto. Nisso, ele demonstrava ser um moço inteligente, pois nunca esquecia que os bens mentais se revestem de um valor relativo. Assim, dedicava um esforço real apenas àquelas matérias que poderiam dar seus frutos em exames posteriores e conformava-se com um boletim razoavelmente discreto nas restantes disciplinas. Tudo o que ele aprendia e produzia era comparado com os resultados de seus colegas e preferia ser primeiro com metade dos conhecimentos do que segundo com o dobro do que sabia. De noite, quando os companheiros se entregavam a passatempos, jogos e leituras amenas, Lucius dedicava-se caladamente a seu trabalho. A barulheira dos outros não o incomodava; ocasionalmente, até lançava um olhar divertido

para os grupinhos, sem sentir inveja alguma por não participar dos lazeres da “Hélade”. Pois se todos os outros também trabalhassem, então o esforço dele não teria sido lucrativo.

Tais espertezas e artimanhas do moço ambicioso e trabalhador não eram censuradas pelos colegas. Mas como todos os que exageram e são demasiado gananciosos, também Luaus acabou dando um passo absurdo. Como todo o ensino no convento era gratuito, veio-lhe a ideia de aproveitar isso para tomar aulas de violino. Não que ele tivesse tido alguma prática anterior, nem talento ou ouvido musical dignos de nota, nem mesmo um grande prazer na música! Mas, pensou Lucius, afinal de contas que diferença havia entre aprender violino ou latim, aramaico ou álgebra? Sempre ouvira dizer que a música tem grande utilidade social, faz um homem ser benquisto, agradável e requestado; e, o mais importante, é que não lhe ia custar um real, pois o seminário também fornecia o violino para as lições,

Ao mestre de Música arrepiaram-se os cabelos quando Lucius o procurou e manifestou seu desejo de receber lições de violino, pois já conhecia o rapaz das aulas de canto coral, em que os talentos do aluno tinham causado imenso regozijo entre todos os seus colegas mas levavam o professor ao desespero. Este procurou dissuadi-lo mas sem êxito. Lucius sorria modestamente e declarava ter uma vocação irresistível para a música, estando no seu pleno direito de querer aprender um instrumento. Não houve outro remédio senão entregar-lhe o pior violino de exercício; passou a receber duas lições por semana e todos os dias treinava meia hora. Após a primeira sessão de exercício na “Hélade", os colegas declararam peremptoriamente que aquela fora a primeira e última, que tratasse urgentemente de encontrar um local onde pudesse “serrar madeira” sem massacrar os ouvidos alheios. Daí em diante, Lucius vagueou com seu violino por todo o convento, em busca de recantos isolados e tranquilos para se exercitar; e ecoavam então pelo claustro os estranhos sons arranhados, os chiados e gemidos, que apavoravam os gatos das redondezas e levaram os vizinhos do convento a acreditar que almas penadas erravam pelas suas torres desertas. Era como se o velho e torturado violino, dizia o poeta Heilner, implorasse piedade pela voz de todos os seus cupins. Como não se registrassem progressos, o pobre do professor ficou cada vez mais nervoso e irritadiço. Lucius praticava com verdadeiro desespero e seu rosto de merceeiro, até então radiante, evidenciava fundas rugas de preocupação. Era uma verdadeira tragédia e a coisa ficou pior ainda quando o professor, finalmente, o declarou inteiramente inepto para a arte de Paganini, recusando-se a prosseguir com as lições. O obstinado

Lucius não se deu por vencido e concluiu que, se os manes de Paganini não lhe eram favoráveis, talvez os de Liszt lhe fossem menos hostis. E solicitou tranquilamente aulas de piano. Durante meses torturou igualmente o nobre instrumento até que, por fim. se convenceu da inutilidade de seus esforços e, sem grande alarde, abdicou da música. Anos depois, contudo sempre que se falava de música, Lucius dava a entender que tinha aprendido a tocar piano e violino, mas que fora forçado pelas circunstâncias a abandonar essa bela arte, a bem dos estudos superiores.

Assim, à '*Hélade'' não faltavam motivos de sobra para se divertirem os seus residentes às custas das excentricidades de uns e outros, pois não só Lucius era alvo de chacotas e piadas; Heilner, o esteta, também tinha seus pontos ridículos. Karl Hamel, por sua vez, bancava o observador irônico e espirituoso. Era o mais velho da turma e isso conferia-lhe uma certa superioridade, embora não chegasse a fazer se respeitar em seu papel, pois era de temperamento impetuoso e não conseguia passar oito dias sem sentir a necessidade de medir forças com algum colega numa briga corporal. Mostrava-se então colérico, quase cruel.

Hans Giebenrath presenciava tudo isso com olhos assombrados e seguiu seu caminho tranquilo, granjeando a fama de bom companheiro, embora um tanto ensimesmado. Estava na categoria dos estudiosos, quase tão trabalhador quanto Lucius, e gozava do respeito de seus companheiros de dormitório, com exceção de Heilner, que inscrevera em seu estandarte, como divisa, a leviandade com talento e, de vez em quando, gozava Hans, chamando-o de “fura-vidas ambicioso”. De um modo geral, os rapazes simpatizavam uns com os outros, apesar de não serem raras as brigas noturnas nos dormitórios. Mas esforçavam-se denodadamente por já parecerem adultos e justificarem o tratamento de “senhor” que lhes era dado pelos professores — e a que não estavam .ainda acostumados. E olhavam seus anos de ginásio com a mesma compaixão e prosápia com que os estudantes do seminário-maior encaravam os internos de Maulbronn. Mas, uma vez por outra, essa dignidade forçada passava por uma crise, quando os ímpetos da juventude clamavam por seus direitos; e, então, os dormitórios ressoavam de tapas, vaias e palavrões, obrigando o prefeito, os zeladores e os bedéis a acorrerem, esbaforidos, para impor a ordem.

Para o reitor e os professores de institutos dessa natureza deveria ser um prazer intuitivo observarem como, após as primeiras semanas de vida em comum, o grupo de rapazes lembrava uma composição química que, no início, está cheia de elementos distintos, formando flocos, cristais e núcleos

independentes mas, depois, sem que cada elemento perca suas características próprias, vão gradualmente se fundindo, se precipitando em formações uniformes, de uma coloração única e de reações previsíveis como um todo. Depois da frieza inicial e todos eles |à se conheceram bastante bem, consolidaram-se grupos e surgiram as amizades e antipatias. Raras vezes se juntavam os conterrâneos e antigos colegas de escola. A maior parte preferia estabelecer novas amizades, os das cidades e filhos da burguesia com os filhos de agricultores, os montanheses com os da planície, seguindo todos um impulso inconsciente para a diversidade e a complementação. A par da consciência de igualdade entre todos, despontava também entre eles uma ânsia de destaque, de distinção, anunciando já que, saídos da letargia da puberdade, cada um procurava agora formar e consolidar a sua personalidade adulta. Houve cenas de simpatia e de ciúme, evoluindo para as firmes alianças de amizade ou para as abertas manifestações de hostilidade. Umas culminavam em relações amistosas, com estudos e passeios em comum e demonstrações de carinho; outras, redundavam no uso dos punhos, em violentas lutas corporais.

Hans, exteriormente, não participava em nada disso. Franca e impetuosamente, Karl Hamel tinha-lhe oferecido a sua amizade e ele retraíra-se, assustado. Pouco depois, Hamel fazia amizade com um residente de “Esparta” e Hans ficara sozinho. Um forte pressentimento lhe fazia antegozar o surgimento, no horizonte, de uma esplêndida amizade. Mas a timidez o impedia de sair em busca de alguém. Após tantos anos de menino órfão de mãe, o dom de procurar junto de outrem algum conforto tinha se atrofiado e sentia pavor pelas efusões de entusiasmo. A isso se somava o seu amor-próprio e, finalmente, a inabalável ambição que o devorava. Não se sentia um espírito afim de Lucius, pois queria realmente adquirir conhecimentos e não apenas estudar para o boletim de aproveitamento; mas, tal como aquele, procurava manter-se afastado de tudo o que fosse suscetível de prejudicar seu trabalho. Assim se conserva ele nos primeiros lugares mas amargurado por ver os outros em alegre convívio de amizade. E não podia deixar de sentir um certo despeito ou inveja. Karl Hamel, entretanto, não teria sido o seu amigo ideal; se qualquer outro tivesse aparecido e procurado atraí-lo. Hans tê-lo-ia seguido prazerosamente. Entrementes, continuava sentado no seu canto, esperando que alguém o desafiasse, alguém mais forte e corajoso do que ele que o obrigasse a sentir-se feliz.

Como, a par dessas preocupações íntimas, os estudos, sobretudo o grego, o hebraico e o aramaico davam muito trabalho, o primeiro mês passou célere para os rapazes. Os numerosos lagos de que Maulbronn estava cercada refletiam

pálidos céus de fim de outono, bétulas, carvalhos e freixos despidos de folhagem e demorados crepúsculos; pelas matas luxuriantes, gemidos e uivos de vento prenunciavam o inverno e já por diversas vezes tinham caído leves geadas.

O lírico Herman Heilner procurara em vão um amigo congenial e agora, durante as horas de recreio, vagueava solitariamente pelas margens do lago do bosque, um de seus lugares favoritos, onde havia um pequeno açude cercado de canaviais e copas desfolhadas de salgueiros. Esse recanto melancolicamente belo exaltava a sensibilidade poética de Heilner. Aí podia entregar-se aos seus devaneios enquanto, com uma vara, provocava círculos na superfície lisa do lago; ou ler o Schilflieder (Cantos do Canavial) de Lenau; ou deitar-se sobre o junquinho rasteiro, à beira d'água, e meditar sobre os temas do outono, da morte e da transitoriedade, enquanto a queda das folhas e o murmúrio das copas desnudadas sublinhavam, com sua melopeia, a tristeza ambiente. Nesses momentos, ele retirava do bolso o seu caderninho e anotava o esquema, em quatro ou cinco linhas, de um poema que depois aperfeiçoaria. Era justamente o que ele estava fazendo, num claro meio-dia outonal, quando Hans Giebenrath, passeando também sozinho, foi dar no mesmo lugar. Ele viu o moço poeta sentado no tosco píer de madeira, cujas tábuas estavam mais carcomidas pelo tempo do que pelo uso, o caderninho sobre os joelhos, o lápis tocando levemente os lábios. Heilner estava pensativo e tinha um livro aberto a seu lado. Lentamente, Hans acercou-se.

— Olá, Heilner! Que fazes tu por aqui?

— Lendo Homero. E tu?

— Não acredito nisso. E sei muito bem o que estás fazendo.

— Ah sim?

— Claro. Escreveste um poema.

— Tu achas?

— Tenho a certeza.

— Vem sentar aqui.

Giebenrath sentou-se nas tábuas, ao lado de Heilner, com as pernas penduradas para fora, sobre a água. Viu uma folha seca rodopiar na brisa tênue e cair, inaudível, na superfície quieta do lago.

— Isto aqui é triste — disse Hans.

— Mas é bonito. E as coisas, quando são belas, são sempre menos tristes do que as feias.

— Creio que tens razão.

Os dois tinham-se deitado de costas, de modo que viam apenas retalhos de

céu azul, onde flutuavam tranquilas nuvens, e os galhos descarnados dos salgueiros outonais, donde tombavam, pouco a pouco, as derradeiras folhas amarelecidas.

— Que belas nuvens! — exclamou Hans, com prazer. — Parecem ilhas!

— Ah, se pudéssemos estar numa dessas nuvens!

— O que é que acontecia?

— Se cavalgássemos uma delas, veríamos bosques, aldeias, cidades e províncias, como se navegássemos pelo mundo em um navio de velas pandas. Já viste algum navio de verdade?

— Não, eu nunca. E tu?

— Ah, sim! Mas... santo Deus, tu não podes compreender estas coisas. Só sabes estudar, com o nariz amarrado nos livros.

— Pensas então que sou um camelo? Que não tenho olhos para o mundo que me cerca?

— Eu não disse isso.

— Pois não sou tão imbecil quanto pensas. — disse Hans, sem alterar a voz. — Mas continua falando dos navios.

Heilner virou o corpo, quase caindo na água com o movimento brusco. Estava agora deitado de bruços, o queixo afundado nas duas mãos em concha e os braços apoiados nos cotovelos.

— Durante as férias — prosseguiu Heilner — vi muitos navios no Reno. Uma vez, era um domingo à noite, vi um todo iluminado com luzes coloridas e tinha música a bordo. As luzes refletiam-se na água. Subi a bordo e viajei rio abaixo, com a música sempre tocando. Bebia-se vinho do Reno e as moças trajavam belos vestidos brancos.

Hans escutava, sem dizer palavra, mas fechara os olhos e via o barco deslizando pelo grande rio, numa noite de verão, com música. luzes vermelhas e moças de branco. O seu companheiro continuou:

— Ah, como era diferente esse tempo! Aqui, quem sabe apreciar e entender essas coisas? São todos uns cabeçudos, uns meninos assustados e cacetes! Esfalfam-se como uns doidos e, no fim, nada mais sabem que o alfabeto hebraico. A vida é mais do que um punhado de letras velhas. Tu não me pareces diferente dos outros.

Hans ficou silencioso. Esse Heilner era ura sujeito estranho. Ura deslumbrado, um poeta. Muitas vezes o seu companheiro de dormitório fora motivo de perplexidade. Heilner estudava pouco, como todos sabiam, realmente pouco; mas, apesar disso, tinha vastos conhecimentos, sabia dar respostas

lúcidas e exatas. Entretanto, manifestava o mais profundo desprezo por esses mesmos conhecimentos e, quando respondia a uma pergunta do professor, fazia-o sempre com um tom desdenhoso, como se dissesse “também sei acho mas acho a coisa perfeitamente inútil e insignificante”.

— Vou dar-te um exemplo — continuou Heilner, o poeta. — Estamos agora lendo o Homero, não é? Pois |à notaste que lemos a Odisseia como se fosse um livro de cozinha? Dois versos por hora, bem mastigados, palavra por palavra, examinando todos os ingredientes, apontando todos os truques do cozinheiro e, quando tudo está bem picadinho, sente-se uma náusea tão grande que a coisa fica intragável para o resto da vida. Homero deixa de ser um criador de poesia para virar um chatíssimo carpinteiro de palavras. E, no final de cada aula, lemos de ouvir sempre a mesma cantilena: “Vocês viram como o poeta fez isto e aquilo habilmente, como manipulou os aoristos, como utilizou os epítetos? Tendes agora uma visão mais profunda do segredo da criação poética?” Ora, isto é uma desvergonhada tapeação. A mecânica do verso destrói completamente a visão dinâmica da criação. Visto da maneira que os nossos mestres querem, Homero pode ir às favas. Aliás, em que é que pode nos interessar todo esse ferro-velho grego? Se alguém tentasse viver hoje ao estilo grego, seria expulso donde quer que estivesse! E o nosso dormitório se chama Hélade! Que ironia! Por que não lhe chamam Gaiola de Escravos ou Laboratório do Medo? Todo esse negócio clássico é pura mentira.

Jogou uma cuspidela para o lago e ficou calado.

— Já fizeste alguns versos desde que chegamos?

— Sim

— Sobre o que?

— Sobre o outono, o lago...

— Estão nesse caderno?

— Estão.

— Me mostra.

— Não, ainda não estão prontos.

— Quando estiverem prontos me mostras?

— Sim, não vejo mal nenhum em mostrá-los...

Os dois rapazes levantaram-se e caminharam lentamente, de volta ao convento.

— Já viste como tudo isto é esmagadoramente belo? — disse Heilner, apontando para o convento, quando passavam pelo “paradiso”. — Claustros românicos, janelas góticas, tudo de uma incrível beleza artística... e para que?

Para três dúzias de pobres-diabos que têm de ser padres e não sabem sequer ver onde estão vivendo. Ah, o Estado deve ter muito dinheiro sobrando por aí...

Hans viu-se obrigado a pensar a tarde inteira a respeito de Heilner. Que espécie de moço era ele? As preocupações e anseios que dominavam o espírito de Hans não inquietavam nem de leve o seu companheiro. Em compensação, fazia alarde de ideias próprias e expunha-as com uma linguagem pessoal e perturbadora, por vezes, contundente. Parecia que seu espírito era mais livre e mais apaixonado do que o de qualquer dos seus colegas, experimentava estranhos sofrimentos e atribulações e, o que para Hans era mais deprimente, suas palavras sugeriam o completo desprezo pelo meio em que vivia. Heilner compreendia a beleza das antigas colunas e arcos, e praticava a estranha e misteriosa arte de refletir sua alma em versos, de construir para si uma vida própria e independente, feita de imaginação e comoventes intuições. Era ágil e exuberante, capaz de fazer num dia mais coisas engraçadas do que Hans num ano inteiro; e, ao mesmo tempo, era melancólico e parecia gozar sua própria tristeza como uma dádiva extraordinária e deliciosa.

Ainda nesse mesmo dia, à noite, Heilner deu ao dormitório toda uma prova de seu ser paradoxal e intrigante. Um dos companheiros, um rapaz de língua solta e espírito tacanho, chamado Otto Wenger, começou implicando com ele. Durante algum tempo, Heilner manteve-se calmo, respondendo ao outro com superior ironia mas, num dado momento, não aguentou mais e deu um bofetão em Wenger. Logo se engalfinharam num corpo-a-corpo encarniçado, movendo-se de uma porta à outra da Hélade como um navio desgovernado: tropeçavam nos móveis, esbarravam nas paredes, rolavam no chão, sem dizer palavra, ofegantes e espumando de raiva. Os companheiros presenciavam a cena com um ar crítico de entendidos na matéria, esquivavam-se quando os contendores adernavam para o lado deles, salvavam suas pernas, estantes de estudo e lamparinas do furacão resfolegante e aguardavam, tensos, o desfecho do duelo. Alguns minutos depois, Heilner ergueu-se com esforço, soltou-se do adversário e ficou parado, retomando o fôlego. Estava esfolado no pescoço, tinha os olhos congestionados, o colarinho da camisa dilacerado e um rasgão nas calças, na altura dos joelhos. Wenger fez menção de atacá-lo de novo mas Heilner cruzou os braços e disse com firmeza:

— Por mim não voa continuar com esta briga estúpida... Se quiseres, podes bater.

Otto Wenger afastou-se, dizendo palavrões. Heilner encostou-se em sua estante, deu mais mecha à sua lamparina para ter mais luz, enfiou as mãos nos

bolsos das calças e parecia querer lembrar-se de algo. De súbito, grossas lágrimas começaram rolando-lhe pelo rosto, cada vez mais depressa. Isso era incrível, pois chorar era considerado o ato mais vergonhoso que um seminarista podia fazer, se porventura já se considerava um homem. E Heilner nada fazia para ocultá-lo dos demais. Não saiu do dormitório e continuou de pé, o rosto agora muito pálido, voltado para a chama da lamparina. Não esboçou qualquer gesto para limpar as lágrimas, nem tirou sequer as mãos dos bolsos. Os outros rodearam-no, espantados, com uma ponta de malicia nos olhos observadores, até que Hartner se adiantou e, cara a cara, disse:

— Tu aí, Heilner, não tens vergonha?

O interpelado ergueu lentamente os olhos e observou um por um os companheiros, como alguém que tivesse acabado de acordar de um sono profundo.

— Vergonha de que? De vocês? — gritou ele, num tom repassado de desprezo. — Não, meu caro, lamento muito mas por vocês não sinto vergonha... nem coisa nenhuma!

Limpou o rosto, esboçou um sorriso maligno, soprou a lamparina e saiu do dormitório.

Hans Giebenrath permanecera o tempo todo do seu lugar e apenas olhava, surpreso e assustado, para Heilner. Um quarto de hora depois, atreveu-se a sair em busca dele. Enxergou-o sentado no escuro e gélido corredor, imóvel, contemplando o claustro lá em baixo. Visto por detrás, suas espáduas e o pescoço sólido, que sustentava a cabeça de fino talhe, tinham um ar precocemente adulto. Não se moveu quando Hans se acercou, e manteve o rosto voltado para a janela. Só alguns minutos depois indagou, com voz rouca:

— O que há?

— Nada. Sou eu — tartamudeou Hans, timidamente.

— Mas queres alguma coisa?

— Não, nada.

— Bem, nesse caso podes retirar-te novamente.

Hans sentiu-se magoado e fez um gesto de te afastar. Mas Heilner segurou-o por um braço.

— Espera — disse ele, num tom de forçada naturalidade. — Não tive a intenção de ser grosseiro contigo. Desculpa.

Ambos se olhavam agora nos olhos e, provavelmente, era a primeira vez que os dois se observavam com seriedade, procurando imaginar que espécie de vivência humana havia por detrás da fisionomia juvenil do outro, que espécie de

alma se albergava sob o peito liso e palpitante de seu companheiro.

Lentamente, Hermann Heilner estendeu os braços, apanhou Hans pelos ombros e puxou-o a si, até os seus rostos ficarem bem próximos. Depois, Hans sentiu, de súbito, com um estranho sobressalto, que os lábios de Heilner haviam tocado os seus!

O coração bateu-lhe numa aflição desordenada. O encontro no corredor escuro e aquele beijo repentino eram algo insólito, talvez perigoso. Ocorreu-lhe como teria tido terrível e ignominioso se o descobrissem naquele instante, pois seu raciocínio lhe dizia que esse beijo teria sido, para os outros, ainda mais aviltante e mais digno de troça do que o choro de antes. Nilo conseguiu dizer palavra, o sangue afluía-lhe à cabeça e teria preferido, tem dúvida, sair dali correndo.

Um observador adulto e perspicaz, se tivesse presenciado aquela breve cena, talvez sentisse uma deliciosa emoção diante daquela desajeitada e tímida prova afetiva, concluindo que o mundo ainda não estava, afinal, inteiramente corrompido pela malícia e crueldade humanai. Aquela pudica declaração de amizade, que se expressava sem palavras, nos rostos sérios dos dois rapazes, onde havia ainda vestígios do antigo encanto pueril mas já se destacava a bela generosidade da adolescência, tinha um loque de pureza que só um espirito doentio e pervertido se atreveria a macular.

Pouco a pouco, a jovem comunidade acostumou-se ao seu convívio rotineiro. Já se conheciam bem uns aos outros, cada um tinha dos demais um certo conhecimento e uma opinião formada, as amizades consolidavam-se. Havia pares para juntos estudarem o hebraico, pares para desenhar, pares para ler e comentar Schiller, pares para passear nas boras de repouso Havia estudantes bons no latim e maus na matemática que se juntavam aos maus em latim e bons na matemática, para colherem os frutos da cooperação recíproca. Havia ainda as amizades fundamentadas em outros tipos de interesses e comunhão de bens. Assim, o muito invejado proprietário de um presunto encontrara seu parceiro e complemento no filho de um hortelão de Stammheim, que tinha o fundo de seu armário repleto de maçãs. Uma vez em que estava comendo uma fatia de presunto e ficou com sede, pediu uma maçã ao colega e ofereceu-lhe em troca uma fatia. Sentaram-se comendo juntos e o primeiro, após um inicio cauteloso de conversa, deu a entender que, quando o presunto acabasse, seria prontamente substituído por outro; o das maçãs confiou ao parceiro que também seu pai lhe garantira um reabastecimento imediato, pelo menos até ao fim da primavera.

Assim se formou uma sólida aliança, que sobreviveu a muitas outras que aparentemente eram mais perfeitas mas haviam nascido, tempestuosamente, de afinidades menos concretas.

Raros eram já nessa altura os que permaneciam solitários. Entre eles estava Lucius, cujo amor sôfrego pelo estudo atingira o auge.

Também havia pares desiguais, é claro. O mais desigual de todos, na opinião dos outros estudantes, era o de Hermann Heilner e Hans Giebenrath. o leviano e o consciencioso, o poeta divagador e o "urso" aplicado. Os dois eram considerados dos mais inteligentes e talentosos mas Heilner era tido na conta, meio a sério, meio ironicamente, de um gênio, imprevisível e caprichoso como todos os gênios, ao passo que Hans era "o jovem exemplar". Mas deixaram-nos relativamente em paz, pois ambos estavam absorvidos em desenvolver sua recente amizade e gostavam de ficar a sós.

Sobre esses interesses e vivências pessoais, a escola pairava como força poderosa e reinante. Ela era o grande agente aglutinante, ela impunha o ritmo, ditava as leis, condicionava o comportamento e as reações de seus súditos. Ao lado de sua influência onipotente, as aspirações musicais de Lucius, os poemas de Heilner, as alianças, as lutas ocasionais, eram incidentes secundários que em nada podiam alterar o diktat da alma mater.

O hebraico era, naquele período, o que estava dando mais trabalho. A antiga e estranha língua de Jeová, árvore ressequida e áspera que, apesar de tudo, se mantinha teimosamente viva, nodosa, enigmática, hostil, diante dos olhos dos jovens teólogos, seduzia-os por suas exóticas ramificações e surpreendia-os, de súbito, com uma inesperada floração. Em suas raízes, nas concavidades de seu tronco, nos ramos retorcidos, viviam espíritos milenários, horrendos uns, joviais outros: dragões assustadores, línguas de fogo, pragas devastadoras, misturam-se a narrativas ingênuas, cânticos deliciosos; os rostos austeros e enrugados de anciães muitas vezes centenários surgem ao lado dos de belos jovens, rapazes audaciosos, destemidos e amorosos, moças de olhos serenos, ora submissas, ora arrogantes. O que na Bíblia luterana soava como algo distante, algo morto e fantasmagórico, ganhava no idioma rude dos hebreus uma insuspeitada legitimidade, sangue e voz, uma vida antiquada e enfadonha, é certo, mas que parecia resistir aos séculos e conservar toda a sua medonha rusticidade. Pelo menos, assim o via Heilner, que diariamente e após cada aula maldizia o Pentateuco e, apesar disso, nele encontrava e sugava mais seiva do que qualquer dos pacientes alunos que já conheciam todos o vocábulos e não cometiam erro algum na leitura.

Ao lado da Bíblia, o Novo Testamento parecia mais luminoso, mais íntimo e suave, escrito numa linguagem que, aliás, era menos profunda e menos rica — e bem mais nova — mas repleta de um espírito de juvenil fervor, de símbolos poéticos e alegorias mais acessíveis. As deficiências de sintaxe, a retórica, pressentimentos incompreendidos e estranhas angústias, como se tudo estivesse prestes a explodir no peito com uma força imensa e incontrolável. Além disso, Heilner tinha uma necessidade doentia de que se compadecessem dele. Fora, outrora, o menino bonito da mamãe, que o cumulara sempre de mimos; e agora, enquanto não amadurecesse para o amor a uma mulher, servia-lhe o complacente amigo de consolo e confidente.

Com frequência procurava ele de noite, terrivelmente aflito, o desconsolado Hans, arrancando-o ao seu trabalho e desafiando-o a sair com ele do dormitório. Caminhavam então pelo extenso corredor imerso na penumbra, tiritando de frio, e iam sentar-se diante de uma janela sobre o claustro. Heilner desfiava então suas lamúrias e queixas românticas, do tipo favorito dos jovens e líricos leitores de Heine, e em breve a atmosfera ficava impregnada de uma tristeza cujos motivos Hans não entendia direito mas que, de qualquer modo, o impressionava e, por vezes, até o contagiava. O moço esteta entregava-se, sobretudo, a seus acessos de melancolia quando o tempo estava nublado, cinzento e convidando às meditações soturnas. Então, ao chegar a noite, seus lamentos atingiam o auge: nuvens escuras e prenhes de chuva rolavam, lerdas, no céu de um negrume abissal onde, de quando em quando, despontava uma lua pálida e tristonha, e Heilner parecia fazer parte integrante desse cenário sombrio, entregando-se às mais nebulosas e tumultuadas divagações. Durante longas horas, despejava sobre a inocente e sonolenta cabeça de Hans os seus suspiros, poemas e invectivas delirantes.

Confrangido, angustiado com essas repetidas cenas. Hans atirava-se, nas horai que lhe sobravam, a um desesperado estudo, que cada vez se lhe tomava mais dificultoso. Não ficou surpreendido quando lhe voltaram as antigas dores de cabeça; mas como o amigo o fazia ter cada vez mais horas de braços cruzados, o tempo disponível mal chegava para estudar o estritamente necessário. Isso o preocupava deveras. Hans pressentia, obscuramente, que a amizade com aquele moço estranho o esgotava e punha doente em alguma parte do seu ser até então intocada; mas quanto mais taciturno e queixoso Heilner se mostrava, mais Hans se compadecia, mais carinhoso queria mostrar-se e, ao mesmo tempo, sentia uma certa vaidade por saber-se indispensável como confidente do teu companheiro.

Além disso, estava convencido de que as manifestações melancólicas de Heilner eram, tão-somente, um modo de eliminar os excessos insalubres das emoções que o sufocavam e, simplesmente, nada tinham a ver com o verdadeiro modo de ser do amigo, a quem ele admirava leal e sinceramente. Quando Heilner lhe lia os seus poemas, discorria sobre os seus ideais e recitava, com paixão e veemência de gestos, monólogos de Schiller ou de Shakespeare, parecia a Hans que o seu amigo fora tocado por uma varinha mágica e caminhava pelos ares, envolto num halo de liberdade transcendente, ameaçando desaparecer de um instante para o outro como se calçasse as botinas aladas de algum mensageiro dos deuses homéricos. Até então, o mundo dos poetas fora para Hans pouco familiar e sem grande importância; mas, agora, sentia ele pela primeira vez quão fascinante era o poder ilusório das palavras que fluíam em belas imagens. E uma súbita veneração por esse novo e encantado mundo que lhe fora revelado cresceu dentro dele, justapondo-se à admiração que votava ao amigo e acabando por formar um único e inextricável sentimento cuja definição precisa lhe escapava,

Entrementes, sobrevieram os pardacentos e tempestuosos dias de novembro, quando — salvo um par de horas — era preciso estudar o tempo todo à luz do candeeiro. As longas noites opacas eram agitadas por contínuas tormentas, que arrastavam grossas e tonitruantes nuvens por cima das torres do convento e sopravam pelos corredores e janelas gemebundas rajadas. Batiam portas, rangiam janelas, uma vela se apagava aqui ou ali, entre pragas dos estudantes transidos de frio. O arvoredo estava inteiramente desfolhado e os riachos corriam caudalosos e escuros. Somente os carvalhos, cheios de ramos nodosos. a folhagem murcha mas obstinada, se destacavam como reis na paisagem desolada, sobranceiros e mais irados do que as outras árvores com a agressividade da invernia.

Heilner andava mais melancólico do que nunca. Em vez de procurar o Hans. dera-lhe agora para Cear num canto da sala de estudo e tocar violino com uma fúria digna dos vendavais que acossavam a velha Maulbronn, ou então provocar brigas com os companheiros.

Uma noite, quando entrou na sala, aí encontrou o ambicioso Lucius diante de uma estante de música, absorto em seus exercícios. Retirou-se irritado e voltou daí a meia hora. Lucius continuava no mesmo lugar.

— Agora bem poderias acabar com essa cega-rega protestou Heilner, de mau humor. — Há outras pessoas que também querem praticar e os teus arranhões no pobre instrumento são, positivamente, uma praga!

Lucius não lhe deu troco e Heilner ficou ainda mais furioso, enquanto o colega prosseguia calmamente em seus exercícios. Então, não se conteve e, com um pontapé violento, derrubou a estante. As folhas voaram pela sala e a estante bateu no rosto do violinista, antes de tombar. Lucius abaixou-se para recolher as folhas.

— Contarei o que fizeste ao éforo — disse Lucius, sem perder a calma.

— Está bem — gritou Heilner — e também lhe podes dizer que te dei um pontapé de quebra!

Acercou-se de Lucius para passar da ameaça aos fatos mas a vítima foi mais ágil e em dois pulos ganhou a porta. Heilner perseguiu-o ruidosamente pelo corredor, desceu as escadas, atravessou o claustro, outra escada, outro corredor, até às alas mais afastadas do convento. Sabia que Lucius corria para os aposentos do éforo e estava espantado com a agilidade do violinista. Só logrou alcançá-lo quando |à estavam quase na porta do gabinete de estudos do éforo. No mesmo instante em que Lucius batia e a porta se abria, Heilner conseguiu, no último esforço, desferir o pontapé prometido e fugir, enquanto Lucius voava como um projétil para dentro do sanctum sanctorum do éforo.

Foi um escândalo inacreditável. Na manhã seguinte, o éforo fez um brilhante discurso sobre a degradação da juventude, Lucius escutou aprovadoramente e Heilner recebeu uma severa pena de reclusão.

— Há muitos anos — gritou o éforo — que neste instituto não se aplica uma pena desse calibre! Mas, perante um tão desaforado ultraje, encarregar-me-ei de fazer com que o delituoso não esqueça o merecido castigo nos próximos dez anos! Que o estudante Heilner sirva a todos vós de lição!

A classe inteira olhava de soslaio para Heilner, que permanecia de pé, imóvel e pálido, sem desviar seus olhos dos do éforo. Secretamente, muitos o admiravam mas, apesar disso, quando no final das aulas todos encheram ruidosamente os corredores, ele viu-se sozinho e evitado como um leproso. Era preciso audácia para ficar a seu lado. Heilner passaria a dormir numa cela isolada e não poderia ausentar-se do convento durante alguns meses.

Hans Giebenrath também não teve coragem de ir ao encontro do amigo. Teria sido o seu dever, ele bem o sentia. Chamava-se otimamente um covarde e, infeliz e envergonhado, refugiou-se no vão de uma janela para que seus olhares não encontrassem os de Heilner. Teria dado anos de vida para obedecer ao impulso que o incitava a procurar o amigo e talvez o fizesse se o seu gesto pudesse passar despercebido. Mas um estudante punido com severa reclusão é, por algum tempo, uma espécie de marginal ferreteado; fica sujeito a rigorosa

vigilância e os que se dão com ele ganham má fama entre os zeladores e éforos. O benefício que o Estado confere aos seus protegidos tem de ser agradecido com um comportamento impecável e a disciplina severa e enérgica ali está para cuidar de que não ocorram falhas. Isso tinha todos eles ouvido nos discursos do início do ano letivo. Hans também o sabia e, entre a ambição acadêmica e o dever de amizade, optou pela primeira. O seu ideal era, realmente, progredir nos estudos, entrar no Seminário Maior sem tropeços e ocupar um papel de destaque na vida que escolhera. Nada disso envolvia aventuras românticas e perigosas. Muito no íntimo, achava ele que o castigo de Heilner até seria favorável aos seus estudos, na medida em que interrompia a assiduidade do amigo nas horas em que queria absorver-se nos deveres do grego ou da matemática. Com o decorrer das horas, porém, Hans via que a sua falta de coragem podia ter outro nome ainda mais feto: traição.

A Heilner nada disso passou em claro. O arrebatado moço percebeu que o amigo se esquivava dele e, embora compreendesse os motivos, sentia-se ferido e decepcionado, pois contara com Hans naqueles momentos vexatórios. Em comparação com a revolta indignada que lhe fervia agora no sangue, os arroubos românticos de seu espírito poético pareciam-lhe ridículos e vazios. Em dado momento, passou rente a Giebenrath e, em voz baixa, disse:

— És um miserável covarde, Hans Giebenrath!

E afastou-se de mãos enfiadas nos bolsos, assobiando em surdina.

Foi oportuno que outros pensamentos e ocupações viessem distrair os enclausurados jovens. Poucos dias depois do incidente no gabinete do éforo, a neve surgiu repentinamente. Pelas manhãs, os campos apareciam cobertos de cristalina geada e não tardava que os nevões caíssem em grandes flocos alvinitentes. Podiam se formar grandes bolas de neve para animados combates, andar de patins... e todos, se aperceberam. de súbito, que o Natal estava à porta. E as férias. A vigilância sobre Heilner afrouxou. Vagueava pelo convento, obstinadamente silencioso, sem trocar palavra com quem quer que fosse, e enchendo seus cadernos de novos poemas. Um caderno mais grosso tinha sido forrado de oleado e levava na capa a seguinte inscrição em letras góticas: Lieder eines Mönches (Canções de um Monge).

Nos carvalhos, abetos, faias e salgueiros, a neve cristalizava em fantásticas e caprichosas formações, pendentes dos galhos nus. Pedaços de gelo crepitavam no açude e o pátio do claustro mais parecia um calmo jardim de mármore. Uma excitação alegre pairava nos dormitórios, no antegozo das festas natalinas; e até os circunspectos catedráticos, o reitor, o prefeito e os éforos arvoravam agora

sorrisos benevolentes, tinham olhares brandos para os alunos e pareciam estar contagiados do nervosismo dos rapazes. Professores e estudantes, ninguém ficava indiferente à magia do Natal. O próprio Heilner parecia ter um semblante menos obstinado e, de fato, o Natal significaria o fim de sua reclusão. Lucius pensava que livros e que par de sapatos deveria levar para casa. Nas cartas que chegavam de seus lares, só havia coisas bonitas e promissoras: perguntas veladas sobre os desejos especiais de cada um, insinuações de agradáveis surpresas, planos de festas e em tudo uma carinhosa alegria do reencontro iminente.

Antes das viagens de férias, o convento foi ainda palco de um alegre episódio, com particular destaque para o dormitório “Hélade”. Fora resolvido convidar o corpo docente para uma festa natalina à noite, a qual seria realizada no “Hélade” por ser o dormitório mais espaçoso. Havia um discurso, declamações, um solo de flauta e um duo de violino. Mas alguns queriam a todo o custo incluir um número humorístico no programa. Trocaram-se alvitres, discutiu-se, houve propostas rejeitadas pela força dos votos e não se chegava a acordo. Então, o Karl Hamel sugeriu, como quem não quer a coisa, que o mais divertido de tudo seria um solo de violino por Emil Lucius. A ideia agradou em cheio. Com exortações, promessas e ameaças, conseguiram convencer o infeliz músico. E no programa, distribuído entre os professores com um amável convite, figurava em destaque como atração especial:

“NOITE FELIZ”, SOLO PARA VIOLINO, APRESENTADO POR
EMIL LUCIUS
VIRTUOSE DE MÚSICA DE CÂMARA.

O convite acrescentava que esse título fora outorgado em reconhecimento pela assiduidade do artista na afastada sala de música.

Compareceram o reitor, os catedráticos, os éforos, os repetidores, os bedéis e o mestre de música, cuja testa se alagou de bagos de suor quando viu Lucius subir no estrado, envergando uma casaca que pedira de empréstimo a Hartner, com as abas quase tocando o chão. Penteara-se com esmero e o cabelo reluzia de brilhantina. Seu sorriso era modesto e suave. A reverência que dedicou à ilustre assistência foi um primeiro convite à hilaridade mas todo o mundo se conteve o melhor que pôde, com exceção de alguns assobios logo abafados pelo “chiu” de um éforo.

A jubilosa canção “Noite Feliz” foi convertida pelos dedos de Lucius numa toada plangente. repleta de gemidos e uivos sofredores. Por duas vezes atacou a peça e só na terceira se considerou satisfeito. Triturou e dilacerou a “Noite Feliz”, marcando o compasso com o pé e as arcadas mais pareciam as de um madeireiro serrando uma árvore na floresta, sob a geada.

O reitor acenava animadamente a cabeça para o mestre de música, que estava pálido de indignação.

— A meio da execução, Lucius atrapalhou-se de novo, deixou cair os braços, segurando o violino em uma das mãos e o arco na outra, e dirigiu-se aos ouvintes. A coisa não vai — desculpou-se ele. É verdade que só toco violino desde o outono...

Os rapazes ensaiaram uma vaia mas o reitor fez ouvir sua voz grossa e autoritária:

— Está bem, Lucius — disse ele — todos estamos muito gratos pela sua boa-vontade e os seus esforços. Não desanime e continue a estudar. Per aspera ad astra!

No dia vinte e quatro de dezembro, às três da madrugada, a ruidosa agitação já campeava era todos os dormitórios. Nas janelas, rebrilhavam caprichosas flores de gelo. A água dos lavatórios também congelara e o pátio do convento era varrido por um vento fino e cortante de geada, mas ninguém se preocupava com essas ninharias. No refeitório, fumegavam as enormes cafeteiras e o desjejum foi feito num abrir e fechar de olhos. Dai a pouco, pequenos grupos escuros caminhavam apressados na estrada branca e tenuamente iluminada pelos primeiros alvores do dia, atravessando a silenciosa floresta. Eram os estudantes de férias, enrolados em sobretudo e mantas, rumo à estação. Conversavam uns com os outros, diziam piadas e riam alto, o peito repleto de júbilo. Sabiam que no país inteiro, nas cidades, aldeias e nos lugarejos mais isolados, havia pais, mães, irmãos e irmãs, esperando por eles em casas aquecidas e festivamente engalanadas. Para a grande maioria, era o primeiro Natal em que viajavam para chegar a seus lares e nenhum duvidava de que estava sendo esperado com alegria e enlevado orgulho.

Na pequena estação, emoldurada pelo bosque, eles esperavam a chegada do trem, arrepiados de frio, e nunca aquele numeroso grupo fora visto tão pacífico, tão quieto e tão ansioso por ver surgir na curva, fumegante e fazendo ouvir o seu estridente apito, a alvissareira locomotiva. Somente Heilner permanecia isolado e, quando o trem parou, ele esperou que os companheiros subissem e dirigiu-se depois para outro carro. Durante a baldeação, duas

estações mais adiante, Hans viu-o outra vez, mas a sensação de arrependimento e vergonha afundou rapidamente no nervosismo e alegria do regresso a casa.

O Sr. Giebenrath esperava Hans na sala, muito sorridente, ao lado de uma farta mesa de presentes. Não era uma festa de Natal genuína, pois ali faltavam os cânticos e o alegre alvoroço familiares; faltava a mãe e uma esfuziante árvore de Natal. O Sr. Giebenrath nada entendia da arte de preparar uma festa. Mas estava orgulhoso do seu rapaz e das boas notas que ele obtivera no primeiro período de seminário, e não fizera economias para recebê-lo condignamente. Hans não estava acostumado a outra coisa e foi com satisfação que notou nada faltar ao que esperava.

O pai e os amigos do pai acharam-no magro e pálido, com uma aparência alarmantemente ruim.

— Lá no instituto não lhes dão comida decente? — perguntou o Sr. Giebenrath.

— Claro que dão! — protestou Hans, energicamente. — Estou passando muito bem e não tenho o menor motivo de queixa até agora.

— Bom, ainda bem que assim é. Às vezes, esses senhores acham que alimentar o espírito é bastante. E agasalhos? Olha que o frio não está para graças!

— Bem, frio há um pouco. Mas nada que seja insuportável.

— Um friozinho razoável até que é saudável, enrijece o corpo. E a cabeça, tem-te doído?

Hans respondeu ser isso a única coisa que o incomodava deveras. As dores de cabeça eram outra vez mais frequentes. Nesse ponto interveio o pároco para consolar o moço seminarista. Quando era jovem também sofrerá desse achaque mas com o tempo acabara por passar.

— Ê o ônus que temos de pagar pela concentração intelectual, meu filho — perorou o esclarecido pastor. — Já verás que daqui a um ano estás livre disso. É uma questão de hábito.

Com essas palavras tudo ficou devidamente resolvido e certo.

O rio estava congelado e lustroso, cheio de patinadores nesses dias de feriado. Hans passava quase todo o dia fora, metido num terno novo, o boné verde do Instituto arrogantemente enfiado na cabeça, símbolo visível de que deixara muito para trás os seus antigos colegas e ingressara, vitorioso, num mundo superior. Hans sabia-se invejado e isso lhe causava um secreto prazer.



# 4

Era uma velha tradição de Maulbronn, como de muitas instituições semelhantes, que cada turma de seminaristas perdesse um ou mais companheiros no decorrer dos quatro anos no convento. Sempre havia algum que morria e era sepultado no pequeno cemitério adjacente à igreja ou levado, com escolta de amigos, para a sua terra natal. Ou um que se evadia. Ou um que era expulso por delitos graves. Ocasionalmente — mas isso era raro e só acontecia entre os finalistas — havia algum desesperado que encontrava rápida e sinistra solução para os seus dramas juvenis lançando-se de uma janela para o claustro ou para o rio, quando não com um tiro a meio da noite.

Também na turma a que pertencia Hans Giebenrath perder-se-iam alguns companheiros e, por estranha coincidência, todos pertenciam ao dormitório “Hélade”.

Entre os heladianos havia um moço louro e humilde, de nome Hindinger, a quem tinham posto o apelido de Hindu. Era filho de um alfaiate e chegara de algum lugar de Diáspora, sobre o qual Hindinger não fora muito preciso. Era um sujeito calmo e só deu que falar, embora não muito, depois que desapareceu. Como vizinho de carteira de Lucius, o virtuose, tivera um pouco mais de contato com este, tratando sempre o colega afavelmente mas sem intimidades. Fora Lucius, não fizera mais amigos. Só quando notaram a sua falta é que se aperceberam de que todos tinham gostado dele, como um companheiro despretensioso e bom que era um oásis de calma na frequentemente agitada vida do dormitório.

Num dia de janeiro, juntou-se Hindinger a um grupo de patinadores de gelo que se dirigiu para o Rossweiher. Não tinha patins e o seu propósito era, apenas, observar as evoluções de seus colegas. Depois de ter ficado parado largo tempo, sentiu frio e achou que deveria fazer alguns exercícios para esquentar.

Pôs-se a correr ao longo do rio, até que, depois de cruzar um trecho do bosque, foi parar junto de um outro açude que, por causa de sua corrente mais forte e mais quente, não congelara por completo e apresentava apenas uma leve e fraca capa de gelo, quase translúcida. Hindinger não se apercebeu disso e, descendo pela margem, entre os junquilhos, resolveu atravessar o açude para o outro lado. Mal dera dois passos, o gelo quebrou e, com um grito, o pobre moço mergulhou. Ainda se debateu e gritou por algum tempo mas foi vencido pela força das águas escuras e afundou, sendo levado rio abaixo sem que qualquer pessoa pudesse vê-lo das margens.

Somente às duas horas, quando teve inicio a primeira aula da tarde, a sua ausência foi notada.

— Onde está Hindinger? Indagou o repetidor.

Ninguém respondeu, olhando todos para o lugar vazio ao lado de Lucius.

— Vá um de vocês ver se ele está na “Hélade”!

Mas também aí não encontraram rastro do rapaz.

— Bom, por certo se atrasou no passeio — disse o repetidor. — Começaremos sem ele. Estamos na página setenta e quatro, verse sete. Espero que isto não se repita. Vocês têm de ser pontuais, caso contrário serei obrigado a informar o catedrático.

Quando soou a sineta das três horas e como Hindinger continuasse sumido, o repetidor mandou chamar um éforo. Este apareceu pouco depois na sala de estudos, fez um meticuloso interrogatório e mandou que dez alunos saíssem, na companhia de um bedel, em busca do colega. Aos que ficavam, foi dado um exercício escrito mas, nessa altura dos acontecimentos, já todo o mundo estava intrigado e trocavam-se comentários em voz baixa, com as hipóteses mais desencontradas. A versão mais corrente era que Hindu fugira do seminário.

Às quatro horas, o bedel entrou agitado no auditório e falou em voz baixa com o repetidor e o éforo.

— Silêncio! — grilou o éforo. Os estudantes sentaram-se imóveis, olhando ansiosamente para o superior.

— O vosso colega Hindinger — continuou o éforo, procurando conter a sua emoção — parece ter se afogado num açude, perto do bosque, onde o senhor bedel encontrou o gelo quebrado e pegadas até ao rio que podem ser as do vosso companheiro.

Um frêmito de espanto percorreu a sala, que se agitou em murmúrios e exclamações.

— Silêncio, repetiu o éforo. — Vocês terão de ajudar-me a procurá-lo. O

senhor catedrático Meyer conduzirá um grupo e eu outro. Os que forem com o senhor catedrático terão de obedecer-lhe rigorosamente e não dar um passo por conta própria, entendido?

Nervosos e assustados, os rapazes partiram e depressa se dividiram em dois grupos, um levando à frente o éforo e outro o professor. Ao passar pela povoação, juntaram-se-Ihes alguns homens com varas e cordas e todos caminhavam apressados. Fazia terrivelmente frio e o sol já descia para a orla do bosque.

Quando, finalmente, encontraram o corpo franzino e hirto de Hindinger, encalhado entre os juncos da margem e coberto de neve, colocaram-no em uma padiola feita de sarrafos de madeira e cordas. Já anoitecia. Os seminaristas rodeavam o cadáver, esfregavam os dedos azulados de frio e batiam ruidosamente oi pés no solo duro. Só quando os homens de Maulbronn carregaram o estudante afogado e se formou um préstito silencioso pelos campos cobertos de gelo, foi que os jovens seminaristas sentiram um arrepio de angústia e farejaram a presença da morte como um veado fareja a aproximação de um caçador implacável.

Os dois grupos já se haviam reunido de novo e Hans Giebenrath, por coincidência, viu-se ao lado do seu ex-amigo Heilner. Ambos notaram no mesmo instante essa vizinhança mútua quando tropeçaram, simultaneamente, num mesmo ressalto do terreno. Talvez a presença da morte o emocionasse e, por momentos, o convencesse da futilidade do egoísmo e da ambição; de qualquer modo, Hans, ao dar-se conta, inesperadamente, do pálido rosto do amigo tão perto dele, sentiu uma dor profunda e inexplicável e, num gesto impulsivo, pegou repentinamente na mão do outro. Heilner recolheu-a, enfadado, voltando a cabeça para o outro lado, e logo se afastou de Hans, indo perder-se nas últimas filas da caravana.

O coração de Hans pulsou de amargura e vergonha e ele não pôde evitar que, enquanto continuava a caminhar aos tropeções pelos campos gelados, as lágrimas lhe corressem pelas faces azuladas e cheias de frieiras. Compreendeu que existiam pecados e omissões inesquecíveis, que nenhum homem pode perdoar e nenhum remorso corrigir; e pareceu-lhe que à sua frente, na padiola carregada pelos homens da cidade, não ia o obscuro filho do alfaiate mas o seu amigo Heilner, levando para o outro mundo, em seu peito inerte e inchado, toda a dor e toda a ira da deslealdade e covardia de que fora vitima na terra. Um outro mundo onde os atos humanos não eram julgados pelos boletins, pelos exames e pela obediência às regras de uma escola mas, simplesmente, pela pureza ou

infâmia da consciência.

Entrementes, o préstito soturno alcançara a estrada e entrava rapidamente no convento, onde Iodos os professores e éforos receberam no portão nobre o cadáver de Hindinger que, em vida, teria fugido espavorido de tal honraria. A um estudante morto, a hierarquia olha sempre com olhos bem diferentes. Os professores dão-se conta, com um certo remorso, do valor assim desperdiçado para a vida e o futuro, e da impossibilidade de substituir um fruto da juventude que eles, tão frequentemente, trataram com altiva insensibilidade e desapreço.

Durante essa noite e todo o dia seguinte, a presença do cadáver insignificante na capela provocou como que sortilégios nos estudantes, que pareciam fantasmas de si próprios; os gestos eram comedidos, as vozes abafadas, as brigas, os gritos e as risadas desapareceram dos corredores e dormitórios — como se fossem sereias que, por instantes, sumissem da superfície das águas e permanecessem ocultas, imóveis, aparentemente sem vida, na expectativa de que as vozes dos próximos navegantes as reanimem do torpor. Quando dois rapazes conversavam sobre o afogado, mencionavam sempre o seu nome completo, pois já lhes parecia indigno o apelido de Hindu para um morto. E o discreto Hindinger, que antes se perdera sem que a sua ausência tivesse sido sequer notada pela turma, enchia agora todo o convento com seu nome e a sua morte.

No segundo dia chegou o pai de Hindinger. Permaneceu algumas boras sozinho na capela junto do caixão do filho e, depois, foi convidado a tomar chá com o reitor, o prefeito e os éforos, passando a noite no “Hirschen”, uma estalagem da cidade.

Depois fez-se o enterro. O caixão foi exposto num catafalco para o oficio de corpo presente e o alfaiate de Allgäu manteve-se todo o tempo a seu lado, de cabeça baixa, e silencioso. Tinha o aspecto típico de um alfaiate, terrivelmente magro e anguloso; envergava um fraque preto, em que os círios do catafalco punham reflexos esverdeados, calças apertadas e, nas mãos, um chapéu alto e lustroso que devia ter sido do seu casamento. O rosto afilado tinha uma expressão de fragilidade afita, como uma vela de encruzilhada exposta ao vento, e notava-se o seu embaraço quando os éforos ou os professores lhe dirigiam a palavra.

No último instante, antes que os carregadores levassem o caixão, o triste homenzinho adiantou-se uma vez mais e tocou a tampa, num tímido gesto de carinhoso adeus. Depois ficou parado, sem jeito, lutando com as lágrimas no meio do recinto calmo, tão desamparado, tão solitário e aflito, que era uma pena vê-lo. O pastor deu-lhe sua mão e dirigiu-lhe algumas palavras em voz baixa.

Depois, o pai Hindinger pôs o solene chapéu alto na cabeça e correu, num passo miúdo, atrás do féretro, descendo as escadas, cruzando o claustro e, através do adro desolado e branco, na direção do muro baixo do cemitério. Enquanto, ao lado da cova, os seminaristas entoavam um De Profundis, a maioria olhava não para o mestre de música, não para as suas mãos que regiam, mas para a frágil figura do alfaiate, encolhido de frio, que escutava as orações do pastor, do éforo e do decano do corpo docente, e erguia uma vez por outra a cabeça para os alunos, acenando um gesto distraído de agradecimento, ou pescava com a mão esquerda o lenço guardado ao bolso do fraque para limpar uma lágrima, sem que, no entanto, conseguisse tira-lo nenhuma vez.

— Eu estive imaginando como seria se, no lugar dele, fosse o meu próprio pai quem estivesse ali parado — disse Oto Hartner mais tarde. Sim, eu também pensei o mesmo — confessaram quase todos.

Pouco depois, o éforo apareceu no dormitório “Hélade”, acompanhado do pai de Hindinger.

— Algum de vocês tinha amizade especial com o falecido? — perguntou o éforo.

No início ninguém se manifestou. O pai do “Hindu” passou um olhar tímido e desconsolado pelos rapazes, como se perguntasse a si próprio: “Então, meu filho, você não fez nem um amigo?”

Depois, lentamente, Lucius acercou-se dos dois homens.

— Eu era o companheiro de carteira do... do seu filho, Sr. Hindinger.

O alfaiate estendeu-lhe a mão, segurando-a por alguns instantes, mas ficou calado, sem saber o que dizer.

— Os meus sentimentos, Sr. Hindinger — disse Lucius, mais senhor de si.

O homenzinho acudiu a cabeça repetidas vezes e deu meia volta, dirigindo-se rapidamente para a porta. Depois partiu e teve de viajar um dia inteiro por terras cobertas de neve para chegar à casa e poder contar à mulher em que lugar escuro e remoto o seu Karl se encontrava agora.

No convento, o sortilégio desfez-se pouco depois. Os professores voltaram a gritar, os estudantes a brigar, as portas a bater ruidosamente e pouco se pensava já no finado heladiano. Alguns tinham apanhado violentos resfriados por terem ficado tanto tempo parados nas margens do açude e o prefeito mandara que recolhessem à enfermaria para não contagiar os outros. Vagueavam, entediados, peta branca e enjoativa, em pantufas e com os pescoços enrolados em grossos cachecóis de lã.

Hans Giebenrath nada sofrera fisicamente mas, desde esse dia de desgraça, parecia mais velho e mais sério. Algo mudara nele, como um súbito amadurecimento de sua alma de adolescente, e o espírito vogava agora, solitário, por estranhas regiões onde não havia lugar para repouso. Disso não tinha culpa o súbito encontro com a morte nem o luto pelo bom “Hindu” mas, simplesmente, a aguda consciência de sua culpa a respeito de Heilner, ainda mais viva depois que o amigo rechaçara com desdém quando se encontraram no caminho de regresso ao convento, acompanhando o corpo do afogado.

Heilner era um dos que baixara à enfermaria e teve de engolir doses maciças de chá quente, receber aplicações de mostarda no peito e inalações de folhas de eucalipto. É teve tempo de sobra para por em ordem as impressões recebidas com a morte de Hindinger, ordenando-as para eventual uso literário. Aparentemente, porém, dava a impressão de que o trágico episódio não o afetara; não discutia o assunto com os seus companheiros de enfermaria, parecia distante e indiferente a tudo o que o cercava. Seu rosto tinha uma expressão doentia e sofredora mas estoica. A solidão que lhe fora imposta em virtude da pena de reclusão tinha feito de sua alma sensível e necessitada de frequente comunicação, um pequeno animal ferido e desamparado, entregue à sua própria sorte num descampado coberto de neve e ameaças hostis. Os professores vigiavam-no, como um jovem de cabeça rebelde e insatisfeita; os colegas evitavam-no, os bedéis tratavam-no com uma complacência irônica e seus amigos Shakespeare, Schiller e Lenau apontavam-lhe outro mundo, mais imponente e fascinante do que o que o cercava, opressivo e humilhante. Aos seus Mõnchslieder, que inicialmente timbravam pelo seu tom elegíaco, fora lentamente adicionado um repertório de poemas amargos, prenhes de hostilidade contra os professores, os colegas e o convento em geral. Heilner encontrava na solidão um amargo prazer de mártir e sentia-se um novo Juvenal ao desabafar em versos desdenhosos e implacáveis o fel que lhe circulava nas veias.

Oito dias depois do sepultamento do ‘‘Hindu”, quando todos os colegas já tinham recebido alta e Heilner ficou sozinho na enfermaria, foi visitado por Hans Giebenrath. Cumprimentou-o timidamente, puxou uma cadeira para junto do leito e pegou na mão do doente, que virou o corpo para a parede, num gesto irritado, e permaneceu completamente inacessível. Mas Hans, desta vez, não se deixou escorraçar. Manteve a mão do amigo firmemente presa na sua e obrigou-o a olhá-lo, surpreendido. Heilner um esgar de desprezo nos lábios teimosamente cerrados.

— Mas, afinal, o que é que queres aqui? — perguntou Heilner, em tom

cortante.

— Tens de ouvir-me — disse Hans. — Fui covarde daquela vez e abandonei-te quando não devia. Mas tu já me conheces. Vim para o seminário com o firme propósito de fazer boa figura e, se possível, ser o primeiro aluno. Chamarias a isso uma ambição tola e é possível que tenhas razão. Mas foi sempre esse o meu ideal e nunca conheci outro melhor.

Heilner estava de olhos fechados, impassível, e Hans continuou:

— Não sei se queres ou não voltar a ser meu amigo nem te peço que o sejas, se isso for a tua vontade. Mas quero que me compreendas e me perdoes!

Heilner permanecia calado. Tudo o que havia de bom e generoso em seu íntimo sorria para o amigo mas ele habituara-se agora à sua máscara dura e inflexível e manteve-a afivelada ao rosto. Hans não desistiu.

— Tens de ouvir-me, Heilner! Eu prefiro ser o último da classe a continuar assim deste jeito contigo. Se quiseres, seremos novamente amigos e mostraremos aos outros que os nossos sentimentos estão acima de mal-entendidos passageiro .

Mal tinha Hans acabado de pronunciar estas palavras e Heilner abria os olhosa, fitava o amigo e correspondia ao aperto de mão.

Dias depois, abandonava também a enfermaria e não pouca sensação causou no seminário o inesperado reatamento daquela amizade. Para os dois rapazes, começavam agora indescritíveis semanas de júbilo, sem acontecimentos Importantes, mas cheias de estranhas sensações de feliz união, alimentada por uma secreta compreensão que não necessitava de palavras. O afastamento de várias semanas tinha causado transformações em ambos. Hans perdera a sua reserva habitual e mostrava-se mais expansivo e cordial, mais espontâneo ao manifestar seus sentimentos, ao passo que Heilner agia de um modo mais varonil, mais raramente se entregando aos lamentos piegas que tanto incomodavam o amigo. Tinham deveras sentido a falta um do outro e a reconciliação parecia-lhes um grande acontecimento e uma dádiva dos deuses.

Os dois rapazes experimentavam assim, em sua amizade, algo dos delicados segredos de um primeiro amor. Nessa união, a que não faltava o alvoroço pungente de uma masculinidade em amadurecimento, havia muito ainda de uma generosa e cândida entrega adolescente aos prazeres do companheirismo, num ambiente a que faltava a presença gentil de um sorriso feminino. Os colegas desfrutavam daquilo. Heilner continuava sendo para os outros um sujeito desagradável e Hans incompreensível.

Quanto mais Hans dependia, para sentir-se feliz o seguro da amizade de

Heilner, mais a escola se lhe tomava cansativa e monótona. O renascer daquela amizade passava por suas veias e pensamentos como a embriaguez de um vinho novo e efervescente, ao lado do qual o Homero e o Tito Lívio perdiam toda a importância.

Os professores, entrementes, viam com grande consternação que o até então excelente aluno se convertera num caso problemático, sob a má influência do mais que suspeito Heilner. Nada alarmava tanto os professores e éforos do que essas fantasmagóricas transformações no comportamento dos rapazes, no perigoso e crucial momento da adolescência em que desabrocham os primeiros sintomas de uma sensibilidade adulta. O caso de Heilner era diferente. Pressentiam nele um toque de gênio em suas manifestações precoces de personalidade rebelde e isso era motivo de sobra para ficarem apavorados, pois é tradicional o profundo abismo que sempre existiu entre ser gênio e ser pastor ou magistrado ou catedrático. Por isso, quando aparece numa escola um rapaz do tipo de Heilner instala-se de antemão entre as hostes docentes um inconfortável alarma, como se o inimigo tivesse penetrado nos fortificados baluartes do nobre e clássico saber. Para os mestres, gênios são aqueles rapazes que começaram a fumar aos quinze anos, que aos dezesseis se apaixonam e começam a frequentar tavernas, aos dezessete leem livros proibidos, fazem redações irreverentes, encarara os catedráticos com expressão irônica e ficam registrados no cadastro escolar como agitadores e candidatos ao calabouço. Os mestres preferem ter em suas classes uma dúzia de burros a um único gênio, pois a sua obrigação não é formar espíritos extravagantes, mas bons latinistas, bons matemáticos e bons teólogos, cidadãos ordeiros e respeitadores da morai vigente. Mas quem sofre mais, entre o professor e o jovem, qual dos dois é mais tirano ou mais importuno, qual o que mais tortura e deforma uma parte do espírito do outro, eis o que não se pode apurar com exatidão. Mas isso não é problema nosso e resta-nos o consolo de que as feridas causadas pelos verdadeiros gênios cicatrizam depressa. Quando a teimosia os leva a criar suas boas obras e mais tarde, já mortos, o mundo lhes confere a confortável auréola dos ausentes, são apresentados então por seus antigos professores como exemplos às gerações seguintes e os seus nomes são postos em placas de mármore com letras douradas nos colégios e dormitórios por onde passaram sua rebeldia e inconformismo.

E assim se repete, de escola em escola, de ano em ano. O espetáculo do duelo entre o espírito da lei e a lei do espírito, e assistimos sempre ao inglório esforço do Estado e da Escola para quebrar na raiz os raros espécimes que, por seu talento mais valioso e mais profundo, são vistos com maus olhos pelos

apreensivos mestres. E são esses, justamente, que com maior frequência se veem detestados, castigados e expulsos, os que mais tarde enriquecem o patrimônio do seu povo e gozam de um respeito e gratidão que nunca receberam em vida. Alguns, porém — sabe-se lá quantos! — consomem-se numa teimosia silenciosa, não sabem resistir à pressão e afundam.

Segundo o antigo e salutar princípio acadêmico, logo que os mestres de Maulbronn começaram a ter sérias suspeitas a respeito dos dois jovens, não foi a compreensão ou o afeto que duplicou mas a severidade. Só um dos éforos, que se orgulhava de Hans por ser o mais aplicado e sabedor em hebraico, fez uma desajeitada tentativa de salvação. Mandou-o chamar ao seu gabinete, um bonito e pitoresco quarto de sacada que fazia parte dos antigos aposentos do abade e onde, segundo rezava a lenda, o Doutor Fausto, oriundo da vizinha Knittlingenm muitas vezes saboreara o seu caneco de efervescente Elfinger. O éforo era um homem equilibrado, a que não faltava bom senso e inteligência prática. Mostrava até uma certa benevolência com os estudantes, a quem gostava de tratar familiarmente por tu. O seu principal defeito era uma excessiva dose de vaidade: não perdia ocasião de exibir suas presunçosas habilidades nem permitia que alguém pusesse em dúvida a sua autoridade, como responsável pela disciplina e administração do seminário. Assim, entendia-se maravilhosamente com os alunos indolentes, os manhosos e os aduladores; e era com os de ânimo forte e os honestos que se mostrava mais intratável, pois a menor insinuação de rebeldia ou divergência o deixava profundamente irritado. Quando Hans entrou, o éforo estava metido no papel de amigo paternal, o olhar animador, o tom de voz comovente; era um mestre da arte de representar e queria dar a Hans uma exibição à altura.

— Senta-te Giebenrath — disse ele, amistosamente, depois de um aperto de mão vigoroso. — Quero conversar um pouco contigo... Posso tratar-te de tu, não é verdade?

— Pois não, senhor éforo.

— Bom, certamente haverás notado, meu caro Giebenrath, que o teu rendimento vem diminuindo nestes últimos tempos. Pelo menos no hebraico, segundo me disse o catedrático, já não pareces o mesmo. Eras até agora o melhor nessa disciplina e no grego e latim estavas sempre entre os primeiros. Por isso sinto muito essa queda de rendimento. Será que o hebraico perdeu interesse para ti?

— Oh, não! De modo nenhum, senhor éforo!

— Pensa bem. Isso é uma coisa que pode acontecer. Talvez estejas

dedicando-te agora mais a outra matéria...

— Não, senhor éforo. Todas as matérias são de igual interesse para mim.

— Realmente? Bem, nesse caso teremos de encontrar outro motivo. Serias capaz de me ajudar com alguma pista?

— Eu não sei... Sempre tenho feito os meus deveres.

— Certamente, meu caro. Mas, como sabes, differendum est inter et inter. A obrigação é uma coisa e o gosto pelo estudo é outra. E tu demonstravas maior interesse, dedicava-te mais. Só pergunto donde terá vindo esse repentino afrouxamento do teu antigo entusiasmo. Não estarás doente?

— Não, eu acho que não estou.

— Sentes dores de cabeça? Na realidade, noto que a tua aparência não é das melhores...

— Sim, dores de cabeça sinto às vezes.

— Será que o trabalho diário é demasiado para ti?

— Oh,, não, senhor éforo! Eu estudo com muito gosto, garanto ao senhor.

— Talvez andes lendo livros além dos de estudo. Podes ser franco comigo, Giebenrath. Ninguém melhor do que eu poderia orientar-te para as boas leituras, desde que não afetem o estudo, claro. Nem sempre um |ovem sabe escolher os romances que melhor servem à sua formação moral. Diz-me: o que foi que leste ultimamente?

—Mas eu quase não tenho tempo de ler, juro!

— Bom, nesse caso não entendo mais coisa alguma. Estou certo de que deve haver algo que te preocupa e está te prejudicando os estudos, mas se não queres confiar em mim, paciência, meu caro. Promete-me, ao menos, que vais começar a esforçar-te de novo!

— Hans colocou sua mão sobre a mão estendida do éforo, que o olhava gravemente.

— Assim está bem, meu caro — disse ele, em tom condescendente. — Só te recomendo que não amoleças, caso contrário vais conhecer o fracasso mais cedo do que supões. Trata de ficar longe da carruagem, se não queres ser colhido debaixo das rodas.

Apertou a mão de Hans e este, respirando aliviado, dirigiu-se para a porta. De súbito, foi chamado de novo.

— Ah, apenas uma coisa mais, Giebenrath. Tu tens muita intimidade com o Heilner, não é verdade?

— Sim, bastante.

— Mais do que com os outro , penso eu. Ou não?

— Sim, é certo. Heilner é meu amigo.

— Como foi que isso aconteceu? Vocês, na verdade, são naturezas muito diferentes.

— Eu não me preocupei com isso, senhor éforo. Ele é, simplesmente, meu amigo.

— Tu sabes que eu não tenho uma predileção especial por teu amigo. Ê um moço inteligente, não duvido, mas tem um espírito irrequieto e rebelde, nada produz de valor e a influência dele nunca poderá ser benéfica para ti. Eu gostaria de ver que te afastavas um pouco mais do Heilner. Será pedir muito?

— Isso é uma coisa que eu não posso fazer. Lamento muito, senhor éforo.

— Não podes? Mas por que dizes que não podes?

— Porque ele é meu amigo. Não posso abandoná-lo.

— Hum... Mas poderias dar-te um pouco mais com os outros, não te parece? És o único que te entregas tão confiadamente à má influência do Heilner e as más consequências já estão à vista! O que é que te prende tanto a ele?

— Eu mesmo não sei... Mas gostamos muito um do outro e eu seria um covarde se o abandonasse...

— Ah, sim, estou entendendo! Bom, eu não te obrigo, Giebenrath. Mas espero que te desprendas lentamente dele. Eu gostaria que o fizesses, gostaria muito mesmo...

As últimas palavras não tiveram a mesma brandura de antes. Hans podia agora retirar-se.

Desde esse encontro, empenhou-se desesperadamente nos estudos. Mas já não era o mesmo progresso fácil de antes, senão um triturar penoso dos conhecimentos ganhos dia a dia, num esforço para, pelo menos, não ficar para tris. Ele bem sabia que isso provinha, em parte, da sua amizade com Heilner mas não via nela um estorvo, antes, considerava-a um bem precioso que compensava largamente os dissabores de sua vida escolar. Essa amizade insuflava em sua existência sentimentos mais elevados e mais vibrantes do que jamais poderia esperar da antiga preocupação com o cumprimento sensato do seu dever. Acontecia-lhe o mesmo que a um jovem enamorado: sentia-se capaz das mais heroicas ações mas impotente diante das tarefas cotidianas, monótonas e mesquinhas. E assim se submetia cada vez com maior desespero ao jugo do seminário. Proceder como Heilner, que trabalhava superficialmente e assimilava de passagem, com uma rapidez espantosa, o mais necessário para garantir a nota, era algo de que Hans não se sentia capaz nem entendia bem as vantagens que tal método poderia ter para a sua carreira. Como o teu amigo lhe ocupasse à noite as

horas livres. Hans via-se obrigado a acordar mais cedo que os companheiros e a bater-se com a gramática hebraica como se arrostasse com um inimigo feroz. Prazer, aliás, só lhe era proporcionado pelo Homero e as aulas de História. Embora tateando ainda, cada vez se acercava mais de uma compreensão clara do mundo homérico e. na História, os personagens deixavam, aos poucos, de ser meros nomes e datas para se converterem em gente de carne e osso, que o olhava de perto com olhos ardentes, lábios vermelhos e gestos vivos — alguns, com rostos mais cruéis, feições grosseiras e brutais, outros mais frios, olhares de pedra, a fisionomia pálida onde se desenhavam finas veias azuladas, os lábios exangues e cínicos, ainda outros onde o olhar febril, a expressão ascética e apaixonada, deixava adivinhar os grandes mártires ou os grandes heróis.

Também durante o estudo dos Evangelhos no texto grego Hans surpreendia-se, frequentemente, com a nitidez e a proximidade dos personagens. Sobretudo, uma vez, quando traduzia o trecho de Jesus em Genesaré no Capítulo 6 de Marcos, ao chegar aos versículos que contam como o Mestre saiu do barco com os discípulos e “o povo logo O reconheceu e acorreu ao Seu encontro”, Hans também viu o Filho Unigénito abandonar o barco e reconheceu-O, não pela figura, nem pelo rosto moreno e barbudo, mas pelo brilho fulgurante de teus olhos profundos e ternos e pelos acenos suaves de suas finas e longas mãos queimadas de sol e maresia. As águas agitadas do mar de Galileia e a proa de uma pesada barca surgiram por instantes em sua visão mas logo tudo se dissipou como o vapor da respiração no ar gélido do inverno.

De vez em quando lhe acontecia algo semelhante quando se absorvia na leitura de seus livros: retalhos de história, figuras de antanho, saltavam das páginas como se ansiassem por mais alguns instantes de vida e por mergulhar seus olhos no olhar de um ser vivo. Hans aceitava esses devaneios com um secreto fascínio e surpreendia-se com a minúcia dessas rápidas aparições; ficava transtornado, o livro como que se esfumava e seus olhos penetravam na escuridão da terra como se estivessem observando o mundo através de uma parede de cristal. Eram momentos deliciosos que Hans recebia deslumbrado e deixava partir, tão inesperadamente como haviam chegado, sem que se lamentasse por isso; considerava-os a todos, fossem guerreiros ou apóstolos, hóspedes gentis a quem não se atrevia a dirigir a palavra ou a insistir para que permanecessem por mais algum tempo, pois em todos eles havia algo de transcendente e de espectral que o atemorizava.

Conservou em segredo essas estranhas experiências, não as confiando sequer a Heilner. Neste, a anterior melancolia convertera-se num espírito efusivo

e perspicaz, que não poupava suas críticas ao seminário, aos professores e companheiros, às contingências da existência humana e aos argumentos sobre a realidade de Deus. Depois, bruscamente, perdia a vontade de discutir e se entregava às mais desvairadas travessuras. Já que tivera de viver longos meses isolado dos demais companheiros, Heilner procurava agora manter de motu-próprio, orgulhosamente, esse contraste e prolongar suas relações hostis com o seminário. Giebenrath deixara-se atrair para a sua órbita, sem fazer qualquer esforço para evitá-lo, e assim foi que os dois amigos se encontraram divorciados da agitada multidão estudantil, como um recife em pleno mar, que todos olham com desconfiança e animosidade.

Hans habituava-se aos poucos a essa situação. Nenhuma razão de queixa teria se não existisse a sombra do éforo, por quem sentia agora um obscuro temor. Fora o seu aluno preferido e Hans notara como, nos últimos tempos, ele o vinha tratando com frieza e deliberada indiferença. E o famoso hebraico, então, nem era bom falar. Hans desinteressara-se completamente pela matéria e só com muito esforço lograva manter algum aproveitamento.

Era agradável observar como, nos últimos meses, os quarenta seminaristas do primeiro ano se transformarem de corpo e alma, à exceção de uns poucos que pareciam ter estacionado naquele período intermédio e indefinido entre o adolescente e o homem feito. Mas a grande maioria esticara imenso em todas as direções; estava mais espigada, tinha os ombros mais largos e exibia, um tanto burlescamente, os tornozelos e os punhos — pois as roupas não haviam crescido junto. As faces sombrearam-se em uma barba incipiente, alguns começaram se vangloriando de um atrevido buço, que era cuidado com zelo. como prova de uma virilidade orgulhosa, os corpos perderam as angulosidades juvenis e o estudo de Homero, dos latinos, da trigonometria, imprimia em seus rostos uma seriedade adulta, ainda que inconstante. Os bochechudos passaram a ser raridades.

Hans também mudara. Mais alto e magro, só se distinguia fisicamente de Heilner pelo rosto que, aliás, parecia mais velho que o do amigo. Seus olhos estavam mais fundos, a pele linha uma coloração apergaminhada e doentia, os ombros largos e ossudos eram ligeiramente abaulados.

Quanto mais indiferente ia ficando ao seu aproveitamento escolar, mais se desligava também dos seus camaradas de estudo, sob a influência implacável de Heilner, o rebelde. E como já não tinha mais qualquer motivo para se julgar um aluno exemplar e futuro primus, o modo sobranceiro e vaidoso como olhava para os seus companheiros assentava-lhe realmente mal e não tardou a ser alvo de

troças. De início, Hans suportou-as confuso e sem reagir. Mas depressa o amor-próprio ferido e a sensação íntima de que estava merecendo a chacota dos companheiros da “Hélade” o levaram a replicar violentamente e começaram as primeiras brigas, sobretudo com o esplêndido Hartner e o intrometido Otto Wenger. Um dia, Otto, ao ver Hans entrar no dormitório voltou-se para os outros rapazes e disse, entre as gargalhadas gerais:

— Eh, vocês conhecem o reverendo Giebenrath, a águia que virou galinha?

Hans não aguentou mais e, dirigindo-se a Otto, desfechou-Ihe um murro. Foi uma briga feia. Wenger não era um moço que se destacasse pela coragem mas, com um adversário tão frágil, não era difícil levar a melhor e surrou Hans sem dó nem piedade. Heilner não estava presente e os outros assistiam indiferentes, satisfeitos por verem Hans levar a surra. Wenger caprichou no seu trabalho. Ao fim de um quarto de hora, o seu adversário sangrava copiosamente do nariz, tinha um olho inchado e doíam-lhe todas as costelas. A vergonha, as dores e a raiva mantiveram-no acordado a noite toda. Nada contou a Heilner sobre o acontecido e o amigo tampouco lhe perguntou o motivo daquela olheira arroxeada. Daí em diante, Hans isolou-se rigorosamente dos colegas de quarto e quase não trocava palavra alguma com eles.

Ao avizinhar-se a primavera, sob a influência das chuvaradas do meio-dia, dos demorados crepúsculos e dos domingos chuvosos que não consentiam as excursões pelos campos enlameados, novas atividades e iniciativas começaram animando a vida no convento. No dormitório “Acrópole”, entre cujos residentes havia um bom pianista e dois flautistas, era regularmente organizado, duas vezes por semana, um sarau musical que atraía todos os amantes da boa música. No dormitório “Germânia” fora fundado om grupo dramático, que todos os domingos apresentava recitativos. E alguns jovens pietistas formaram o Círculo Bíblico, que todas as noites organizava debates em tomo do Livro Sagrado, discutindo inclusive as notas marginais da Bíblia de Calvino.

Heilner apresentou-se no “Germânia’' para ler os seus poemas e participar dos recitais dramáticos mas foi rejeitado. Ferveu de raiva. Por mera vingança, ofereceu-se no Círculo Bíblico. Tampouco aí queriam aceitá-lo mas Heilner insistiu até eles cederem. O resultado não podia ser outro: os tranquilos debates viram-se transformados em polêmicas violentas, conflitos e brigas, em decorrência das teses audaciosas e mesmo das insinuações de ateísmo que Heilner apresentou aos escandalizados pietistas. Logo se cansou desse divertimento mas suas conversas mantiveram o tom irônico com que aludia

sempre aos assuntos bíblicos. Entretanto, a turma já não lhe dava importância, pois encontrava-se agora impregnada de um novo espírito de iniciativa e criação.

Um “espartano” inteligente e espirituoso deu, sobretudo, que falar de si. Preocupava-se ele, além de granjear fama pessoal, em trazer animação ao ambiente acadêmico e nada inventou de melhor que fazer bem-humoradas charges sobre a própria vida escolar. Chamava-se Dunstan e encontrara um meio original de causar sensação e conquistar renome.

Certa manhã, quando os alunos saiam dos dormitórios, encontraram cotadas nas paredes dos corredores folhas de papel em que, sob a epígrafe geral de “Epigramas de Esparta”, eram caricaturados em verso os estudantes que mais se destacavam por suas tolices, hábitos e extravagante conduta. A parelha Giebenrath-Heilner também recebeu sua dose de humorismo ridicularizante. Uma agitação enorme se apossou do pequeno dormitório “'Esparta”; os estudantes acotovelavam-se diante de sua porta como na entrada de um teatro e todo o mundo zumbia e sussurrava como um povo de abelhas cuja rainha se preparasse para alçar voo de novo.

Na manhã seguinte, a porta de “Esparta” ficou repleta de epigramas e xênios, com réplicas, novos ataques, aplausos, sem que o autor do escândalo fosse tão tolo que tomasse parte no escarcéu. Seu intuito fora lançar lenha na fogueira, conseguira o seu propósito e esfregava as mãos, deliciado da vida. Todos os estudantes participaram, durante alguns dias, no duelo de epigramas e xênios; andavam preocupados e absortos, cada um deles imaginando o dístico mais satírico e maldizente para colar na parede do dia seguinte; Lucius era o único que continuava estudando, imperturbavelmente, alheio àquela azáfama extra- curricular. Finalmente, um éforo tomou conhecimento da coisa e proibiu terminantemente a continuação dessa excitante brincadeira.

O inteligente Dunstan não dormiu sobre os louros colhidos. Entrementes, preparara o seu grande golpe. Dois ou três dias depois, lançou o primeiro número de um jornal mimeografado em folhas de caderno escolar, para o qual estivera compilando em segredo as matérias durante várias semanas. O titulo do jornaleco era Porco-Espinho e o seu tom era predominantemente humorístico. Um diálogo divertido entre o autor do Livro de Josué e um seminarista de Maulbronn foi o melhor desse primeiro número.

O sucesso foi retumbante e Dunstan, que tinha agora o ares de um atarefado redator e editor, passou a gozar no seminário, graças à sua conduta e divulgação, de uma fama não muito diversa da que o temido Aretino desfrutou, em seu tempo, na república de Veneza.

Houve uma surpresa geral quando Herman Heilner passou a colaborar entusiasticamente com Dunstan na redação do pasquim. A sua especialidade eram as censuras em tom satírico, para as quais não lhe faltavam humor, imaginação e veneno. Durante um mês, o pequeno jornal tomou literalmente conta do convento inteiro, não te falando nem discutindo sobre outra coisa.

Giebenrath deixou o seu amigo à vontade, tanto mais que lhe faltavam os dons necessários para participar também naquela tarefa. No princípio, quase nem notara que Heilner passava suas noites amiúde no “Esparta”, pois seus pensamentos também andavam preocupados com outras e sérias coisas. Ficava desatento nas aulas, era preguiçoso a tomar as notas das lições e, certa vez, aconteceu-lhe algo estranho na aula em que estavam dando Tito Lívio.

O professor chamou Hans para fazer a tradução e ele permaneceu sentado.

— Que é isso, Giebenrath? Por que não se levanta? — perguntou o professor, irritado.

Hans continuou imóvel. Estava muito empertigado era seu banco, os olhos semicerrados e a cabeça um pouco descaída. O teu nome, gritado pelo professor, semidespertara Hans de seu devaneio mas ouvia a voz do mestre como se ela viesse de uma enorme distância, lá dos confins do tempo e do mundo. Também sentia o seu companheiro de carteira cutucá-lo fortemente mas continuou impassível. Estava cercado de colegas, ouviu outras vozes sussurrarem perto dele, sentiu outras mãos que lhe tocavam nas costas e nos braços mas um torpor imenso o paralisava. As vozes chegavam-lhe graves, indistintas, como ecoadas no fundo de um poço. Olhares cravavam-se nele com um brilho estranho, em rostos que ele julgava nunca ter visto. Talvez fossem os olhos e os rostos de uma multidão romana, idêntica às que vira nas ilustrações do Tito Lívio.

— Giebenrath! — gritou o professor, apoplético. — O senhor está dormindo?

Hans abriu lentamente os olhos, fixou-os surpreendido no professor e sacudiu a cabeça.

— O senhor estava dormindo! É capaz de me dizer em que parágrafo estamos? Então?

Hans, com um dedo sobre a página, disse o parágrafo. Sabia de cor o que estavam estudando naquele momento.

— Quer fazer o favor de me responder de pé? — Hans levantou-se como um autômato. — O que é que estava fazendo? Olhe para mim, Giebenrath!

Hans encarou o professor e este pareceu não gostar do que viu, pois sacudiu a cabeça, surpreendido, e calou-se. Depois, moderando o tom de voz,

perguntou:

— Sente-se indisposto, Giebenrath?

— Não, senhor professor.

— Bom, pode sentar-se. Queira ter a gentileza de me procurar no meu quarto depois da aula.

Hans sentou-se e baixou a cabeça sobre o Tito Lívio. Estava agora completamente desperto e compreendia tudo o que se passava à sua volta mas seu olhar estava cego para o exterior e continuava acompanhando o cortejo mental que lentamente se afastava, um imenso desfile de austeras figuras togadas que o fitavam sardonicamente até desaparecerem numa longínqua neblina. Ao mesmo tempo, destacaram-se as vozes do professor e do aluno que estava traduzindo, e todos os pequenos ruídos de uma sala de aula, cada vez mais perto, mais nítidos, até se tomarem tão reais e presentes como sempre. Os bancos, a cátedra, o quadro negro estavam em seus lugares do costume, na parede estavam pendurados, o grande compasso de madeira e os esquadros, à sua volta estavam sentados os companheiros habituais, muitos deles olhando-o de soslaio, entre curiosos e cínicos. Então Hans teve um sobressalto violento. “Procure-me no quarto depois da aula”, ouvia ele o professor dizer: “Meu Deus, que teria acontecido?”

No final da aula, o professor chamou-o e levou-o com ele, passando por alas de alunos de olhos arregalados.

— Quer então explicar-me o que realmente aconteceu com você, Giebenrath? Não estava dormindo, não?

— Não estava, não.

— Por que não te levantou para traduzir quando o chamei?

— Confesso que não sei... não sei...

— Talvez não me escutasse. Você tem mau ouvido?

— Não senhor. Eu acho que ouvi muito bem o senhor.

— E mesmo assim não se levantou?

— Não sei... não sei explicar, senhor professor!

— Notei que você estava com um olhar muito estranho, Giebenrath. Em que estava pensando?

Hans não teve coragem de explicar ao professor suas divagações. Sentiu o rubor subir-lhe às faces.

— Em nada... Eu... eu queria levantar-me...

— Então por que não o fez? Sentia-se indisposto?

— Eu acho que não. Juro que não sei o que foi.

— Estava com dor de cabeça?

— Não senhor, não estava.

— Está bom, Giebenrath. Pode te retirar.

Antes do almoço, chamaram-no de novo para que comparecesse imediatamente no dormitório. Aí o esperavam o éforo e o médico de serviço. Foi examinado, interrogado, mas nada de claro te concluiu. O médico riu, benevolente, e não levou a coisa muito a sério.

— Isso são pequenas alterações de nervos — disse o clínico. — Um estado passageiro de fraqueza... uma espécie de leve tontura. Convém que o rapaz receba diariamente um pouco de ar fresco, senhor éforo. Ele está um pouco anêmico. Para a dor de cabeça vou receitar-lhe algumas gotas.

Daí em diante, Hans tinha de ficar diariamente uma hora ao ar livre, depois do almoço. Nada tinha contra essa medida mas o pior foi o éforo tê-lo proibido terminantemente de fazer esses passeios na companhia de Heilner. Este brigou e protestou mas foi ameaçado de nova punição e resignou-se. Assim, Hans caminhava sempre sozinho e começava a sentir nisso até um certo prazer. Era o início da primavera. Sobre as colinas, suavemente onduladas, alastrava o fino e claro tapete verde das plantas germinando; as árvores despiam suas formas invernais e seus troncos ostentavam |à os primeiros rebentos da folhagem nova.

Antigamente, nos seus tempos de colégio. Hans observara esse frêmito de renovo com olhos mais curiosos e excitados. Seguia o caprichoso voo das andorinhas que voltavam, via as cegonhas instalarem-se outra vez em seus lares, nas altas copas reverdejantes, espiava o lento desabrochar das florações multicores e, chegado o mês de maio, começava a pesca. Agora, não se esforçava por distinguir os diversos tipos de árvores nem por identificar os botões em seus arbustos. Limitava-se a observar a vida, as novas cores que se derramavam por toda a parte, os novos aromas que lhe penetravam nas narinas, e caminhava pelos campos com uma sensação de surpresa, como se tivesse penetrado sem querer num mundo que não era o dele e onde não teria um lugar certo.

Cansava-se depressa e tinha sempre vontade de se deitar e dormir, olhando constantemente para outras paisagens e cenários que não eram os que realmente o cercavam. Via então, em suas divagações, extensas alamedas de árvores desconhecidas, cascatas de água iridescente, como se nelas rolassem milhares de cristais, plantações estranhas, e Hans imaginava-se percorrendo esses campos, cujo solo era fofo, silencioso e momo como uma gigantesca nuvem estival, saudando gente que nunca encontrara, respirando uma atmosfera sutilmente

aromática, de indefiníveis odores exóticos que ele só achava possível encontrar ao Oriente ou em alguma parte remota de um mundo lendário. Outras vezes, no lugar desses quadros, Hans via apenas uma extensa cortina escura, uma sensação de vazio que só era mitigada pela suave impressão de que seu corpo era percorrido por mãos suaves e excitantes, que o convidavam ao sonho e ao desfalecimento.

Durame as aulas e os trabalhos no dormitório, tinha uma dificuldade terrível em conservar-se atento. Tudo o que não lhe interessava escorregava por seu espirito como sobre uma película de gelo, sem deixar vestidos. E tinha de decorar as lições apressadamente, à última hora. Quando se apercebeu de que a sua memória começara a recusar absorver mais fosse o que tosse, Hans caiu do desespero. Quanto mais se empenhava em decorar uma lição, mais a memória lhe parecia mutilada e insegura. Era assaltado amiúde por recordações mais antigas, com uma pavorosa nitidez. Em plena aula ou durante uma leitura, lembrava-se repentinamente de seu pai, da velha Anna ou de um dos seus antigos professores, que se plantavam nitidamente à sua frente e, por alguns instantes, prendiam toda a sua atenção. Escutava distantes vozes que se lhe dirigiam — “Hans... Hans... promete... um futuro brilhante... estuda... não é como os outros... Hans...” Acudiam-lhe também cenas de sua estada em Stuttgart, o exame oficial, as férias em que ele se via sempre com uma vara nova de pesca à beira do rio, respirando o cheiro forte da água banhada de sol e, ao mesmo tempo, tudo isso lhe parecia apenas um sonho, uma época que ele talvez tivesse vivido muitos, muitos anos atrás, não estava certo disso... Era sonho ou fora realmente a sua vida? Quando? Quando?

A noite estava escura e úmida mas lépida. Hans caminhava lentamente com Heilner no longo corredor dos dormitórios e falava de seu pai, da casa, das pescarias, dos velhos tempos de escola. O amigo escutava-o em silêncio, acenava ocasionalmente com a cabeça e fazia com sua pequena régua, com a qual tinha a mania de brincar o dia inteiro, rápidos golpes no ar. Aos poucos, Hans também emudecera. Foram sentar-se no parapeito de uma janela sobranceira ao claustro.

— Diz-me uma coisa, Hans — começou Heilner. Tinha a voz excitada e insegura.

— O que é?

— Hum... nada, não é nada.

— Por que é que não falas logo?

— Nada... Eu só pensei... como tu contaste muitas coisas da tua vida...

— Ê alguma coisa que ainda queres saber de mim.

— Não é bem isso. Escuta, Hans, tu nunca tiveste uma garota?

— Fez-se silêncio. Era um assunto que nunca tinham abordado. Hans não gostava de confidências nesse terreno, pois tinha a certeza antecipada de que estava em desvantagem com a maioria dos colegas de sua idade.

— Só tive uma namorada uma vez — murmurou Hans, contrafeito. E era ainda um menino meio bobo...

Novo silêncio.

— E tu, Heilner.

— Bom, deixa disso — respondeu ele, com um suspiro.

— É um assunto em que nem devíamos falar, com a vida que levamos...

— Não está certo. Eu já falei. Tu deves contar-me também, não te parece?

— Eu tenho ainda uma namorada.

— Sim? Ê verdade?

— Claro que é — replicou Heilner, secamente. — Ê a filha dos nossos vizinhos . Nas férias do Natal demos um beijo.

— Um beijo? Então é mesmo sério, eh?

— Acho que sim. Já estava escuro e tínhamos patinado juntos. Ajudei-a a descalçar os patins e quando me levantei encontramo-nos tão perto um do outro que a beijei...

— E ela? Não disse nada?

— Não. Saiu correndo...

— E depois?

— Depois nada. No dia seguinte tive de voltar para aqui e não voltamos a ver-nos.

Soltou novo suspiro e Hans olhou-o como um herói que tivesse acabado de sair, triunfalmente, do Jardim Proibido.

Ouviu-se então a sineta tocando a recolher e os dois amigos tiveram de regressar ao dormitório e deitar-se. Depois de apagar o candeeiro e tudo ficar em silêncio, Hans ainda permaneceu acordado mais de uma hora, pensando naquele beijo que Heilner trocara com a namorada.

No dia seguinte, quis fazer mais perguntas mas ficou com vergonha e Heilner, como o outro nada perguntasse, achou que não lhe competia falar mais no seu namoro.

Sob o aspecto acadêmico, as coisas iam de mal a pior para Giebenrath. Os professores começaram a fazer cara feia, a olhar para ele de revés, sem as

deferências que antes tinham para com um dos melhores alunos do ano. O éforo mostrava-se carrancudo e os colegas já haviam notado há muito que Hans descera vertiginosamente de suas alturas e certamente não ambicionava mais o primeiro lugar da turma. Somente Heilner nada notara de particular no comportamento do amigo, como se os assuntos relacionados com a escola fossem para ele de somenos importância; e o próprio Hans parecia desinteressado, indiferente às mudanças que observava à sua volta.

Entrementes, Heilner cansara-se de redigir para o jornal e voltou a dedicar-se completamente ao seu amigo. Em desafio à proibição, acompanhava frequentemente Hans em seus passeios diários, ficava deitado com ele ao sol na grama fresca e divagava, lia seus poemas em voz alta ou fazia piadas sobre os éforos. Hans esperava, dia após dia, que o amigo reatasse o fio das revelações de suas aventuras amorosas e, quanto mais o tempo passava, menos coragem tinha de lhe fazer perguntas a tal respeito, temendo que Heilner o julgasse um reles bisbilhoteiro. Com os colegas, os dois continuavam tão impopulares como antes; Heilner só conseguira atrair a animosidade de todos com as suas maliciosas sátiras no Porco-Espinho.

De qualquer modo, o jornal também acabara seus dias nessa época; tinha sido unicamente previsto para encher o tempo durante as semanas monótonas da transição do inverno para a primavera e, cumprida a sua missão, passara de moda. Agora, que a bela estação se anunciava em toda a sua pujança, os jogos ao ar livre, as excursões, a recolha de plantas para os herbários da classe de Botânica, ocupavam todas as horas livres dos rapazes. No intervalo do meio-dia, o claustro enchia-se de esportistas e atletas; havia corredores, saltadores, batedores de bola, lutadores, que enchiam o seminário de gritos, aplausos e vaias.

A tudo isso se juntou uma nova e grande sensação, que teve como fulcro o habitual autor de todos os escândalos locais: Hermann Heilner.

O éforo veio a saber que, contrariando a sua proibição, Heilner acompanhava quase diariamente o Hans em seu passeio obrigatório. Desta vez, o austero magistrado acadêmico deixou o Hans em paz e convocou apenas ao seu gabinete o prevaricador e seu velho inimigo. Dirigiu-se a Heilner tratando-o por “tu”, do que o rapaz prontamente reclamou, dizendo não ser esse o tratamento regulamentar e estranhando que fosse um éforo quem transgredia o preceituado. O homem engoliu em seco e chamou asperamente a atenção de Heilner para a sua desobediência. Heilner replicou que era amigo do Giebenrath e ninguém tinha o direito de intervir em suas relações pessoais. Seguiu-se, é claro, uma cena

tempestuosa e o resultado foi o éforo decretar mais algumas semanas de castigo para Heilner e proibi-lo terminantemente de acompanhar Hans, no futuro, em seus passeios higiênicos.

No dia seguinte, Hans voltou a fazer sua excursão oficial sozinho. Regressou às duas horas e, logo no início da aula, a classe notou a ausência de Heilner. Tudo aconteceu igual ao desaparecimento do “Hindu”, só que desta vez ninguém pensou num atraso. As três boras, a turma inteira, acompanhada inclusive por três professores, lançou-se em busca do desaparecido. Dividiu-se em grupos, correu, gritou pelos bosques, explorou palmo a palmo a beira dos açudes e mesmo um dos professores não achava impossível que o rapaz tivesse atentado contra a vida.

Às cinco horas, o prefeito telegrafou a todos os postos policiais da região e ao cair da noite foi enviada uma carta expressa ao pai de Heilner. Chegou a hora de recolher e nenhum rastro fora ainda encontrado; peta noite adentro, os comentários sussurrados fervilhavam em todos os dormitórios. Entre os alunos, a hipótese de que Heilner saltara na água era a mais aceita. Outros opinavam que ele, simplesmente, viajara para casa. Mas foi apurado que o fugitivo não levara dinheiro com ele.

Todos olhavam para Hans como se este soubesse o que realmente acontecera. Mas isso não era verdade; pelo contrário, Hans era o mais assustado e preocupado de todos e quando, no “Hélade”, os outros lhe dirigiam perguntas, faziam piadas e insinuações, ele enfiou-se sob o cobertor e assim se conservou longas e aflitivas horas, numa dolorosa expectativa sobre a sorte do seu amigo. Um pressentimento de que ele não regressaria apossou-se de seu coração angustiado e encheu-o de uma sufocante mágoa, até que adormeceu cansado e mortalmente triste.

A essa mesma hora, Heilner encontrava-se a alguns quilômetros de distância, escondido na floresta. Sentia frio e não era capaz de dormir, mas respirava aliviado, gozando uma profunda sensação de liberdade. Esticou os membros, como se tivesse acabado de fugir de uma estreita jaula, e recostou-se no solo úmido e fofo. Caminhara sem parar desde o intervalo do meio-dia, comprara pão em Krittlingen e mordiscava-o de quando em vez, enquanto via a noite lançar sobre a paisagem seu manto de negrume, despontarem as estrelas e as nuvens navegarem céleres entre as ramadas ainda ralas do arvoredo. Era-lhe indiferente até onde conseguiria chegar; bastava-lhe a satisfação de ter fugido do detestado seminário e demonstrado a todos os éforos do mundo que a vontade dele, Hermano Heilner, era mais forte do que regulamentos, ordens, ameaças e

proibições.

No dia seguinte, as buscas continuaram infrutiferamente. Ele passou a segunda noite nas vizinhanças de uma aldeia, entre duas medas de palha, em pleno campo. De manhã, pôs-se novamente a caminho, sempre por dentro do bosque e só à noite, quando quis procurar uma aldeia, caiu nas mãos de um guarda rural. Este escoltou-o até ao posto da Câmara Municipal, onde Heilner, com seus ditos de espirito e frases lisonjeiras, conquistou as boas graças do intendente, que o levou para sua casa, onde passou confortavelmente a noite. Antes de ir para a cama, foi-lhe servida uma abundante ceia de presunto com ovos e café com leite. No dia seguinte, foi apanhado pelo seu pai que, avisado, havia chegado entrementes.

Imagine-se a sensação e o rebuliço no seminário quando o fugitivo foi trazido de volta, escoltado pelo pai e o guarda rural que o capturara. Heilner apresentou-se de cabeça erguida e não parecia estar arrependido de sua pequena viagem. Foi-lhe exigido que apresentasse públicas desculpas e confessasse o seu arrependimento mas Heilner negou-se a fazê-lo. Como o escândalo ganhasse proporções insuportáveis, pois os éforos e professores andavam irritados e os alunos não prestavam a mínima atenção ás aulas, todos pendentes do duelo desigual e do que aconteceria ao rebelde, o reitor convocou o concilio docente para tomar uma rápida decisão. Heilner compareceu na reunião sigilosa e depôs sem timidez, falando em tom desrespeitoso e arrogante. A hierarquia esforçava-se por conservá-lo mas Heilner não ajudava e depressa as medidas ficaram cheias. Foi decretada, enfim, a sua expulsão e, nessa mesma noite, ele partiu na companhia do pai, para nunca mais voltar. Do seu amigo Giebenrath só teve tempo de se despedir com um breve aperto de mão.

Bonito e empolgante foi o grande sermão que o éforo pronunciou sobre esse extraordinário caso de insubordinação e degeneração. Entretanto, o seu relatório para a autoridade superior de Stuttgart foi bem mais suave e objetivo.

Aos demais seminaristas foi proibida a troca de correspondência com o réprobo e Hans Giebenrath limitou-se a sorrir quando escutou a advertência. Durante algumas semanas não te falou em outra coisa e com o decorrer do tempo, a opinião geral sobre Heilner começou a ganhar novas cores: o fugitivo, outrora tão evitado e contra o qual havia tanta hostilidade e antipatia, passou a ser descrito como um sujeito corajoso, um espírito livre, uma águia que se libertara e voara para novas alturas.

A “Hélade'’ mostrava agora duas escrivaninhas vazias mas a última baixa não foi tão rapidamente esquecida quanto a primeira. Somente o éforo teria

preferido que o segundo estivesse tão quietinho e arrumado quanto o “Hindu” mas Heilner nada fez para perturbar o sossego do seminário. Hans esperou, mas nem uma carta veio do seu amigo. Tinha cortado definitivamente com Maulbronn e sua figura e evasão tomaram-se, pouco a pouco, mais um episódio histórico e, finalmente, uma lenda. O arrebatado moço, após mais alguns anos de juventude rebelde e desregrada, experimentou os sofrimentos da vida e, se não se converteu num herói do seu tempo, acabou sendo um verdadeiro homem.

Hans Giebenrath ficou sob a suspeita de ter sabido antecipadamente da fuga de Heilner, o que lhe roubou por completo a benevolência e admiração dos professores. Um deles, quando Hans não soube responder a uma série de perguntas, deu uma palmada impaciente na mesa e disse:

— Por que não fez companhia ao seu belo amigo Heilner, em vez de estar aqui perdendo tempo e fazendo perder o nosso?

Daí em diante, raramente era chamado nas aulas, como se a sua presença não fosse sequer notada. Os éforos passavam por ele com a cara de lado e a expressão desdenhosa com que os fariseus olhavam de soslaio os publicanos. Esse Giebenrath não contava mais. Passara à categoria dos párias e intocáveis.



# 5

Como um criceto que armazena suas reservas de cereais e frutos em sua complicada toca, Hans conseguiu ainda por algum tempo, graças à sabedoria adquirida em seus anos de intenso estudo, sobreviver. Depois, começou uma desagradável sensação de penúria, interrompida esporadicamente por uma nova e curta arrancada, cujo desespero ao próprio Hans parecia ridículo e estéril. Até que decidiu parar com esse esforço inglório: arrumou o Homero em cima do Pentateuco, enfiou a Álgebra por baixo do Xenofonte e observou, sem angústia, como o seu bom nome entre os professores descia, degrau em degrau, do excelente para o suficiente, deste para o medíocre e, finalmente, caiu em zero. Nos raros momentos em que não sentia dores de cabeça, que o afligiam agora quase constantemente, pensava ele em Heilner ou estregava-se ás suas divagações de olhos abertos, passando horas nos umbrais nebulosos entre o pensar desperto e o sonho. As admoestações do éforo respondia com um plácido e humilde sorriso, como se em lugar das severas palavras estivesse escutando a mais suave das melodias. O repetidor Wiedrich, um professor jovem e afável, era o único a quem esse sorriso magoava; e procurava tratar o jovem que perdera o seu rumo com uma indulgência compassiva, como se pressentisse que, por detrás daquela expressão sorridente, algo de muito profundo e grave se ocultava. Os outros professores mostravam-se indignados, castigavam-no com uma indiferença desdenhosa ou, uma vez por ou ira, tentavam acordar em Hans sua ambição inexplicavelmente adormecida com alguma provocação irônica e humilhante que ferisse o amor-próprio do estudante.

— Caso não esteja dormindo. Sr. Giebenrath, poderia dar-se ao incômodo de traduzir esta frase?

O éforo estava sinceramente indignado. O vaidoso homem, que estava convencido do poder magnético de seu olhar, ficou fora de si quando Giebenrath

respondeu com o seu habitual sorriso humilde e enervante às severas admoestações e ao ameaçador rolar de olhos do austero disciplinador.

— E pare de sorrir estupidamente! — exclamou o éforo. — Você teria muito mais motivos para chorar!

Mais impressão lhe causou uma carta do pai, cheia de expressões de dolorido espanto, em que suplicava ao filho que se esforçasse por melhorar e voltar a ser o aluno que era. O éforo enviara um breve relatório ao Sr. Giebenrath, e este ficara tremendamente assustado. A transformação do seu rapaz parecia-lhe incrível e vergonhosa. A carta que escreveu a Hans era uma coletânea de expressões simultaneamente animadoras e indignadas, tantas quantas o bom homem conhecia em seu léxico moralista; mas, talvez sem querer, deixara transparecer uma súplica repassada de tristeza que muito doeu ao filho.

Todos esses conscienciosos guias da juventude e programadores do futuro, desde o éforo ao Pai Giebenrath, do catedrático ao repetidor, viam no Hans um inesperado obstáculo aos seus desejos pessoais de oferecer à sociedade um novo fruto de seus esforços comuns, mais por questões de vaidade e prestígio próprios do que realmente pelo bem daquele. Tinham antegozado o dia em que ouviram:

— Ah, vê-se que saiu de Maulbronn!

— Só Maulbronn dá talentos assim!

— Aquele é o filho do velho Giebenrath... Um gênio!

E Hans, com seu sorriso e sua letargia, frustrava-lhes as nobres ambições. Era preciso, a todo o custo, trazê-lo de volta ao bom caminho. Ninguém, excetuando-se talvez o jovem e compadecido repetidor, percebia atrás do sorriso desamparado no fino rosto do estudante, o sofrimento de uma alma que afundava e, ao soçobrar lentamente, olhava em seu redor, em angústia e desespero, buscando uma tábua de salvação, um conselho amigo, um confidente com quem pudesse desabafar as causas profundas de sua derrota. E ninguém chegou a suspeitar sequer de que a ambição cega e desregrada do pai e o bárbaro massacre espiritual de alguns professores, tinham levado aquele ser frágil, desde a mais tenra mocidade, ao estado atual de apatia e desinteresse. Por que tivera ele de estudar diariamente até altas horas da noite, nos seus mais sensíveis e perigosos anos da adolescência? Por que lhe haviam tirado os seus coelhos, proibido de pescar e excursionar pelos campos aos dias de sol? Por que lhe haviam inculcado aquele ideal vazio e estéril de menino-sábio, até a cabeça vergar ao peso dessa extenuante e sórdida ambição? Por que não lhe haviam deixado gozar bem merecidas férias, depois do exame oficial?

Agora, o cavalinho estendera-se, exausto, à beira do caminho e não havia

forças humanas capazes de o erguerem de novo. Já não prestava para trotar.

No início do verão, o médico voltou a examiná-lo e declarou, novamente, que se tratava de um caso de debilidade nervosa, causada sobretudo pela crise de transição da adolescência. Hans deveria tratar-se adequadamente durante as férias, comer bem, correr bastante, fazer uma vida normal de rapaz e assim melhoraria, sem dúvida.

Infelizmente, as férias ainda estavam longe e Hans não resistiu às três semanas que faltavam para o término das aulas. Durante uma aula, depois do almoço, foi ele severamente repreendido pelo catedrático. Enquanto este continuava a reprimenda, Hans começava a tremer e a encher-se de suores frios em seu banco, até que irrompeu num demorado e convulsivo pranto, interrompendo a aula. Depois disso, ficou meio dia de cama.

Na tarde seguinte, o professor chamou-o ao quadro para que traçasse uma figura geométrica e calculasse a respectiva área. Hans subiu no estrado mas, diante do quadro negro, sentiu uma vertigem: rabiscou uma figura sem nexo com o giz e a régua na superfície áspera da ardósia, deixou cair ambas as coisas e, quando se abaixou para apanhá-las, permaneceu ajoelhado no chão, incapaz de erguer-se de novo.

O médico estava bastante irritado com o seu paciente por fazer semelhantes tropelias. Expressou-se com prudência, ordenou um período de imediato de repouso e recomendou que fosse consultado também um neurologista.

— Este ainda vai acabar na dança de São Vito — sussurrou o clínico para o éforo, que acenou a cabeça gravemente e achou oportuno mudar a áspera e irritada expressão para uma fisionomia penalizada e paternal, o que não lhe era difícil e lhe assentava bem.

Ele e o médico escreveram cartas separadas ao pai de Hans, meteram-nas no bolso do rapaz e despacharam-no para casa. A irritação do éforo convertera-se em grave preocupação: o que pensariam as autoridades escolares, era Stuttgart, que acabavam de ser surpreendidas com o caso de Heilner, diante desse novo desastre? Para surpresa geral, desistiu do sermão que chegara a ser anunciado, a propósito do novo incidente, e nas últimas horas da estada de Hans em Maulbronn mostrou-se de uma espantosa sociabilidade com o pobre rapaz, falando-lhe em tom solícito e cordial. Tinha a secreta convicção de que o estudante não regressaria, após as férias e o repouso. No caso de cura, um aluno que fica para trás não pode, de qualquer modo, recuperar semanas e meses de estudos interrompidos e isso significava que Hans bem poderia perder as

esperanças de uma carreira brilhante, com acesso fácil ao Seminário Maior. Embora se despedisse dele com ura reconfortante e efusivo “Até a vista”, o éforo poucas esperanças alimentava sobre essa possibilidade e, sempre que entrava no dormitório “Hélade” e notava as três escrivaninhas vazias, sentia uma sensação incômoda e tinha de fazer força para convencer-se de que nenhuma culpa tivera no desaparecimento de dois dos seminaristas mais inteligentes que conhecera esse ano. Como homem moralmente corajoso e forte que era, conseguiu expulsar de seu espírito, entretanto, essas dúvidas inúteis e sombrias.

Para trás do seminarista de viagem, nervosamente agarrado à sua sacola, iam afundando o convento com suas igrejas, torres, claustros e janelas ogivadas, as colinas e florestas, o casario pardacento de Maulbronn e, era seu lugar, surgiam os férteis campos de cultivo, as hortas e os pomares da região fronteiriça de Baden, depois veio Pforzheim, e logo começaram as montanhas azuis escuras dos pinheirais da Floresta Negra, cortadas por numerosos vales onde serpenteavam rios. E, ao ardor do verão, o ar ia ficando cada vez mais azul, mais leve e mais prometedor de frescas sombras. O rapaz observava as sucessivas mutações da paisagem, que lhe era cada vez mais familiar, não sem um certo prazer, até que, já perto de sua cidade natal, lembrou-se do pai e o temor da recepção estragou-lhe completamente a modesta alegria da viagem. Recordou sua viagem para o exame em Stuttgart e a do ingresso em Maulbronn, ambas repletas de tensão angustiante mas, ao mesmo tempo, de um júbilo e orgulho incontáveis. Para que servira tudo isso? Ele sabia tão bem quanto o éforo que não voltaria ao seminário e que os estudos e as esperanças de uma carreira triunfal e ambiciosa tinham chegado ao fim. Mas nada disso o entristecia; somente o receio do encontro com seu frustrado pai, cujas esperanças ele iludira, lhe oprimia o coração. Hans não tinha agora outro desejo na vida senão descansar, dormir à vontade, chorar à vontade, sonhar à vontade e, depois de todas as torturas por que passara, que o deixassem de uma vez para sempre em paz. Temia não encontrar nada disso na casa paterna. No trecho final da viagem de trem, foi atacado de fortes dores de cabeça e perdeu até a vontade de olhar para fora pela janela, apesar de estarem atravessando agora uma de suas regiões prediletas, por cujas alturas e densas florestas ele antigamente passeara tanto. E por pouco esqueceu saltar na tão conhecida e familiar estação.

Ali estava ele no cais, de guarda-chuva e sacola de viagem, sob os olhares interrogativos do pai. O último relatório do éforo tinha convertido sua decepção e indignação com o fracassado filho num susto desconcertado. Imaginara

encontrar Hans com uma aparência terrivelmente doentia mas, embora o achasse magro e fraco, via-o sadio, caminhando firmemente sobre suas próprias pernas. Isso o consolou um pouco; mas o pior era o seu secreto pavor de uma doença nervosa, sobre a qual o éforo e o médico o advertiam por escrito. Na sua família, até agora, ninguém sofrerá de doenças nervosas e sempre se falava das pessoas em tal estado com uma ironia cruel, uma insensibilidade desdenhosa, como se se fizesse alusão a candidatos a um manicômio. E agora o seu Hans vinha com uma ameaça dessas para casa!

No primeiro dia. Hans sentiu-se profundamente feliz por não ter sido recebido pelo pai com uma repreensão. Depois, notou o tímido e carinhoso desvelo com que o pai o tratava e a que se obrigara visivelmente forçado. Ocasionalmente, surpreendia-o também observando-o de soslaio, com olhares esquisitos e ansiosos, onde se denunciava uma intrigante curiosidade; e falava com o filho num tom abafado e falso, aparentando uma descontração que não sabia dissimular completamente.

Tudo isso fez com que Hans se sentisse ainda mais tímido e inseguro. E um medo ainda indistinto, ainda incipiente, sobre o seu próprio estado, começou insidiosamente a torturá-lo.

Nos dias bons, ficava ele horas a fio deitado no bosque e isso fazia-lhe bem. Um pálido reflexo da sua antiga felicidade de menino roçava, por vezes, sua alma torturada: a alegria de escutar os pássaros, de contemplar as cores e o caprichoso voo dos insetos, de perseguir o rastro de um animal de caça, de beber água nos frios mananciais da montanha. Mas eram momentos passageiros. Em geral, deixava-se ficar indolentemente estendido no musgo, os olhos semicerrados, a cabeça pesada e tentava em vão não pensar em coisa alguma, até que os sonhos lhe acudissem de novo e o transportassem para outras e longínquas paragens.

De uma vez, teve o seguinte sonho: Via o seu amigo Hermann Heilner morto e esticado numa padiola, queria aproximar-se dele mas os éforos e os professores rechaçavam-no com tridentes de ferro. A cada nova tentativa de avanço, recebia novos e dolorosos empurrões. Não estavam em redor do cadáver de Heilner apenas os professores, os repetidores, os éforos e os bedéis do seminário mas também os examinadores de Stuttgart, todos com expressões amarguradas. De súbito, tudo mudou e, sobre a padiola, encontrava-se o corpo inchado do “Hindu”. A seu lado, porém, Hans viu o seu próprio pai de cartola, as pernas tonas, o ventre redondo e engraçado, o olhar triste.

Num outro sonho, ele corria pelo bosque à procura de Heilner, que fugia

desaforado e soltando gargalhadas estentóricas. Perdia-o de vista mas, assim que o via de novo, esgueirando-se entre os troncos, e queria alcançá-lo, Heilner esquivava- se outra vez, surdo a seus apelos, e desaparecia. Finalmente, o amigo estacou, deixou que Hans se aproximasse e disse:

— Escuta aqui, Giebenrath! Tu não sabes que eu tenho uma namorada? Deixa-me em paz! Depois, gargalhou exageradamente e sumiu entre os arbustos.

Hans viu-se sozinho na floresta e caminhou ao acaso, até encontrar um lago. Aí, um belo homem, de rosto magro e moreno, com longa cabeleira negra e olhar calmo, saltou de uma barca e Hans correu para junto dele. Tentou recordar quem poderia ser aquele moço de expressão sobrenatural e acudiu-lhe à memória o versículo em grego:

“E TODOS O RECONHECERAM E VIERAM CORRENDO”.

Uma voz suave se lhe dirigiu então:

— Hans, meu filho, qual é o tempo do verbo? Hans, conjuga-o no presente, no pretérito perfeito, no futuro perfeito... no futuro ... no futuro...

Hans atrapalhou-se, sentiu um medo terrível e começou a transpirar.

Quando voltou a si e abriu os olhos, teve a sensação de que, por dentro, a sua cabeça estava toda ferida. Soergueu-se a custo da fofa cama de musgo e o rosto contorceu-se naquele sorriso de resignação que seus lábios já sabiam esboçar inconscientemente. Hans apercebeu-se disso e, num sobressalto de consciência culpada, ouviu a voz teatral do éforo entre as árvores:

— O que significa esse sorriso tolo, Giebenrath? Você não tem, deveras, motivo algum para continuar sorrindo!

Apesar de alguns dias isolados, em que parecia sentir-se melhor, o estado de Hans não fazia progresso algum, antes, tudo indicava que as coisas estavam piorando. O médico da família, que já tratara da mãe de Hans e passara o seu atestado de óbito, e que uma vez por outra visitava o pai nos seus ataques mais agudos de gota, pôs uma expressão grave e foi adiando, dia apos dia, o seu diagnóstico.

Nessas primeiras semanas, Hans notou que já não possuía amigos na terra. Desde o ano em que saíra da escola, os seus antigos colegas tinham partido para continuar seus estudos nas cidades vizinhas ou os que haviam ficado eram agora

aprendizes nas fábricas: nada de comum havia agora entre eles, não combinava com ninguém e ninguém se interessava mais pelo seminarista doente. Por duas vezes o velho reitor lhe dirigiu algumas palavras gentis; o pastor e o professor de latim também lhe acenaram cordialmente, quando com eles cruzou na rua mas, para dizer a verdade, não lhes interessava mais o que acontecia ou deixava de acontecer com Hans, depois que o rapaz a todos eles frustrara cora o seu deprimente fracasso. Ele deixara de ser o recipiente passivo onde se podia enfiar tudo o que se quisesse; não mais era o campo generoso onde se podem enterrar inúmeras sementes, na certeza de que, em seu tempo, germinarão mecanicamente. Não, não valia a pena gastar mais tempo com um recipiente quebrado, um solo estéril e cansado.

Talvez tivesse sido uma boa coisa se o pároco se tivesse preocupado um pouco mais com ele. Mas que poderia o homem fazer? O que estava ao seu alcance dar, a ciência ou, pelo menos, o interesse nela para a busca das grandes verdades, não já proporcionara ele ao rapaz? Mais não possuía. Ele não era um desses pastores para basear seus sermões em lendas familiares, encontrando no latim as falsas palavras de conforto para os tempos ruins e as panaceias para todos os sofrimentos. Sabia ele que as causas são sempre mais profundas e não se resolvem com paliativos de circunstância, catados a dedo em simbolismos poéticos em que a ciência nada tem a ver e até pode rejeitar desdenhosamente. E sabia também que a sua erudição clássica não podia chegar tão fundo. Poupava-se, assim, o arguto pastor a um segundo fracasso.

Tampouco o pai Giebenrath tinha a índole do consolador e tudo o que conseguia fazer era esforçar-se por ocultar a sua irritação e a amargura da sua decepção.

Assim se sentia Hans abandonado e sem amor. Sentava-se ao sol no pequeno jardim caseiro ou ia deitar-se no bosque, entregue a seus sonhos e devaneios torturantes. Não podia refugiar-se nas leituras porque logo lhe doía a cabeça e lhe ardiam os olhos; e porque, ao abrir um livro qualquer, imediatamente lhe surgia pela mente o fantasma do ano no convento e o medo de ser de novo empurrado para lá, e sentia-se impelido no mesmo instante para as angustiosas paragens secretas e abafadas de suas divagações oníricas, onde tudo era fascinantemente diverso.

Nesses dias de abandono e desespero, um outro espectro começou a visitar com frequência o doente, com falsas consolações e ardentes olhos hipnóticos: o pensamento da Morte. Hans começou a cogitar em como lhe seria fácil apoderar-se de uma arma ou, em qualquer lugar do bosque, armar um solido laço com

uma corda. Quase todos os dias era acompanhado em seus passeios por divagações dessa espécie; observava atentamente os recantos mais tranquilos do bosque, até que encontrou, por fim, um lugar que lhe pareceu bonito para morrer. Decidiu que seria ali. Passou a visitar assiduamente o local, sentava-se e sentia um inefável prazer em imaginar-se morto e pendurado, não tardaria muito. Escolheu o galho para passar a corda e testou a sua solidez. Começou então a programar seus últimos dias de vida. Com demorados intervalos, escreveu em segredo uma extensa carta ao pai e outra, ainda mais longa, para Hermann Heilner, as quais deveriam ser encontradas no seu cadáver.

Tais preparativos e a sensação de segurança quanto ao seu destino, provocaram em Hans uma influência benéfica. Sentado sob o galho fatal, passava ele algumas horas em que a opressão se dissipava e era substituída por uma sensação agradável, quase alegre.

Por que motivo não se encontrava já pendurado naquele galho, ele próprio não sabia explicar. A decisão estava tomada; a sua morte era um caso resolvido. Sentia-se bem nos seus propósitos e não desprezou, nesses últimos dias, a possibilidade de desfrutar os belos dias de sol que estavam fazendo e de entregar-se às meditações solitárias que todos gostam de fazer antes de uma longa viagem. Podia partir a qualquer hora, em qualquer dia: tudo estava decidido e em boa ordem. Era para Hans um prazer muito especial conservar-se voluntariamente, ainda um pouco mais, no seu ambiente antigo e olhar no rosto as pessoas conhecidas, ignorantes de sua grande e perigosa decisão. Quantas vezes, ao encontrar-se com o velho médico, pensava para si próprio: “Já verás a cura que eu vou fazer!”

Permitiu-se, pois, dentro de suas intenções sombrias, deleitar-se diariamente com algumas gotas de prazer e gozo da vida, enquanto não levava aos lábios o cálice da morte. Talvez em seu torturado ser já não existisse muito que não tivesse passado por íntimas e cruéis mutilações mas, enquanto vivesse, estava disposto a completar seu círculo e a não desaparecer sem que houvesse saboreado as poucas doçuras que a existência lhe propiciasse ainda.

As obcecantes fantasias tornaram-se mais raras e deram lugar a uma indiferença cansada, uma disposição indolor e indolente, em que Hans via as horas e os dias desfilarem sem se comover, ora portando-se como um sonambulo, ora como uma criança espantada.

Um dia, foi sentar-se no jardim à sombra de um pinheiro e começou cantarolando uma velha cantiga dos tempos do colégio que subitamente lhe acudiu à lembrança:

AH, ESTOU COM TANTO SONO!
AH, COMO ESTOU CANSADO!
NÃO TENHO UM TOSTÃO NO BOLSO!
NEM COMIDA EM MEU ALFORJE!

Num torpor semiconsciente. Hans continuou repetindo a canção e os mesmos versos, sem pensar em qualquer outra coisa. Mas seu pai encontrava-se nesse instante perto de uma janela e ouviu a lengalenga, levando um grande susto. A sua natureza fria e seca, o distraído cantarolar de Hans pareceu inteiramente incompreensível e interpretou-o, com um suspiro de desânimo e consternação, como prova de uma crescente e irremediável imbecilidade. Dai em diante, passou a observar o filho mais de perto, a espiar-lhe os gestos e palavras, e Hans, naturalmente, notou-o e sofreu com isso; mas não chegara ainda ao ponto de pegar numa corda e fazer uso daquele sólido galho.

Entrementes, chegava a estação quente. Desde o exame oficial e as férias daquela época, um ano inteiro transcorrera. Hans revia ocasionalmente a sua vida nesses doze meses mas sem qualquer emoção especial: uma profunda apatia o dominava. Bem que gostaria de ir pescar outra vez mas não se atrevia a pedir ao pai. Esse desejo torturava-o sempre que passava perto do rio e, às vezes, demorava-se longamente contemplando as águas e seguindo com olhos ardentes os movimentos dos peixes. Perto da noite, encaminhava-se diariamente rio acima para banhar-se e, como tinha de passar sempre defronte da casa do Inspetor Gessler, descobriu casualmente que a Emma Gessler, que ele tanto admirara três anos atrás, estava de novo em casa. Observou-a com certa curiosidade mas não gostou dela como antigamente. Naquele tempo, Emma era uma garota muito esbelta, de membros delicados e belos, cindidos olhos azuis; mas crescera muito, percebiam-se-lhe as formas angulosas, tinha gestos decididos e levava um penteado moderno e nada juvenil que, na opinião de Hans, muito a desfavorecia. Os vestidos longos tampouco lhe caíam bem e as tentativas de se parecer com uma dama eram decididamente infelizes. Hans achou-a ridícula e, ao mesmo tempo, sentiu pena deis, ao pensar como tinham sido estranhamente suaves e doces os seus sentimentos daquele tempo, cada vez que a via. De resto, naquela época tudo era diferente, tudo tão mais colorido, tão mais alegre e vivo! Durante essas semanas, desde que saíra do seminário, Hans esquecera por completo o

latim, o grego, o hebraico, a História e a Geometria, os exames e as dores de cabeça. Mas, naqueles tempos, havia maravilhosos contos de fadas, livros com empolgantes aventuras de bandidos, e deixara rodar no jardim a roda do açude que ele próprio fizera na calha do poço, e à noite escutava os contos fantásticos que Liese recitava no pátio da casa dos Naschold, e passava com o coração sobressaltado pela janela do velho Johannes, a quem chamavam de “Garibaldi”, tentando esquivar-se furtivamente para ir roubar cerejas no seu quintal ou fugindo, quando surpreendido, sob a chuva de impropérios do velho, que ameaçava os moleques com as mais cruéis e requintadas torturas. E a cada dia, cada mês, durante o ano inteiro, havia sempre um novo motivo de alegre excitação: ora cortar alfafa no prado, ora pegar caranguejos no mangue, ora pescar no rio; depois vinha a colheita do lúpulo, a ceifa do milho, o início da debulha, logo as vindimas, as fogueiras de batatas, sacudir as árvores cobertas de ameixas e, no meio de tudo isso, os domingos, os feriados e os dias santificados. Então, havia ainda uma porção de coisas que o atraíam com misterioso fascínio: o movimento das ruas, uma janela aberta, os celeiros, os poços, uma cerca guardada por feroz cão-pastor, o funcionamento de um moinho de vento ou de uma azenha, e as pessoas e animais de toda a espécie. Sim, tudo isso ele amava, tudo isso o atraía como novidades perenes e sempre renovadas. Tinha ajudado na colheita do lúpulo e acompanhado as moças em suas cantigas, enquanto avançavam pelas searas maduras: tinha retido na memória muitos dos versos, na sua maioria engraçados, que davam vontade de rir; as moças lançavam-nos umas às outras em desafios improvisados e pouco lhes interessava saber se tinha havido um sujeito chamado Homero ou se as redondilhas eram maiores ou menores. Outras vezes, eram melodias tão plangentes, que ele sentia a garganta apertada só de ouvi-las.

Tudo isso tinha chegado gradualmente a seu termo sem que, no começo, Hans se desse logo coata do que acontecia. Primeiro, acabaram os serões com a Liese; depois, as pescarias nas manhãs de domingo; em seguida, as leituras de histórias maravilhosas e assim foram morrendo as boas coisas, uma após outra, até já não poder assistir à colheita do lúpulo e ter deixado cair de podre o pequeno moinho na calha do poço. Para onde fora tudo isso? Em que misterioso e insondável abismo haviam soçobrado as belas coisas de sua infância?

E acontecia agora que o moço prematuramente amadurecido experimentava, em seus dias de doente, uma irreal mas deleitosa segunda infância. A sua alma, a que haviam tão cedo roubado a mocidade, fugia agora, como se uma nostalgia súbita a houvesse libertado de seus pesados grilhões, de

volta àqueles anos luminosos e vagueava, fascinada, num bosque de recordações, cuja nitidez talvez fosse doentia. Não os revia com menos calor e arrebatamento do que nos tempos em que vivera tudo isso; a infância roubada e violentada jorrava no peito de Hans como o caudal de uma fonte há muito obstruída.

Quando se despoja uma árvore de seus ramos, ela costuma aparecer vestida de novos rebentos no tronco e não tardará que novos ramos cresçam, novas folhas reverdeçam e a copa se recomponha como era dantes. Assim acontece também, frequentemente, a uma alma que adoece em plena florescência; volta às suas raízes primaveris e à sua infância, como se aí pudesse encontrar novas esperanças e reatar o fio quebrado do ciclo da vida. A seiva acode nos brotos que despontam no tronco mas é uma ressurreição aparente, pois a alma, tal como a árvore destruncada, jamais voltará a ser idêntica ao que era.

Também com Hans Giebenrath estava ocorrendo algo semelhante e será necessário, por isso, acompanhá-lo um pouco em seus caminhos de sonho para o país da infância.

A casa dos Giebenrath estava situada perto da antiga ponte de pedra e fazia a esquina de duas ruas. Uma destas, onde estava a porta principal da casa, era a mais extensa, a mais ampla e mais cuidada da cidade e chamava-se Gerbergasse. A outra rua dava para uma ladeira íngreme e curta; era estreita e pobre e todos lhe chamavam o Caminho do Falcão, por ter ali existido uma antiga e muito conhecida estalagem, já encerrada, que se chamava Zum Falken e tinha em sua tabuleta um falcão de asas abertas.

Na Gerbergasse só moravam, casa a casa, bons e sérios cidadãos de famílias tradicionais, tudo gente com moradia própria, igreja própria, jardim próprio — normalmente plantado dos fundos e subindo em forma de terraços até ao meio de uma colina, onde se viam as cercas de madeira que dividiam os jardins do leito da estrada de ferro, coberto de giesta amarela, a qual fora construída em 1870. No tocante a distinção, só a igreja, a intendência, o tribunal, a câmara municipal e o palácio da vereação, com a sua dignidade asseada e o aspecto nobre, podiam competir cora as casas da Gerbergasse. Aí não havia edifícios oficiais mas apenas residências burguesas, umas mais antigas do que outras mas todas ostentando seus portões imponentes, suas empenas de madeira de lei, seus frontões de estuque com caprichosos lavrados, e tudo isso lhe incutia um ar alegre, confortável, banhado de luz e múltiplos aromas florais. As casas estavam todas de um lado da rua, pois o lado oposto era marginado em toda a

extensão por um parapeito de pedra, além do qual corria o rio.

Se a Gerbergasse era comprida, larga e clara, espaçosa e distinta, o Falkenweg era justamente o inverso. Aí havia casas sombrias e de telhados baixos, de fachadas sujas onde o reboco se soltava aos pedaços, com muitas portas rachadas e remendadas, as chaminés empenadas e as goteiras esburacadas. Cada casa roubava luz e ar às suas vizinhas e a rua era estreita, sinuosa e quase sempre se encontrava imersa em penumbra, favorecendo a propagação de musgo e ervas daninhas nas calçadas. No tempo chuvoso e depois do crepúsculo convertia-se num buraco úmido e escuro, pois não havia um só lampião. Fora das janelas havia sempre roupa pendurada em varas e cordas, pois nenhuma das casas tinha jardim nem mesmo um pequeno pátio interno, tão miserável era a ruela, tantas as famílias que nela moravam, não contando os sublocatários e os hóspedes que ali acudiam todas as noites. Não havia um só canto das velhas e decrépitas casas que não fosse habitado por alguém; a miséria, o vício e a doença, entretanto, eram os seus moradores mais assíduos. Se era anunciado um caso de tifo na cidade, já se sabia que fora localizado no Caminho do Falcão. Se acontecia algum homicídio, se havia algum roubo, os autores eram procurados primeiro no Caminho do Falcão. Se uma mulher se queixava de ter sido espancada, não era preciso perguntar: ela morava no Caminho do Falcão. Os camelôs tinham ali o seu quartel-general, entre eles o pitoresco Hottehotte, que vendia pós para limpeza, e Adam Hittel, o amolador, sendo atribuídos a ambos todos os crimes e vícios possíveis e imagináveis.

Nos seus primeiros anos de colégio, Hans fora um assíduo frequentador da estalagem Zum Falken. Junto com um duvidoso bando de garotos maltrapilhos, de cabelo baço cor de palha, escutara ele a história do assassinato da famigerada Lotte Frohmüller. Era ela a mulher divorciada de um humilde taverneiro e acabara de cumprir, nessa altura, uma pena de cinco anos de cadeia; tinha sido uma beldade muito conhecida, com uma porção de amiguinhos entre os empregados das fábricas dando aso a frequentes escândalos e cenas de facadas. Agora, gasta e alquebrada, vivia solitária e passava as noites, depois que as fábricas fechavam, preparando café e contando histórias. Deixava a porta de sua casa sempre aberta e, além das mulheres e jovens operários que a frequentavam, havia sempre uma porção de guris que se acotovelavam na soleira da porta e escutavam a Lotte entre fascinados e assustados. Em cima do fogão de pedra escura havia sempre água fervendo na chaleira; uma vela de sebo ardia ao lado e, em conjunto com as chamas azuladas do fogão, iluminava o quarto superlotado e

escuro, espalhando sombras fantasmagóricas no teto e nas paredes encardidas, onde os vultos dos ouvintes ganhavam proporções gigantescas e descreviam movimentos de assombração, como num estranho jogo de figuras chinesas.

Foi aí que Hans, então um menino de oito anos, chegou a conhecer os dois irmãos Finkenbein e, apesar da rigorosa proibição paterna, com eles manteve uma amizade que durou quase um ano todo. EIes chamavam-se Dolf e Emil e eram os moleques mais espertos da cidade, famosos pelos seus roubos de frutas e outros pequenos delitos, e mestres consumados na invenção das mais diversas molecagens e traquinices. Negociavam ainda com ovos de pássaros, bolas de chumbo, filhotes de corvo e de estorninho, crias de coelho bravo e saquinhos de amoras silvestres; apesar da postura municipal, lançavam anzóis no rio durante a noite e sentiam-se em todos os jardins particulares como se estivessem na própria casa, não havendo muro que fosse tão densamente eriçado de cacos de vidro que não pudesse ser por eles transposto com facilidade.

Contudo, era o Hermann Rechtenheil, que morava no Zum Falken, quem Hans mais procurava. Era um mocinho órfão e doente, de uma inteligência extraordinária e prematura. Como tinha uma perna mais curta, andava constantemente apoiado numa bengala e não podia participar das brincadeiras na rua. Era muito magro e seu rosto era um espelho de sofrimento, a pele descolorida, uma boca chocantemente dura e um queixo excessivamente protuberante. Era muito habilidoso em diversas artes manuais e, sobretudo, tinha uma verdadeira paixão pela pesca; foi Hermann quem contagiou Hans Giebenrath no seu passatempo favorito.

Nessa época, Hans não possuía ainda a carteira com licença de pesca mas, apesar disso, iam os dois pescar em lugares recônditos. E, como se sabe, se caçar é sempre um prazer, caçar ilicitamente é um redobrado prazer. Rechtenheil ensinou a Hans como cortar as varas para fazer caniços, trançar crina, tingir linha, afiar anzóis, enfim, todos os truques indispensáveis à iniciação piscatória. Assim lhe ensinou também a observar o tempo, a estudar a corrente e a turvá-la com farelo, a escolher a isca e a prendê-la como deve ser, a sentir a mordida e a manter a linha na profundidade certa. Rechtenheil quase não falava; os seus ensinamentos eram quase todos pelo exemplo e Hans não perdia uma só manipulação do seu companheiro. As bonitas canas, as cortiças e linhas, os carretéis e moscas que podiam ser adquiridos nas lojas de apetrechos de pesca, desprezava e ridicularizava Hermann como bobagens, coisas artificiais e indignas de um verdadeiro pescador. E convenceu Hans de que era completamente impossível pescar com um anzol que não tenha sido feito pelo

próprio nem com um caniço que não tenha sido armado com as próprias mãos, peça por peça.

Dos irmãos Finkenbein separou-se Hans com fúria; o calmo e aleijado Rechtenheil abandonou-o sem briga. Num dia chuvoso do mês de fevereiro, ele deitou-se em sua mísera cama, colocou a muleta sobre a roupa, dobrada em cima de uma cadeira, começou a ter febre e morreu, tranquila e silenciosamente durante a madrugada; a Falkeagasse depressa o esqueceu e só Hans o recordou ainda por muito tempo com carinho.

Mas com eles não se esgotava o repertório de estranhos habitantes do Caminho do Falcão. Quem não conhecia o carteiro Rötteler, que fora despedido por causa de suas bebedeiras e frequentemente ficava estendido na rua, inconsciente, ou provocava ruidosos escândalos noturnos, mas em outras ocasiões era sorridente como uma criança e todo ele irradiava a mais completa simpatia? Rötteler deixava Hans cheirar uma pitada de sua caixa oval de rapé; aceitava, agradecido, os presentes de peixe que o rapaz lhe fazia uma vez por semana, fritava-os com manteiga e convidava o seu pequeno amigo pescador para o almoço. Possuia ele em casa um busardo empalhado, com olhos de vidro, e uma antiga caixa de música que, ao levantar a tampa, tocava um delicado minuete dos velhos tempos. E quem não conhecia o idoso mecânico Porsch, que usava sempre umas vistosas abotoaduras, mesmo quando andava descalço? Era filho de um severo mestre-escola rural e conhecia metade da Bíblia de cor e salteado, além de uma porção descomunal de provérbios e aforismos de grande elevação moral que aplicava a torto e a direito; mas nem por isso, nem pelo fato de ter os cabelos brancos como a neve, deixava o mecânico de ser um inveterado galanteador com todas as mulheres com quem se cruzava e de, com certa frequência, apanhar seu pileque. Quando estava bem tocado, gostava ele de ir sentar-se no frade de pedra que havia na esquina da casa dos Giebenrath, chamar todos os transeuntes por seus nomes e contemplá-los fartamente com seus provérbios.

— Hans Giebenrath Júnior, meu caro filho, escuta bem o que te digo! — recitava ele. — Como foi que falou Sirach? Ditoso aquele que não dá conselhos ruins e por isso não tem a consciência pesada! Assim como as folhas verdes de uma bela árvore, umas caem e morrem, outras brotam e crescem, o mesmo acontece com as pessoas: umas nascem, outras morrem. Bom. agora pode ir para casa, seu bichinho do mato.

O velho Porsch, apesar de seus santos provérbios, estava também a par de obscuras e lendárias informações sobre fantasmas, espíritos do além e coisas

semelhantes. Sabia os lugares por onde eles vagueavam e ele próprio vacilava sempre entre o acreditar ou não acreditar nas histórias que contava. Geralmente, começava num tom cético e desdenhoso, como se debochasse da história e pedisse aos seus ouvintes que não a levassem muito a sério. Mas, depois, inflamava-se e, enquanto prosseguia na narrativa, já se encolhia temerosamente, arregalava os olhos, abaixava a voz cada vez mais e terminava sempre num tom cavo, sussurrante, como se estivesse verdadeiramente apavorado.

Quanta coisa impenetrável, aterradora, obscuramente fascinante, havia naquela pequena e mísera ruela! Aí morara também o serralheiro Brendle, depois que o seu desleixo fizera com que a oficina fosse completamente abandonada de freguesia, acabando por fechá-la em total falência. Agora, deixava-se ficar sentado a tarde inteira na sua janelinha, lançando olhares sombrios para a rua animada. Quando uma das sujas e esfarrapadas crianças das casas vizinhas lhe passava ao alcance, tinha um prazer sádico em puxar-lhe as orelhas e os cabelos, beliscar-lhes o corpo todo, até ficarem com nódoas roxas, enquanto sorria maliciosamente para as suas pequenas vítimas. Mas, um dia, apareceu enforcado num pedaço de arame, no alto da escada, e estava tão horrível que ninguém se atrevia a chegar perto dele, até que o mecânico Porsch cortou o arame com uma tesoura de ferro e o cadáver caiu com um baque surdo no assoalho, a língua esticada de fora, e veio rolando escada abaixo, parando no meio dos espectadores apavorados.

Toda a vez que Hans vinha da larga e arejada Gerbergasse e entrava no escuro e insalubre Falkenweg, sobrevinha-lhe uma angústia sufocante e, ao mesmo tempo, deliciosa, que era um misto de curiosidade, medo, consciência pesada e agradável, excitante esperança de aventuras insólitas. O Caminho do Falcão era o único lugar onde ainda podia acontecer uma história de fadas, um milagre deslumbrante, uma tétrica aventura com feiticeiras e almas penadas, onde tudo isso era crível e possível, sentindo ao mesmo tempo aqueles voluptuosos arrepios em face do inesperado e do sortilégio, como ao ler aquelas histórias dos escandalosos livros de Reutlinger, que haviam sido confiscados petos professores e narravam os hediondos crimes e as vexatórias punições do dono da Sonne, de Hannes. o carrasco, de Karl da Faca, de Michel, o carteiro-ladrão, de Kurt, o estuprador, e de tantas outras personagens sinistras, criminosos e aventureiros.

Atém do Caminho do Falcão havia ainda um outro lugar que era diferente de tudo o que havia na cidade: era o velho e imenso casarão contíguo à fábrica de curtumes. Em seus lúgubres sótãos e escuros vãos ficavam penduradas as

grandes peles curtidas e era a coisa mais fácil deste mundo uma pessoa perder-se no extraordinário recinto. No porão havia grandes fossas e passagens interditadas a estranhos; era nesse cenário que a velha criada Liese costumava contar às crianças seus belos contos. Em redor de Liese tudo parecia mais humano, mais tranquilo e acolhedor que no Caminho do Falcão mas não menos misterioso. A azáfama dos curtidores nas grandes fossas do porão e no quintal, cozendo as peles, mergulhando-as nos banhos de tanino, esticando-as para a secagem; os passos que ressoavam no chão de ladrilho, quebrando o silêncio obstinado dos grandes galpões; a fumaça agressiva que se desprendia das fossas; o imponente e sempre irritado patrão, que era temido e evitado como um antropófago, tudo emprestava àquela casa uma atmosfera quase irreal e Hans chegava muitas vezes a suspeitar que os caldeirões do inferno não deviam ter um aspecto muito diferente daquele. A diferença era Liese, que andava por essa estranha casa como uma fada benfazeja, protetora de todas as crianças, pássaros, gatos e cachorros das vizinhanças, cheia de bondade e de maravilhosos contos e poemas antigos.

Nesse há tanto tempo perdido mundo movimentavam-se agora os pensamentos de Giebenrath. De seu desespero atual fugia ele, como um pássaro espavorido, para a boa época passada, quando era ainda um mocinho cheio de esperanças que via o mundo estender-se ante seus olhos como um imenso bosque encantado onde se ocultavam perigos horripilantes, tesouros opulentos e jamais desvendados, palácios esmeraldinos cujas torres deslumbrantes lhe acenavam de longe mil promessa venturosas. Ele penetrara num pequeno trecho desse bosque mas cansara antes de acontecerem os milagres e encontrava-se novamente na estrada penumbrosa e enigmática, desta vez como um ser repelido, contemplando o bosque inóspito com displicente curiosidade. Em vez de palácios coruscantes, encontrara apenas uma selva traiçoeira, onde espreitavam e fuzilavam com brilho perverso os olhos de mil bestas desconhecidas. A decepção e o cansaço, um imenso e profundo cansaço, haviam vencido Hans muito antes do tempo.

Por vezes, ele visitava ainda o Caminho do Falcão. Aí encontrava as mesmas sombras e o mesmo fedor das casas sem ar nem luz; homens idosos e mulheres desleixadas continuavam sentados na soleira das portas; e havia a mesma gritaria de sempre das crianças maltrapilhas, correndo sujas e descalças pela ruela, os cabelos cor de palha cada vez mais baços. O mecânico Porsch envelhecera ainda mais e não reconheceu Hans, respondendo ao tímido cumprimento do rapaz com um berro sarcástico. O “Garibaldi'' e a Lotte

Frohmüller já tinham morrido. O carteiro Rötteler ainda vagueava por ali, cada vez mais bêbado. Queixava-se de que os moleques lhe haviam quebrado a caixinha de música; ofereceu rapé e, depois, esboçou um pedido de esmola. Por Cm, contou o que era feito dos irmãos Finkenbein; um deles trabalhava numa usina de charutos e já bebia como um velho pau-d'água, o outro fugira depois de uma briga de navalha, durante a quermesse da igreja, e há um ano que não se lhe punha a vista em cima. Tudo isso causava em Hans uma deprimente Impressão de miséria e promiscuidade.

Uma noite, ele dirigiu-se à fábrica de curtumes. Resolveu transpor o pátio da entrada e entrar na úmida passagem entre a casa e os galpões, como se ali estivesse escondida a sua própria infância, com todos os mistérios e alegrias perdidas. Subiu a escada sinuosa e estreita, cujos degraus carunchosos rangeram, tateou até encontrar o chão ladrilhado do sótão onde estavam penduradas e esticadas as peles e aspirou o cheiro forte do couro. Uma súbita nuvem de recordações lhe encheu o cérebro. Desceu de novo a escada e procurou o pátio dos fundos onde estavam as fossas e as armações cobertas, das quais pendiam, para secar, as grossas pelas de unto. Como sempre, Liese estava sentada no banco de pedra do pequeno jardim dos fundos, junto ao muro das traseiras da propriedade. A velha criada tinha à sua frente uma cesta de batatas para descascar e um grupo de crianças estava acocorado à sua volta, escutando.

Hans permaneceu quieto na sombra dos umbrais do portão e apurou o ouvido. Uma grande calma enchia o pequeno jardim e, além do murmúrio do rio que passava por detrás do muro da fábrica e do leve ranger da faca, ao cortar as batatas, só se ouvia a voz de Liese. Estava contando a história de São Cristóvão e como, certa noite, o bom gigante ouvira uma voz de criança chamando-o do outro lado do rio.

Hans deixou-se ficar à escuta por algum tempo e, depois, regressou silenciosamente peto corredor escuro, cruzou o portão e foi para casa. Sentiu, com uma pungente amargura, não poder voltar a ser jamais uma criança nem sentar, de olhos arregalados e boca entreaberta, no jardim da fábrica de curtumes, ouvindo Liese a contar suas histórias e pedindo sempre mais uma.

Hans passou a evitar também a fábrica de curtumes, tal como evitava já o Caminho do Falcão.



# 6

O Outono já se manifestava com vigor. Nas florestas era redor, as manchas escuras dos pinheiros estavam salpicadas de copas amarelas e vermelhas dos castanheiros e carvalhos; os abismos enchiam-se de espessa neblina e o rio fumegava do frio matinal, até que os raios de sol dissipassem a custo as névoas.

O pálido e curvado ex-seminarista continuava passeando diariamente pelas redondezas; estava cada vez mais cansado e o desalento levava-o a evitar os poucos contatos que ainda pudesse ter. O médico prescreveu óleo de fígado de bacalhau, gemadas e banhos frios.

Não era de surpreender que isso nada ajudasse. Uma vida, para ser sadia, tem de possuir um conteúdo próprio e uma meta — e ambas as coisas o jovem Giebenrath perdera.

O pai estava agora decidido a fazer de Hans um escriturário ou um aprendiz em qualquer ofício. Achava ele que a ociosidade só poderia fazer pior ao filho e que uma tarefa o ajudaria a fortalecer o corpo e o ânimo. Contudo. Hans ainda estava muito fraco e primeiro teria de recuperar as forças para depois se pensar no seu futuro e agir mais severamente com ele.

Depois que as primeiras e confusas impressões haviam abrandado e ele próprio já não acreditava tanto na solução radical do suicídio, Hans transitara da exaltada angústia, de intensidade desigual, para uma uniforme e serena melancolia, na qual afundava lenta e inexoravelmente, como um homem incauto colhido num pântano de todo e areias movediças.

Percorria agora os campos outonais ao Deus-dará e sucumbiu à influência da estação. A queda silenciosa das folhas, o amarelecer dos gramados, o denso nevoeiro matinal, a vontade de morrer da vegetação cansada, empurrou Hans, como a todos os doentes, para um estado de alma propenso ao desespero e para as ideias tristes e sombrias. Sentiu uma vontade imensa de adormecer com a

natureza, de sofrer e morrer junto com as plantas, as folhas, os insetos, de ser tragado nas enxurradas e desaparecer na terra, misturado no húmus cíclico do renovo. Somente a sua juventude se opunha ainda e com silenciosa tenacidade se apegava à vida.

Observava as árvores cobrindo-se de tonalidades vermelhas, depois douradas, até ficarem apenas os braços descarnados e sem folhas erguidos para o céu; as neblinas leitosas que fumegavam em redor dos bosques e entre os canteiros dos jardins: os pomares onde, depois de colhidos os frutos, a vida se apagava. Ninguém mais olhava para os coloridos crisântemos que murchavam, pétala por pétala; ninguém se acercava do rio, onde os banhos e as pescarias tinham cessado com as primeiras águas barrentas, cobertas de folhas secas. Só alguns curtidores aguentavam ainda o frio da beira-rio, indo fazer seus lanches nas margens desoladas.

Há já alguns dias que Hans levava consigo para casa maduros cachos de uvas apanhados nos lagares. Era o fim das vindimas e todos os lagares se preparavam, em grande azáfama, para pisar a uva nas grandes cubas e fazer o mosto. No terreiro em frente dos lagares juntavam-se carroças, cestos carregados de uva, tonéis vazios que receberiam o vinho novo, prensas de madeira, carrinhos de mão, montes de engaço em que refocilavam porcos e o vaivém dos lagariços eram constante.

As prensas trabalhavam, rangiam, chiavam, gemiam e, combinadas com o amarelo acastanhado do bagaço, o colorido sanguíneo das cestas de maçãs, o rio esverdeado, o grunhir dos porcos, a vozearia das crianças correndo entre os canos, davam a quem observasse a movimentada cena uma impressão fascinante de alegria — de alegria de viver, de exuberância, de jubiloso ritual. O chape-chape da uva amassada provocava o apetite e quem se aproximasse e o ouvisse não resistia sem estender a mão e colher rapidamente um cacho suculento e mordê-lo. Pelas calhas escorria para as cubas do mosto um líquido grosso e adocicado, vermelho dourado e risonho como um dia de sol. Quem ficasse algum tempo parado diante daquele rio que se precipitava silenciosamente nas cubas de fermentação, acabava sentindo os olhos úmidos e uma corrente de doçura e bem-estar que enchia as veias e fazia latejar as fontes numa embriaguez de vapores fortes e violentamente odorífero. As emanações do mosto impregnavam o ar à volta dos lagares e o vento levava-as até longe. Esse aroma era, sem dúvida, a melhor coisa do ano inteiro, a essência do amadurecimento e da safra, e era bom aspirá-lo tão perto do inverno, pois dava aso a que se recordassem todas as coisas boas que o ano oferecera: as suaves chuvas de maio,

as ruidosas chuvadas do verão, os orvalhos do outono; o carinhoso sol da primavera, a canícula implacável de agosto, a luminosa e colorida sinfonia dos frutos maduros, antes da colheita. Cada coisa tinha seu brilho e seu sabor próprio. Cada coisa tinha seu valor, segundo quem a apreciava e a entendia.

Eram esses dias movimentados e excitantes para todos. Os burgueses mais ricos, quando te dignavam aparecer, pesavam as maçãs mais gordas na palma da mão, mandavam apartar uma dúzia de sacos e depois iam provar o mosto, tirando do bolso um copinho de prata. Depois vangloriavam-se, para quem quisesse ouvi-los, que tinham comprado o mosto um pouco caro mas, em compensação, não tinha nem uma gota de água. Os mais pobretões contentavam-se em levar para casa um saco de maçãs, provavam o mosto em tigelas de barro e compravam seu meio almude aguado, sem que por isso se sentissem menos felizes. Quem aio tinha dinheiro para fazer compras, ia aos lagares de seus amigos e conhecidos, recebia um copo em todos eles e entretinha-se provando de uns e outros, comparava a qualidade, dava estalidos de entendedor com a língua e, como tinha sempre uma palavra elogiosa para cada lagareiro, levava sempre algumas maçãs de presente. As crianças, ricas ou pobres, corriam de caneco na mão de lagar em lagar, as bocas lambuzadas de mosto; tinham sempre com elas uma maçã mordiscada e um naco de pão de centeio, pois desde tempos imemoriais se dizia que, durante a lagaragem, convém comer bastante pão para não ficar depois com cólicas.

Centenas de vozes se misturavam aos gritos da gurizada e o burburinho era constante nesses dias de agitação.

— Hannes, venha cá, homem! Por aqui! Então não prova um cálice do meu mosto?

— Obrigado, eu já estou com dores de barriga de tanta prova!

— Quanto pagaste por um quintal?

— Quatro marcos. Mas é excelente. Toma, prova! Que tal, eh?

— Aquele sem-vergonha botou água a mais da conta...

— O vinho novo, este ano, vai ser do fino!

Por vezes, aconteciam pequenos incidentes pitorescos. Um saco de maçãs rompia e tudo rolava pelo chão.

— Olha as minhas maçãs! Ajuda aqui, gente!

— Oh, Gutedel, seu desastrado!

Todo o mundo ajudava a apanhar as maçãs e apenas alguns moleques tratavam de explorar a situação em seu proveito próprio.

— Não enfiem nos bolsos, seus malandros, que essas já estão compradas!

Não lhes chega as que têm aí para comer até estourarem?

— Oh vizinho, venha aqui provar o meu mosto, não seja tão orgulhoso!

— Está esplêndido, meu caro. Quantas dornas lhe deu?

— Até agora vou em quatro, mas ainda tenho mais uva chegando.

— Ainda bem que só se pisa no outono. Se fosse no verão, o pessoal ia beber tudo antes de tempo!

Não faltavam também as pessoas idosas. Há muito que deixaram de fazer mosto mas conhecem tudo melhor que ninguém e contam vantagens dos seus tempos, quando as maçãs, o mosto, o vinho era tudo quase de graça. Ah, a vida era bem melhor e mais barata, as árvores daqueles tempos rendiam muito mais!

— Então, sim, é que se podia falar de colheita. Eu tinha no pomar uma macieira que, sozinha, dava um quintal de maçãs!

— Senhor Helmut, já viu esta uva? Que vergonha! No meu tempo, com meia dúzia de cachos ficava uma dorna cheia! Ah, o belo vinho dourado daqueles tempos...

Mas, apesar dos tempos ruins de agora, não se faziam rogados em provar aqui e ali, e os que ainda tinham dentes trincando sua maçã. Um deles comeu até umas peras grandes da estação e ficou com miseráveis cólicas.

— Eu já disse — reclamava ele — antigamente era capaz de comer dez de uma assentada!

E recordava, entre suspiros, os belos tempos em que devorava dez peras sem sentir dores de barriga.

O Sr. Flaig também tinha uma lagariça e era ajudado pelos seus aprendizes mais velhos. Recebia as uvas da região de Baden e o seu mosto era sempre excelente. Também fazia mosto de maçã que, depois de fermentado, dava uma das melhores cidras da cidade. Flaig estava muito animado e a ninguém negava a sua “provinha”. Mas o mais alegre era um dos seus aprendizes, a quem fazia bem o movimento e o trabalho ao ar livre, pois era oriundo de um pobre casebre perdido no bosque e a doçura capitosa do mosto agradava-lhe demais. O seu rosto de campesino sorria como uma máscara de sátiro antigo e suas mãos de sapateiro estavam mais limpas que aos domingos.

Quando Hans Giebenrath surgiu no amplo terreiro, ficou muito tímido. Não queria ir e toda aquela agitação o amedrontava. Mas logo ao passar diante do primeiro lagar, a Liese dos Naschold estendeu-lhe um caneco. Hans provou e a cada gole do adocicado e áspero mosto uma recordação de outonos anteriores lhe acudia à mente, numa desfilada de episódios alegres. Sentiu uma hesitante ânsia de participar no tumulto geral e ser tão alegre quanto os outros.

Conhecidos se lhe dirigiam, eram-lhe oferecidos cálices e, quando Hans chegou diante da lagariça de Flaig, a alegria geral e a bebida tinham-no contagiado e transformado. Hans cumprimentou efusivamente o sapateiro e fez algumas das costumeiras piadas sobre o mosto. O mestre escondeu sua surpresa e deu-lhe as boas vindas.

Passara uma boa meia hora quando apareceu uma bonita moça de saia azul. Sorriu para Flaig e seus aprendizes e começou ajudando.

— Ê a minha sobrinha de Heilbronn — disse Flaig. — Já está acostumada a estas coisas, pois na terra dela tem muito mais uva do que aqui e cada lagar que parece uma fábrica!

A moça teria, talvez, uns dezoito ou dezenove anos, era ágil e alegre como todos os meridionais, não muito alta mas esbelta de corpo e de formas cheias. Vivos e espertos eram, no rosto arredondado, seus olhos quentes e escuros; a boca era carnuda e vermelha, e dava vontade de beijar e morder como uma maçã madura. Tudo nela irradiava uma sadia e descuidada alegria de viver e era difícil acreditar que a animada moça de Heilbronn fosse parente do austero e devoto sapateiro. Ela era inteiramente deste mundo e seus olhos nada tinham que lembrassem os dos que, pelo fim da tarde, costumam ler a Bíblia e o livro de caixa do tesouro de Gossner.

Hans ficou, de súbito, com a fisionomia triste e desejou veementemente que Emma, assim se chamava a moça, se retirasse dali. Mas ela continuou rindo e tagarelando, tinha uma resposta pronta para cada piada e o pobre Hans encabulou e não abriu mais a boca. Lidar com moças, ter de trata-las por “senhorita” e dirigir-lhes galanteios, era uma coisa que Hans não sabia como fazer e doía-lhe que, na sua idade, fosse ainda tão verde e tivesse de fazer tamanho esforço para encarar tais coisas com naturalidade. Emma estava tão esfuziante, tão faladora e ligava tão pouco para a presença e a timidez do rapaz, que este ainda mais se retraiu e encolheu, como um caracol tocado na estrada pela bota de um aldeão. Manteve-se calado e tentou arvorar uma expressão de pessoa que está profundamente entediada; porém, o mais que conseguiu foi ficar com uma cara de enterro, como se lhe tivesse acabado de morrer algum parente próximo.

Ninguém tinha tempo de prestar atenção aos jogos fisionômicos de Hans — e Emma ainda menos. O rapaz veio a saber que ela estava há duas semanas de visita em casa de Flaig mas já conhecia a cidade de ponta a ponta. Parecia estar ao mesmo tempo em toda a parte: provava o vinho verde, brincava e ria, movia-se desembaraçadamente como se estivesse ajudando mais que ninguém, tomava

as crianças aos braços, distribuía maçãs e espalhava bom humor e gargalhadas à sua volta. Hans desistia de acompanhar-lhe os movimentos para não ficar tonto.

— Queres uma maçã? — ouviu ele Emma gritar para um garoto.

Ele aproximou-se e a moça pegou numa bonita e vermelha maçã, escondeu as mãos atrás das costas e desafiou o guri a adivinhar:

— Esquerda ou direita?

A maçã nunca se encontrava na mão cena e só quando a garotada em volta começou a protestar foi que Emma resolveu entregar o fruto... mas era sempre uma maçã menor e mais verde.

Ela parecia também estar informada a respeito de Hans, perguntou-lhe se ele era aquele rapaz que andava sempre com dores de cabeça mas, antes que pudesse ouvir a resposta, já estava envolvida numa conversa com outros vizinhos.

Quando Hans fazia menção de retirar-se e ir para casa, Flaig chamou-o para perto da prensa das maçãs.

— Importavas-te de dar aqui uma ajuda? Sabes manobrar a alavanca? Eu tenho de ir agora para a oficina e não gostaria de deixar a Emma sozinha tomando conta de tudo.

Q mestre foi embora, os aprendizes estavam atarefados nas dornas do mosto de uva e Hans viu-se sozinho com Emma no pátio, junto da lagariça das maçãs. Cerrou os dentes e trabalhou como um danado.

De repente, ficou intrigado: por que diabo a alavanca da prensa estaria agora tão pesada? Levantou os olhos e deu com a moça, rindo gostosamente. Por brincadeira, ela encostara-se no eixo da prensa e quando Hans recomeçou, furiosamente, Emma, repeliu a manobra.

Ele não disse palavra. Mas quando girou a alavanca e sentiu do outro lado a resistência do corpo da moça, teve repentinamente vergonha de estar se esforçando como um bobo e parou. Foi acometido de um doce temor e quando a garota riu, atrevida, diante do seu rosto, pareceu-lhe que ela mudara bruscamente, que era mais amiga e, ao mesmo tempo, mais estranha. Para sua própria surpresa, Hans riu também — desajeitadamente confiante. A alavanca foi esquecida.

— Não vamos matar-nos a trabalhar como escravos, não te parece? — disse Emma. E entregou ao rapaz um copo de suco de maçã pela metade, do qual ela acabara de beber.

Esse trago pareceu a Hans mais doce do que quantos bebera até então e quando esvaziou o copo ficou olhando ansioso para o fundo, espantado com as

batidas fortes de seu coração e a respiração ofegante, como se tivesse acabado de fazer uma longa corrida.

Depois continuaram trabalhando, agora mais lentamente, e Hans ficava transtornado toda a vez que a saia azul roçava por ele ou suas mãos tocavam nas de Emma. Sempre que isto acontecia, o coração dele parava e uma agradável fraqueza o acometia; os joelhos tremiam-lhes um pouco e sentia um zumbido na cabeça que lhe causava vertigem.

Não sabia o que estava dizendo mas falava, ria quando ela ria, ameaçava-a quando ela fazia uma de suas maroteiras e esvaziou mais dois copos que Emma lhe ofereceu: um de maçã e outro de mosto de uva. Ao mesmo tempo, galopavam por sua mente agitadas recordações: criadas que ele via abraçadas a homens, de noite, nos vãos das escadas, as cenas em casa de Lotte, no Caminho do Falcão, algumas frases dos livros de histórias, certos poemas antigos, o beijo que Hermann Heilner lhe dera daquela vez, e uma porção de palavras soltas, conversas obscuras, piadas de estudantes sobre “as moças” e “como é quando se tem uma garota”. Hans sentia a respiração pesada como um cavalo subindo uma ladeira.

Tudo estava mudado. A gente e a vida em seu redor tinham se dissolvido numa risonha e colorida névoa. As vozes, as imprecações, os risos, esfumavam-se num vago, indistinto zunzum, e o rio e a ponte pareciam distantes, como que pintados numa tela.

Emma também sofrerá uma metamorfose. Hans não via mais o seu rosto — apenas os seus olhos escuros e alegres, a boca vermelha e carnuda, entre cujos lábios espreitavam dentes alvos e brilhantes. A figura dela derreteu-se na mesma neblina que toldava os olhos do rapaz, que apenas via pontos isolados — ora um sapato, ora um cacho de cabelos soltos, ora o pescoço moreno que desaparecia no decote azul, ora os ombros bem torneados, ora a suave ondulação do peito que a respiração alteava, ora as meias pretas, quando um movimento mais brusco levantava a fímbria da saia.

Emma deixou cair seu copo dentro da tina e abaixou-se para apanhá-lo, entalando o pulso de Hans entre a borda do recipiente e o joelho dela. A pressão manteve-se por alguns instantes e, para disfarçar o seu alvoroço, Hans abaixou-se também para o copo mas num movimento mais lento, sentindo os cabelos de Emma roçarem-lhe o rosto. O cabelo tinha um perfume suave e, por baixo dele, na sombra dos cachos soltos e encrespados, divisava-se a pele morena e quente da bonita nuca e um extenso trecho das costas lisas e claras sob o vestido azul.

Quando ela e endireitou de novo e teu joelho passou roçando pelo braço

do rapaz, e os cabelos demoraram no rosto dele, e suas faces ficaram vermelhas de abaixar-se, um forte e voluptuoso arrepio percorreu os membros de Hans. Ficou pálido e teve, por alguns momentos, a sensação de um cansaço muito profundo; teve de apoiar-se no sem-fim da prensa para não cair de joelhos. O coração pulava-lhe descompassado, esqueceu os braços inertes e doíam-lhe os ombros.

Daí em diante, quase não disse uma palavra e evitou os olhares da moça. Em compensação, observava-a de soslaio quando ela estava olhando para algum outro lado e sentia em todo o seu corpo um prazer desconhecido que o empolgava e assustava. Nesse momento, rasgou-se diante dele o véu de névoa e surgiu a seus olhos, aos olhos de sua alma deslumbrada, um novo e atraente país de contornos azulados e grandes planícies banhadas pelo sol, que se perdiam na distância. Não tinha ainda a certeza mas já suspeitava do que significava o doce tormento que o envolvia em suas malhas. Era o desejo de alcançar esses contornos azulados e caminhar na grande planície luminosa, até cair exausto e saciado. Seu frágil barco, que apenas escapara milagrosamente de um primeiro naufrágio, parecia ter caído agora no centro de novas tempestades, entre escolhos traiçoeiros e abismos sem fundo. É perigoso navegar em tais paragens sem um piloto seguro mas é uma das glórias da juventude correr tais riscos sem guia e encontrar o caminho do porto seguro com as forças e recursos próprios.

Apareceu um dos aprendizes para revezá-lo na prensa. Hans ainda permaneceu por perto algum tempo, na esperança de surpreender mais um olhar de Emma ou de ouvir-lhe uma palavra amável e esperançosa. Mas a moça tagarelava agora com amigas e Hans afastou-se discretamente, voltando a casa sem se despedir.

Tudo tinha agora um ar incrivelmente diverso e excitante. Os pardais, que tinham engordado à custa de debicar no bagaço, dispersavam ruidosamente pelo céu, que nunca estivera tão azul e tão alto. Nunca o rio tivera uma superfície mais cristalina nem o açude uma espuma tão branca. Hans parecia flutuar no ambiente de uma grande festa a que se entregava com todos os seus sentidos. Inebriantes esperanças, ideias estranhamente ousadas conjugavam-se com uma dolorosa dúvida: Seria tudo isso apenas mais um dos seus devaneios, um de seus sonhos despertos, ou a simples e palpável realidade? Essas conturbadas sensações cresciam em seu peito como uma enorme onda de ressaca, atingiam-lhe a garganta e parecia-lhe que alguma coisa queria soltar-se, jorrar do seu íntimo — talvez um soluço, talvez um grito, talvez uma vontade imensa de cantar bem alto.

Só quando chegou a casa a sua excitação se acalmou um pouco. Aí, naturalmente, tudo estava como sempre.

— Donde vens? — perguntou o Sr. Giebenrath.

— Do lagar do Flaig.

— Quantas dornas fez ele?

— Acho que duas...

Pediu ao pai que convidasse os filhos do Flaig quando chegasse o dia da lagaragem na casa dos Giebenrath.

— Pois não, — murmurou o pai. — Vou abrir o lagar na semana que vem. Podes convidá-los.

Ainda faltava uma hora para o jantar. Hans saiu para o jardim. A pane os pinheiros, pouca folhagem verde sobrava. Ele cortou uma vara de aveleira, fustigou o ar com ela e ficou remexendo as folhas secas espalhadas pelo chão, fazendo-as saltar alegremente com súbitas chicotadas. O sol já se escondia atrás das montanhas, destacando na contraluz o recorte azul esverdeado dos picos dos pinheiros. Uma nuvem cinza e longilínea, com o ventre iluminado de tons amarelos, vogava pachorrentamente, como um barco de regresso ao seu porto, entre as encostas do vale.

Emocionado de um modo inexplicável com a beleza madura, de suaves tonalidades, desse fim de tarde, Hans passeava lentamente pelo jardim. Estacava, por vezes, fechando os olhos, e tentava rever Emma, como ela o olhara de frente, lhe oferecera a beber do seu caneco, apertara seu joelho contra a mão dele, erguera o rosto ruborizado e passara seus cabelos, vagarosamente, pela cara dele. Imaginava o corpo esbelto e cintado, cujas formas o vestido azul denunciava, o pescoço moreno, os tornozelos finos e bem torneados, os ombros roliços e arfantes, e tudo o enchia de prazer e tremores. Somente o rosto ele não conseguia imaginar mais em todos os seus traços.

Quando o sol se pôs, Hans não sentiu a frialdade do crepúsculo que avançava sobre as montanhas e os vales como um véu cheio de mistérios insondáveis, para os quais ele não conhecia nome algum. Percebeu, de súbito, que se apaixonara pela moça de Heilbronn mas o tumulto da virilidade que lhe agitava o sangue era, para Hans, uma sensação obscura, um estado enervante que sobretudo o cansava.

Durante o jantar, achou esquisito que o seu ser transformado pudesse suportar sem revolta o costumeiro ambiente. O pai, a velha criada, a mesa, a sala inteira, pareceram-lhe repentinamente caducos, decrépitos, com um ar de infinita desolação. E Hans foi sobressaltado por um sentimento que era uma

surpreendente mistura de estranheza e carinho, como se tivesse acabado de chegar de uma longa viagem. Quando estivera namorando o galho fatídico no bosque, seus olhos observavam as coisas e as pessoas com o sentimento melancólico e saudoso de quem parte; agora, tudo era um regresso, um admirar, um possuir de novo as antigas e amadas recordações.

Hans acabou de comer e ia levantar-se quando o pai disse, em seu jeito seco de falar:

— Hans, o que é que preferes? Ser mecânico ou escriturário?

— Por quê? — perguntou Hans, surpreendido.

— Podes começar a trabalhar daqui a oito dias com o mecânico Schuler ou, dentro de duas semanas, mais ou menos, como estagiário na municipalidade. Pensa bem no assunto, meu filho. Amanhã me dirás o que preferes.

Hans levantou-se e saiu, sem dizer palavra. A inesperada pergunta confundira-o. De um momento para o outro, erguia-se à sua frente a vida diária, ativa e exigente, da qual se afastara há meses. Não sentia inclinação alguma para mecânico nem para escriturário. O trabalho físico de um ofício assustava-o um pouco. Lembrou-se então do seu antigo colega de escola, o August, que se tomara mecânico e a quem poderia perguntar como era aquilo.

De qualquer modo, o assunto não lhe parecia assim tão urgente e importante. Outra coisa absorvia agora a sua imaginação. Caminhou inquieto pelo corredor, de um lado para o outro; e, bruscamente, pegou no chapéu e saiu. Estava decidido a rever Emma ainda essa noite.

De uma taverna próxima saiam gritos e descantes roufenhos. Algumas janelas estavam iluminadas, projetando reflexos avermelhados ao ar escuro. Um grupo de moças, umas de braço dado nas outras, passeava rua abaixo, tomando quase meia calçada; conversavam alegremente, riam alto e olhavam de soslaio para os rapazes que, parados nos passeios, as cumprimentavam e lhes dirigiam galanteios. Elas riam ainda mais, faziam-se interessantes e seguiam seu caminho, deixando um luminoso rastro de juventude à sua passagem. Hans, que caminhava um pouco atrás delas, olhou uma por uma, o coração palpitante, mas não viu o que queria. Atrás de uma janela com cortinas ouviam-se os acordes de um violino. Junto ao poço de um quintal, uma mulher gorda lavava alface. Sobre a ponte passeavam dois rapazes com suas namoradas. Um deles segurava a sua pequena pela mão, balançando o braço, e fumava charuto. O outro par ia estreitamente enlaçado, o rapaz com o braço em tomo da cintura da moça, que encostava a cabeça contra o ombro forte dele. Hans vira tais cenas milhares de vezes mas nunca lhes prestara atenção. Quando passava àquela hora pela ponte,

era a caminho ou de regresso de uma aula, a cabeça cheia de declinações, de conjugações, de espondeus, de datas, de equações. Mas, agora, essas mesmas cenas tinham para ele um significado secreto, lascivamente doce, e o seu olhar descansava nos enlevados pares com uma nova compreensão. Agitado, pressentia estar próximo também do grande segredo, que ainda não sabia se era delicioso ou terrível mas a cujo encontro caminhava, deslumbrado, como uma cobaia magnetizada pelos olhos traiçoeiros de uma constritor.

Defronte da casa dos Flaig, Hans parou, sem coragem de entrar. O que iria fazer e dizer lá dentro? Recordou como, menino de onze ou doze anos, ali entrara tantas vezes; mestre Flaig contava-lhe então histórias bíblicas e respondia convictamente às suas ávidas perguntas sobre o Inferno, o Demônio e os espíritos malignos que tentavam os santos e perdiam os pecadores. Essas recordações eram incômodas, punham-lhe um peso na consciência.

Não sabia ao certo o que pretendia fazer, não sabia sequer, ao certo, o que desejava; mas pressentia que estava ao limiar de algo muito secreto e proibido. Achou que o sapateiro não gostaria de saber que ele estava ali, no escuro, diante de sua porta, hesitando ainda em entrar. Se Flaig saísse agora, inopinadamente, e o encontrasse ali rondando, provavelmente brigaria ou, então, talvez se risse na cara dele — o que ainda mais o assustava.

Caminhou furtivamente até aos fundos da casa e. atravé* da cerca, pôde espiar a sala iluminada. Não viu o sapateiro. A mulher parecia estar cozendo ou tricotando alguma coisa, o filho mais velho ainda estava acordado e sentado à mesa lendo. E Emma andava de um lado para o outro, aparentemente ocupada em arrumações, de modo que só conseguia vê-la por instantes, quando passava diante da janela. Estava tudo tão calmo e silencioso que Hans podia ouvir distintamente os passos na extremidade mais distante da rua ou o marulhar suave do rio, do outro lado do muro do jardim. A escuridão e a frialdade da noite eram cada vez maiores.

Do lado dos quartos, havia uma pequena janela no corredor, que estava sem luz. Instantes depois, essa janelinha foi aberta e um vulto apareceu nela, debruçando-se do parapeito e espiando a noite. Hans reconheceu Emma e o coração parou-lhe, de alvoroçada emoção. Ela continuava imóvel, olhando calmamente para o lado onde ele estava mas Hans não podia saber se fora visto ou reconhecido. Não se mexeu, mantendo seu olhar fixo na janelinha, esperando e temendo, ao mesmo tempo, que Emma o reconhecesse.

O vulto desapareceu então da janela, num movimento brusco: logo depois, ouviu-se o trinco da pequena porta de comunicação para o jardim e Emma saiu

de casa. Hans, no seu primeiro impulso, pensou em fugir mas as pernas não lhe obedeceram e ele ficou ali pregado no chão, apoiado à cerca, com um grande tremor nas pernas. Emma desceu lentamente o caminho do jardim, entre canteiros escuros, e cada passo que ela dava na direção da cerca repercutia como marteladas nas fontes de Hans, que latejavam febrilmente.

Emma parou diante dele. Apenas a cerca baixa os separava e ela olhava o rapaz com um olhar penetrante e inquisidor. Durante largo tempo não se ouviu uma palavra. Depois. Emma perguntou baixinho.

— Então, por que vieste aqui?

— Eu vinha passando... — tartamudeou Hans, desajeitadamente.

— E por que paraste? Que queres? Pois... nada...

A maneira íntima e aveludada como Emma lhe falara, tratando-o por “tu”, acariciava-lhe o corpo e fazia-o perder a voz.

— Nada. Hans? Tens a certeza?

Emma estendeu sua mão por sobre a cerca. Ele tomou-a tímida e carinhosamente, apertando-a um pouco. Notando que ela abandonara a mão entre as dele, tomou coragem e passou a acariciá-la. A pele era suave e quente e Hans manteve-a presa, levou-a ao seu rosto, encostando-a ternamente contra a sua face fria. Uma corrente de prazer percorreu todo o seu ser, derramando-lhe nas veias um calor estranho, um cansaço feliz; a noite fria pareceu-lhe morna e úmida como o vento abafado que vem das montanhas, e Hans não via mais o jardim, nem a cerca, nem a rua, apenas um rosto claro perto do seu, um par de olhos brilhantes e uma confusão de cabelos escuros.

E a voz de Emma pareceu chegar do fundo da noite, quando a ouviu perguntar, num sussurro:

— Então, não queres dar-me um beijo?

O rosto claro aproximou-se ainda mais, o peso do corpo dela empurrou um pouco as tábuas da cerca contra as pernas do rapaz, os cabelos soltos e delicadamente perfumados tocaram a lesta dele, e os olhos fechados e pestanudos ficaram junto do rosto febril de Hans. Um arrepio violento varreu-lhe o corpo quando seus lábios trêmulos se colaram na boca de Emma. Quis afastá-los de novo, delicadamente, mas ela prendera-lhe a cabeça com ambas as mãos, empurrava-lhe o rosto contra o dela e não deixava que as bocas se descolassem. Hans sentiu o calor dos lábios dela nos seus, o hálito quente de sua boca entreaberta, que se comprimia na dele, sugava-a avidamente, parecendo querer beber-lhe o alento e a vida. Sentiu-se acometer de uma profunda fraqueza e antes que Emma o soltasse já ele tivera de agarrar-se, com dedos trêmulos, na borda da

cerca, para não cambalear. Sentia dolorosas picadas de prazer por todo corpo e a cabeça latejante parecia querer estourar.

— Amanhã vens outra vez, a esta hora — disse Emma, num murmúrio ofegante. E caminhou rapidamente para casa.

Ela não desaparecera ainda há cinco minutos e já a Hans parecia ter decorrido uma eternidade. Ficou olhando-a com olhos vazios, até ouvir bater a porta, e sentiu que não seria capaz de dar um passo. Escutava o próprio sangue martelando-lhe na cabeça, no pescoço, nos pulsos, e parecia-lhe que nunca mais recuperaria a respiração. Ah, seria bom morrer naquele instante!

Hans viu agora abrir-se a porta da saída e entrar Flaig, que provavelmente estivera trabalhando até tarde na oficina. Temeu ser descoberto e afastou-se. Caminhou lentamente, contra vontade, o passo vacilante como o de um ébrio, com a sensação de que iria tropeçar e cair no passo seguinte. As ruas escuras e sonolentas, os olhos avermelhados das janelas ainda acesas, desfilavam pelo espírito de Hans como pálido cenário de um mundo irreal que abarcava ainda a ponte, o rio, as hortas e jardins imersos num mar de neblina. A água da fonte da Gerbergasse jorrava dos tritões e caía no tanque com um ruído de catarata que dilacerava o profundo silêncio das coisas. Hans continuava caminhando como um sonâmbulo: abriu um portão, percorreu um corredor bem escuro, subiu uma escada, abriu e fechou uma porta, sentou-se sobre uma mesa e só então despertou, realmente, e deu-se conta de que estava no seu quarto. Levou algum tempo, antes de se decidir a tirar a roupa. Despiu-se maquinalmente e ficou sentado e nu, junto da janela, até que o frio da noite outonal o forçou a refugiar-se sob os cobertores.

O cansaço e a tensão fá-lo-iam dormir imediatamente, pensou Hans. Mas, depois de ter esquentado um pouco, a sonolência evaporou-se e o sangue voltou a fervilhar em acessos violentos que o deixavam irrequieto na cama, lhe afugentavam o sono e o faziam balbuciar palavras desconexas, como se estivesse sob 0 delírio de uma febre maligna. Assim que cerrava os olhos, sentia a boca de Emma colada ainda em sua boca, sugando-lhe a alma, arrebatando-lhe as forças e a vontade.

Adormeceu tarde e foi uma fuga acossada de sonho em sonho. Encontrava-se num profundo e negro abismo e, tateando à sua volta, encontrou um braço de Emma. Ela abraçou-o e os dois afundaram juntos, numa queda lenta e voluptuosa, sendo arrastados numa torrente fragorosa e tépida. De súbito, Hans viu o sapateiro em pé sobre um penhasco, os braços cruzados no peito, e

perguntava:

— Por que não quisestes visitar-me?

Hans riu ao aperceber-se de que não era Flaig mas Hermann Heilner, sentado a seu lado do auditório de Maulbronn e fazendo trejeitos burlescos. Hans acercou-se e viu Heilner debruçado de uma janela, com um dedo sobre os lábios, como se pedisse silêncio. Mas logo essa imagem se dissipou também e ele encontrou-se no lagar: Emma estava encostada na alavanca da prensa e ele lutava com todas as forças para mover o engenho. De súbito, notou que não era a alavanca mas um braço de Emma que ele puxava, puxava, e atrás do braço veio a boca, uma boca vermelha que procurava sofregamente a dele e depois... fez-se de novo o silêncio no abismo escuro e tépido. Hans sentiu uma vertigem e desmaiou, deixando-se ir ao sabor da corrente. No átrio ecoavam gargalhadas de sarcasmo e do meio delas destacou- se a voz do éforo fazendo um discurso, que Hans não sabia se lhe era dirigido ou não...

Dormiu até tarde da manhã. Quando abriu os olhos, viu que fazia um dia alegre e dourado. Lavou-se rapidamente, vestiu- se e foi passear no jardim. Tentou varrer de vez as névoas do sono e ficar lúcido mas uma tenaz neblina envolvia ainda todos os seus pensamentos. Olhou para os crisântemos violáceos, as derradeiras flores do jardim, as corolas exuberantes entregando-se jubilosas à carícia do sol, cujos raios se insinuavam, tépidos, entre os ramos secos das árvores e as trepadeiras, como se fosse o início da primavera. Hans olhou, sim, mas sem que sentisse qualquer emoção capaz de despertar o seu alheamento. De súbito, porém, foi assaltado por uma nítida e pungente recordação dos seus tempos de menino, quando no jardim pulavam seus coelhos e na calha do poço girava a roda do moinho que ele mesmo construíra. Lembrou-se daquele dia de setembro há meia dúzia de anos atrás. Era a véspera dos festejos comemorativos da vitória de Sedan; August procurara-o e trouxera molhos de hera. Limparam e poliram os seus paus de bandeira até ficarem reluzentes e ataram a hera nas pontas douradas, combinando o que fariam na manhã seguinte, que ambos aguardavam com ansiedade. Não aconteceria coisa alguma de especial na cidade mas os dois rapazes vibravam de expectativa pelo dia de festa; Anna fizera um pudim de ameixas e, à noite, seria acesa a chama de Sedan no alto de um rochedo.

Hans não sabia por que motivo estava agora recordando esse dia. A lembrança não era, certamente, das mais bonitas e duradouras. Tampouco entendia por que motivo ela o deixava tão triste e acabrunhado. Hans ignorava que, sob as roupagens dessa inopinada recordação, ocultava-se mais uma vez a

nostalgia de uma infância e adolescência tão breves, tão martirizadas, mas que, de qualquer modo, o avisavam de que chegara a hora de se despedir definitivamente desses tempos. Contudo, apercebeu-se de uma coisa; que tais pensamentos não combinavam com os que atualmente dedicava a Emma e que a noite da véspera nada tinha a ver com os momentos felizes de outrora. Julgou ver de novo as douradas pontas das bandeiras coroadas de hera, ouvir o riso franco de seu amigo August, sentir o cheiro do pudim de ameixas — e tudo isso era tão puro, de ama alegria tão cândida, que Hans sentiu um espinho cravar-se-lhe no peito. Encostou-se ao tronco nodoso do pinheiro e irrompeu em desesperados soluços, que por alguns instantes lhe trouxeram consolo e alívio.

Ao meio-dia foi procurar August, que era agora primeiro aprendiz. Estava um homem feito, musculoso, largo de ombros e muito alto. Contou-lhe o seu problema, à alternativa em que seu pai o colocara.

August pôs uma expressão grave de pessoa experiente.

— Pois é um negócio — disse ele — em que se deve pensar duas vezes. Tu és um pouco fraco de corpo, sabes disso. No primeiro ano, vais ter de trabalhar na forja e malhar o ferro com aqueles malditos martelos de ferreiro. E manejar os moldes da fundição com os colherões, que não são precisamente colheres de sopa. Bom, depois tens de carregar tudo quanto é barra de ferro de um lado para o outro, arrumá-las por comprimentos e calibres, e do princípio, enquanto não ficares com prática, vais passar um mau bocado. Para limar o ferro também é preciso força e nos primeiros tempos só te dão limas velhas para ganhar treino e não estragares as boas. Ora, é claro que essas limas velhas não prestam para nada e já estão mais lisas que traseiro de macaco. O negócio não é mole, não.

Hans ficou profundamente desanimado com a descrição do amigo.

— Então, achas melhor que eu não aceite isso? — perguntou ele.

— Eu não disse isso! Serás por acaso um frouxo?

— Eu acho que não... — disse Hans, timidamente.

— Bom, eu só queria avisar que no princípio aqui não vai ser uma pista de baile. Mas, de um modo geral, a vida de é boa. E também é preciso ter... hum, ter uma cabeça bem regulada, senão um sujeito passa de mecânico para ferreiro num abrir e fechar de olhos. Olha isto!

August trouxe umas quantas peças de máquinas, pequenas e finamente trabalhadas em aço reluzente, e mostrou-as a Hans.

— Estás vendo? Não pode faltar nem sobrar meio milímetro nestes dentes. Tudo tem de ser feito à mão, até as roscas. É preciso estar com os olhos bem

abertos. Estas agora vão ser polidas e levar um banho para endurecer. Depois pronto.

— Sim, realmente parece um trabalho bonito. Se eu soubesse...

— Bolas, se tu soubesses não eras aprendiz! Estás com medo? Um aprendiz tem que dar duro, não adianta conversa. Mas eu estarei aqui e te ajudarei no que puder. Se entrares na próxima sexta-feira, é o dia em que eu termino o meu segundo ano de aprendizagem e no sábado receberei o meu primeiro salário de oficial. No domingo vou festejar com cerveja e bolos para todos, tu também virás, é claro, e já verás como vai ser bem divertido! Afinal, não somos velhos amigos?

Durante o almoço, Hans disse ao pai que estava disposto a ser mecânico e que poderia começar dentro de oito dias.

— Ótimo — disse o pai.

De tarde, foi com Hans apresentá-lo na oficina do Schuler.

Mas quando começou a escurecer, Hans esquecera tudo isso e seus pensamentos concentravam-se numa única coisa: que Emma estaria à sua espera essa noite. As horas pareceram-lhe mais longas e arrastadas que nunca. Sentia-se atraído para aquele encontro secreto como uma bússola para o seu norte magnético. Não jantou e só a muito custo conseguiu engolir uma xícara de café com leite. E saiu.

Tudo era igual à noite da véspera: ruas silenciosas e mergulhadas em penumbra, as janelas vermelhas, o halo mortiço dos lampiões públicos, os casais de namorados passeando vagarosamente.

Junto à cerca da casa do sapateiro, viu-se acometido de grande ansiedade. Encolhia-se nas sombras a cada ruído, receoso de ser surpreendido por alguém. Ficava imóvel e à escuta como um ladrão. Não teria decorrido muito mais que um minuto quando viu Emma à sua frente, sorrindo-lhe carinhosamente. Hans acariciou-lhe os cabelos e o rosto, com gestos delicados, e ela abriu a cancela do jardim. Hans entrou, pisando cautelosamente o saibro, e Emma deu-lhe a mão, arrastando-o pelo caminho emoldurado de arbustos. Entraram pelo portão dos fundos, para o escuro corredor da casa, e foram sentar-se no último degrau da escada que dava para o sótão, um ao lado do outro, até que a vista se habituou à escuridão e puderam ver-se, Emma estava de excelente humor e tagarelava, numa voa sussurrada. Ela não era inexperiente em jogos de amor e o tímido e carinhoso rapaz agradara-lhe. Tomou o rosto fino de Hans em suas mãos e beijou-o nos olhos, nas faces, na testa; e quando chegou a vez da boca, o beijo foi tão sôfrego e prolongado que o rapaz sentiu seus lábios serem vorazmente

sugados, mordidos, lambidos, e uma vertigem apoderar-se-lhe do corpo, que ficou mole e sem ação, encostado ao corpo rijo e arfante da fogosa moça. Depois, Emma desprendeu-se, riu baixinho e mordeu-lhe uma orelha. Continuou falando num terno murmúrio e Hans escutava-a e não sabia o que escutava. Ela acariciava-lhe os cabelos, o pescoço, encostava seu rosto no dele, punha seus braços sobre os ombros do estonteado moço. Este silenciava, deixava que tudo acontecesse sem reagir, acometido de violentos arrepios e de uma angústia febril que lhe paralisava o próprio desejo, a própria iniciativa e a capacidade de oferta espontânea de si mesmo à embriaguez do momento.

— Mas que espécie de namorado és tu? — disse ela rindo. — Não te atreves a fazer nada!

Emma pegou na mão dele, fê-la deslizar vagarosamente pelo seu rosto, pelos ombros e colocou-a, por fim, sobre o seio, comprimindo-o contra a palma da mão. Hans sentiu aquela forma rija e macia, o seu doce e cálido arfar, e fechou os olhos, sentindo-se afundar em insondáveis abismos de prazer.

— Não... Não... — murmurou ele, quase em pânico.

— Nunca tiveste uma pequena, não? — perguntou ela, rindo, e sem largar a mão de Hans.

— Eu...

— Cala-te, meu bobinho...

Emma puxou-o contra si e, com o súbito impulso, os dois corpos tombaram de lado no degrau da escada, colados um ao outro. Quando Hans sentiu aquele corpo palpitante ao longo do seu, num completo abandono, perdeu a cabeça e foi incapaz de articular palavra.

— Diz que gostas de mim — pediu Emma.

Hans quis dizer que sim mas tudo o que conseguiu foi acenar repetidamente a cabeça.

Ela tomou de novo a mão dele e enfiou-a sob a blusa. Quando Hans sentiu aquela forma tão macia e fremente, tão cheia de vida e tão quente, sob seus dedos, sob a concha de sua mão, acreditou que morria, tão difícil se tomou para ele a própria respiração.

Hans retirou a mão e sussurou numa voz entrecortada:

— Agora tenho de ir...

— O que é que se passa? — perguntou Emma, surpreendida.

— Não sei... não me sinto bem. Estou tão cansado...

Quando quis levantar-se, ele cambaleou e por um triz não rolou pela escada do sótão.

Hans não sentiu que ela passara um braço pela sua cintura, como se o apoiasse no caminho até à cerca do jardim, que o apertava carinhosamente contra si, nem ouviu quando ela disse:

— Boa-noite, meu bem — e fechou silenciosamente a cancela.

Ele chegou à casa sem saber como, percorrendo as ruas desertas como se uma corrente caudalosa ou uma imensa maré o tivesse carregado. Viu casas à esquerda e à direita, por cima dos telhados os picos negros das montanhas e, sobre estas, o céu estrelado. Sentiu o vento frio que soprava em suas orelhas escaldantes, ouviu o ruído do rio batendo nas pilastras da ponte e as casas, as árvores, as estrelas, refletidas nas águas escuras.

Quando chegou à ponte teve de sentar-se para descansar. Estava exausto e julgava não ser capaz de chegar ao portão de sua casa. Sentou-se no parapeito, escutando o murmúrio das águas e o ranger vagaroso da roda da azenha. Tinha as mãos frias, embora o sangue pulsasse em cachões ferventes que lhe tomavam o peito, toldavam a vista e turbilhonavam na cabeça.

Enfim, chegou à casa, subiu ao seu quarto e deitou-se tal como estava. Adormeceu imediatamente e caiu de sonho em sonho, cada vez mais profundos, através de túneis e galerias imensas. Perto da meia-noite acordou, sobressaltado, a testa alagada de suor. E, daí até ao amanhecer, foi um contínuo dormir e acordar, jogado de um lado para o outro por forças incontroláveis e acometido de uma estranha saudade. Sentia-se morrer de sede de algo que não era água, nem mosto nem coisa alguma que se bebesse. Uma sede nostálgica que brotava do mais fundo do ser e o torturava insuportavelmente. Até que, já os primeiros raios de sol dançavam na copa do pinheiro, diante de sua janela, toda a sua angústia e aflição irrompeu num demorado e convulsivo pranto.

— Por que? Por que não serei eu... como... os outros?

E adormeceu de novo sobre o travesseiro molhado de lágrimas.



# 7

O Dr. Giebenrath organizou com decoro a festa do início dos trabalhos no lagar. Hans ajudava-o. Dos filhos do sapateiro Flaig, dois tinham atendido ao convite, serviam-se das frutas, andavam juntos com seus copinhos de prova na mão e cada um deles levava seu pedaço de pão preto na mão. Emma não viera com os primos.

Só quando o pai se afastou com o tanoeiro para darem uma olhada nas dornas, Hans se atreveu a fazer a pergunta que lhe escaldava os lábios desde que vira os Flaig entrarem.

— Onde está Emma? Ela não quis vir?

Os dois garotos demoraram algum tempo em responder, com as bocas cheias de pão e mosto.

— Pois a Emma já foi embora disseram eles.

— Embora! Para onde?

— Para a casa dela!

— Partiu, é isso? No trem?

Os dois acenaram afirmativamente, enquanto tratavam de encher de novo a boca.

— Mas quando? Quando foi que ela partiu?

— Hoje de manhã.

Os garotos afastaram-se correndo para o jardim. Hans apertou a alavanca da prensa, com os olhares fixos na tina de mosto e, lentamente, procurou reunir ideias e compreender.

O pai reapareceu, rindo. A criançada vinha agradecer-lhe e saia em disparada para suas casas. Estava anoitecendo.

Depois do jantar. Hans foi sentar-se sozinho no seu quarto. Deram as dez horas, as onze horas, e ele não acendeu o candeeiro. Depois, caiu num sono

profundo e prolongado. Quando despertou, mais tarde do que habitualmente, teve a sensação vaga de que lhe acontecera uma desgraça, de que tivera uma perda irremediável, até que as ideias se desanuviaram e lembrou-se de Emma. Ela partira, sem uma saudação, sem despedir-se. Sem dúvida já sabia, quando estiveram juntos aquela noite, que viajaria na manhã seguinte. Recordou seus beijos, suas risadinhas e sua entrega total. Ela não o tomara a sério e sabia que, provavelmente, nunca mais veria a sua conquista de uma noite em terra estranha.

Hans sentiu-se magoado e irritado. A lembrança daquela noite excitou de novo seus impulsos de amor insatisfeito e a sensação de malogro instilou-lhe na alma uma tortura raivosa e turva, que o levou tempestuosamente da casa para o jardim, do jardim para a rua, daí para o bosque e novamente para casa. Estava inquieto como uma fera enjaulada ou que prenuncia a tempestade próxima.

Assim experimentara ele as primícias do misterioso jogo do amor e, agora, chegava à conclusão de que, em troca de alguns doces momentos, teria de sofrer dias e semanas de amargura e frustração. Dias cheios de lamentações estéreis, de recordações nostálgicas, de meditações desconsoladas; e noites inquietas, em que as palpitações da carne e a aflição da alma não o deixariam dormir ou o lançariam em sonhos e pesadelos horríveis. Sonhos em que a agitação do sangue se convertia em pavorosas imagens, em braços mortalmente envolventes, em animais fabulosos, de olhos chamejantes, que o arrastavam para sorvedouros hiantes onde sua alma se despedaçava. Quando acordava, via-se sozinho, envolto pela solidão das noites frias do outono, sofria a saudade pungente da sua Emma e, gemendo, enfiava a cabeça entre os travesseiros úmidos de lágrimas.

Aproxima-se a sexta-feira em que Hans teria de começar a trabalhar na oficina mecânica. O pai comprou-lhe um macacão de pano azul e um gorro, também azul mas de lã. O rapaz experimentou a indumentária e sentiu-se bastante ridículo em seu uniforme de mecânico. Quando passava diante da escola, da casa do reitor ou do professor de matemática, da casa do pastor ou da oficina do mestre Flaig, um sentimento de profunda vergonha o dominava. Tanto trabalho, esforço e sacrifício, tanto suor e tanta humilhação, tantas pequenas alegrias sacrificadas, tanto orgulho e ambição e sonhos de grandeza, para nada. Tudo em vão, tudo para acabar agora, mais tarde do que todos os seus antigos colegas e desfrutado por eles, como aprendiz principiante de oficina!

O que diria Heilner daquilo?

Hans conseguiu, aos poucos, fazer as pazes com seu macacão azul e acabou até por sentir uma alegre expectativa da sexta- feira em que o inauguraria. Pelo menos, seria uma experiência diferente!

Todos esses pensamentos, porém, nada mais eram que relâmpagos momentâneos brotando de nuvens pesadas e escuras que toldavam o horizonte de sua vida. Não podia esquecer a partida de Emma e muito menos era capaz de dominar a excitação que ainda lhe causava aquela noite. Ansiava por novas experiências que lhe mitigassem a crescente saudade daqueles beijos abrasadores e repetia baixinho, numa tortura voluptuosa, o nome daquela que lhe entreabrira as portas do mistério. Assim passava Hans os seus dias, numa indolência letárgica e sem rumo.

O outono estava mais belo que nunca, suavemente ensolarado, com madrugadas prateadas, amenos meios-dias e noites límpidas. As montanhas longínquas exibiam suas encostas de um profundo azul aveludado, salpicadas de manchas ouro dos castanheiros; e, sobre os muros, pendiam as largas folhas avermelhadas das parreiras, numa profusão desordenada.

Hans, inquieto, procurava fugir a si próprio. De dia, percorria os campos até que as pernas lhe vergavam de cansaço; evitava as pessoas, pois achava que todo o mundo notaria o seu desespero amoroso. De noite, caminhava pelas ruas e seus olhos seguiam cada par de namorados, cada criadinha que com ele se cruzasse, dengosa e provocante. Parecia-lhe que tudo o que havia de fascinante e desejável na vida estivera ao seu alcance com Emma e traiçoeiramente se lhe esquivara. Sentia na carne a própria culpa e estava certo de que Emma se rira dele, do seu acanhamento e passividade. Procurava convencer-se de que, se estivesse de novo com ela, não seria mais tímido e, pelo contrário, arrancaria a Emma todos os segredos, penetraria audaciosamente no jardim do amor cujo portão se lhe fechara diante do nariz. Toda a sua imaginação e fantasia se enredava nessa cálida e sufocante selva de misteriosos suspiros e gemidos, e já não dava conta de que, fora do estreito e chamejante circulo de seus desejos, havia outros espaços amplos e claros, outras alegrias puras e bonitas paisagens.

Sentiu um certo contentamento quando, por fim, chegou a tão esperada sexta-feira. De manhã cedo vestiu a sua nova roupa de trabalho, colocou o gorro e desceu, um pouco embaraçado, a Gerbergasse, a caminho da oficina de mestre Schuler. Alguns conhecidos seguiram-no com os olhos e fizeram comentários em voz baixa. Um deles, mais curioso, atreveu-se a perguntar:

— O que é que houve contigo, Hans? Viraste mecânico?

O rapaz abaixou a cabeça e nada respondeu mas a humilhação quase fez brotar lágrimas em seus olhos.

Na oficina já se trabalhava a todo o vapor. O contramestre estava, nesse momento, ocupado na forja. Tinha uma barra de ferro vermelho sobre a bigorna,

segura por uma enorme tenaz. Um oficial malhava a peça com um pesado martelo, enquanto o contramestre manejava a tenaz, fazendo girar a barra incandescente para lhe aplicar golpes mais finos e dar-lhe a forma desejada. As batidas eram ritmadas e ecoavam, vibrantes, pela porta aberta, ate se perderem no ar luminoso da manhã.

Numa comprida banca, enegrecida de óleo e limalha, estavam o oficial mais antigo e, a seu lado, o August, cada um ocupado com o seu tomo de bancada. No teto, gemiam grossas e velozes correias que moviam os tornos, os discos de esmerilar, as perfuradoras, pois tudo era acionado com força hidráulica. Augu^st viu Hans entrar e acenou-lhe com a cabeça, fazendo sinal para que esperasse na porta até que Mestre Schuler estivesse livre.

Hans olhou para a forja, os tornos, as correias zunindo, as polias girando, e sentiu um vago temor de todo aquele movimento frio, mecânico, sem alma. Quando Schuler terminou seu trabalho veio ao encontro de Hans e estendeu-lhe a mão quente e calejada.

— Pendura ali o teu gorro disse o patrão, indicando um prego vazio na parede. — o teu lugar é ali naquele tomo.

Dizendo isso, encaminhou-se com o novo aprendiz até ao último torno da banca e deu-lhe algumas instruções sobre o seu manejo, recomendando que mantivesse sempre a banca arrumada, com as ferramentas em seus devidos lugares.

— O teu pai já me disse que não eras nenhum Hércules — continuou Schuler — o que aliás se nota. No princípio não te mandarei forjar, até que fiques um pouco mais rijo.

Meteu a mão debaixo da banca e puxou uma engrenagem de ferro fundido.

— Podes começar com isto. A engrenagem ainda está em bruto, tal como saiu da fundição, e podes ver que está cheia de pequenas rebarbas que tem de ser limadas, senão vão dar cabo do resto. Ficas encarregado de limar e polir todo esse negócio, entendido?

Colocou a engrenagem no torno, apertou-a bem, apanhou uma lima velha e mostrou como se fazia.

— Assim. Agora continua. Mas não pegues em outra lima! Até ao almoço terás bastante trabalho com isso. Depois mostra- me o que fizeste. E durante o trabalho não te preocupes com outras coisas, concentra-te apenas no que te mandarem fazer. Um aprendiz não precisa ter ideias.

Hans começou a limar.

— Para! — exclamou o mestre. — Assim não! A mão esquerda fica sobre

a lima e acompanha o movimento. És canhoto?

— Não senhor.

— Bom, te ajeitarás. E trata de ver se conservas todos os dedos...

Schuler foi para o seu tomo, o primeiro perto da porta, e Hans tratou de ajeitar-se como pôde.

Aos primeiros movimentos da lima, surpreendeu-se ao notar que a coisa deslizava com facilidade. Mas depois, viu que era somente as pontas quebradiças das rebarbas, que saltavam depressa mas tinham por baixo sucessivas rugas encrespadas e duras, que era preciso alisar. Esforçou-se ao máximo e trabalhou com afinco. Desde os seus tempos de trabalhos manuais na escola, ou quando fazia as pequenas rodas para o seu moinho na calha do poço, nunca mais voltara a sentir o prazer de criar algo por suas próprias mãos.

— Mais devagar, Hans! — grilou o contramestre, ao passar pelo novo aprendiz. Ao limar deve-se manter sempre o mesmo ritmo... um, dois, um, dois... e manter a lima apertada contra a peça, senão vais quebra-la.

O contramestre teve então de fazer algum trabalho no torno ao lado e Hans não pôde evitar que a sua curiosidade o fizesse olhar para lá de soslaio. Um bloco de aço foi colocado no tomo, a correia fez girar a polia, o bloco girou célere entre as duas garras de ferro e o contramestre, em gestos rápidos e precisos, começou tirando do aço finas aparas, não mais grossas que fios de cabelo, que se encaracolavam e caíam na banca. A limalha saltava em chispas brilhantes e espalhava-se, morta e sem luz, no chão à volta.

Por toda a parte havia ferramentas, pedaços de ferro, de aço e de bronze, trabalhos semiacabados, engrenagens reluzentes, brocas e cinzéis, fresas, laminadoras e serras; nas prateleiras, havia pequenas vassouras, estopa, folhas de lixa, almotolias, vidros com ácidos e caixas com pregos e parafusos de todos os tamanhos. O esmeril era usado a todo o instante.

Com íntima satisfação, Hans dava-se conta de que já linha as mãos completamente negras e desejava que o seu macacão parecesse mais usado, pois destacava-se ridiculamente, tão azul e novo, ao lado dos uniformes sujos e remendados dos seus camaradas.

À medida que a manhã avançava, iam entrando os fregueses na oficina. Vinham operários da vizinha tecelagem para mandar consertar pequenas máquinas ou retificar peças gastas. Apareceu um camponês e perguntou pela sua calandra de roupa, que ali deixara para consertar. Reclamou muito irritado, quando lhe disseram que ainda não estava pronta. Depois veio um elegante industrial, proprietário de uma fábrica dos arredores, a quem Schuler

acompanhou deferentemente a um gabinete, no fundo da oficina, e aí ficaram discutindo os planos para a construção de uma nova máquina.

A azáfama era grande, correias e engrenagens prosseguiam em seu movimento cadenciado e uniforme, os homens que trabalhavam de tronco nu na forja tinham as espáduas reluzentes de suor, a bigorna ressoava em pancadas vibrantes e Hans deu-se conta, pela primeira vez em sua vida, de que também participava com seu esforço de um hino ao Trabalho entoado por mil ferramentas. Para um principiante, pelo menos, era algo emocionante e ele via sua figura franzina integrada no compasso da grande melodia.

Às nove horas houve uma pausa de quinze minutos e cada um recebeu um pedaço de pão e um copo de mosto. Só agora August pôde cumprimentar o novo aprendiz. Conversaram animadamente e August mencionou de novo, com entusiasmo, a festa do próximo domingo, quando cie pretendia esbanjar numa farra com os colegas o seu primeiro salário. Hans perguntou a que pertencia aquela engrenagem que estava limando e o amigo explicou-lhe que fazia parte do mecanismo do carrilhão do relógio da torre. August quis ainda explicar-lhe como aquilo funcionava mas o contramestre foi novamente para a sua banca, logo imitado pelo primeiro oficial, e os demais se encaminharam para os seus lugares.

Perto das onze horas, Hans começou a sentir fadiga; o braço direito e um joelho doíam-lhe um pouco. Mudou o peso do corpo de uma perna para a outra e, disfarçadamente, esticava os braços, mas não adiantava muito. Então largou a lima por um instante e apoiou-se à banca. Imóvel, tentando descansar um pouco, ouvia o zumbido constante das correias sobre a cabeça e sentiu uma leve tontura, fechando os olhos. Mestre Schuler estava no mesmo minuto ao lado dele.

— Então que é isso? Já estás cansado?

— Sim, um pouco — admitiu Hans.

Os oficiais riram mas sem maldade.

— Isso já passa — disse o mestre, calmamente. — Vem comigo ver como se solda.

Hans observou atentamente os soldadores. Primeiro, esquentavam os ferros de soldar, depois passavam ácido no lugar da soldadura e, finalmente, deixavam pingar na chapa, com o bico do ferro, um fio de metal branco, que chiava suavemente em contato com o ácido.

— Pega no pano e esfrega bem isso. O ácido não deve ficar em cima de metal nenhum.

Hans voltou então para o seu tomo e continuou raspando com a lima os

dentes da engrenagem. Doía-lhe o braço direito e a mão esquerda que sujeitava a lima. Sentia o rosto escaldar- lhe e uma vontade enorme de deixar pender os braços.

Ao meio-dia, quando o contramestre largou as suas ferramentas e foi lavar as mãos, Hans levou o seu trabalho ao mestre, que o examinou rapidamente.

— Está bem, podes deixá-la assim. Na caixa que está debaixo da tua banca tens uma peça parecida com essa. Pegarás neta depois do almoço.

Hans lavou também as mãos e saiu. Tinha uma hora livre para descansar e almoçar.

Dois estagiários de comércio, seus antigos colegas de escola, caminhavam atrás dele e troçaram.

— Mecânico diplomado! — gritou um deles.

Hans estugou o passo. Não sabia ao certo se estava contente ou não com o seu novo ofício; gostara de trabalhar na oficina mas agora se sentia tão fatigado, tão terrivelmente fatigado...

Diante da porta de casa, quando já se alegrava com a perspectiva do almoço e de poder repousar o corpo dorido, acudiu-lhe repentinamente à ideia a imagem de Emma. Esquecera-a por completo durante a manhã. Em vez de se encaminhar para a sala de jantar, subiu lentamente a escada para o seu quarto e jogou-se sobre a cama, gemendo de angústia e tormento. Queria chorar mas seus olhos continuavam secos. Desesperado, via-se de novo consumido por aquela torturante saudade: Sua cabeça era um torvelinho tempestuoso e a garganta doía-lhe de abafados soluços.

O almoço foi um martírio. Teve de responder a todas as perguntas do pai, contar-lhe o que fizera e suportar algumas piadas, pois o velho Giebenrath estava de bom humor. Mal acabou de comer, correu para o jardim e aí ficou um bom quarto de hora, estendido ao sol, entregue a seus devaneios. Depois, chegou a hora de voltar à oficina.

Já na parte da manhã ficara ele com calos avermelhados nas mãos: agora começavam a doer e, de noite, as palmas das mãos estavam seriamente inchadas. Tinha bolhas tão grandes nos dedos que não podia pegar em coisa alguma sem sentir dolorosas picadas. Um pouco antes da hora de terminar o serviço, teve Hans de arrumar a oficina toda, sob as instruções de August.

O sábado ainda foi pior. As mãos ardiam-lhe, cada calo estava agora coberto por uma bolha e os dedos inchados como cachos de bananas. O mestre estava de mau humor e xingava todo o mundo ao menor motivo que o contrariasse. August consolava o seu amigo, assegurando-lhe que o problema

das mãos era uma questão de dias; depois elas ficavam rijas e insensíveis ao atrito dos metais. Mas Hans sentia-se profundamente infeliz e passou o dia inteiro olhando para o relógio, enquanto limava, desanimado, a sua terceira engrenagem.

No final da tarde, August comunicou-lhe, entre dentes, que iriam passar o domingo, com alguns companheiros, em Bielach, onde haveria tudo para se passar um dia bem animado, e Hans não poderia faltar. Iria apanhá-lo ás duas horas para seguirem juntos. Hans concordou, embora preferisse ficar em casa o domingo inteiro, tão infeliz e cansado se sentia.

A velha Anna deu-lhe uma pomada para aplicar nas mãos feridas e ele deitou-se ás oito horas, dormindo até tarde. Teve de apressar-se para acompanhar o pai à igreja.

Durante o almoço falou a respeito do August e avisou que passaria a tarde fora, no campo. O pai nada tinha em contrário, deu-lhe cinquenta centavos e apenas recomendou que estivesse de volta à hora do jantar.

Quando caminhou vagarosamente pelas ruas semidesertas, gozando o bonito dia de sol, sentiu pela primeira vez, desde há muitos meses, a calma alegria de um domingo. Tudo tinha um ar solenemente festivo, como se, após uma semana de trabalho árduo, de corpos fatigados e mãos enegrecidas, a luminosidade e a paz dominicais fossem um justo prêmio aos lutadores. Ele compreendia agora o que sentiam os curtidores e os ferreiros, os tecelões e os sapateiros, que se sentavam indolentemente na soleira de suas casas, apanhando o sol, e tinham um ar tão contente, uma expressão quase agradecida. E não mais olhava para eles como uns pobres-diabos medíocres. Observava agora, com curiosidade, os operários, os oficiais e aprendizes que passavam em grupos, a caminho das tavernas e estalagens, os chapéus domingueiros um pouco tombados sobre a orelha, colarinhos brancos e temos muito escovados. Geralmente, os operários juntavam-se de acordo com suas profissões: marceneiros com marceneiros, pedreiros com pedreiros, e discutiam entre eles quais os mais cotados e de melhor estirpe. Era quase unânime a opinião de que os serralheiros eram os artesões mais respeitados e acima deles só havia os mecânicos, que eram a fina flor do operariado. Tudo isso tinha agora para Hans um tom familiar. Algumas opiniões eram algo ingênuas e ridículas mas, por detrás delas, havia o orgulho de um ofício, a beleza que cada um sentia em seu próprio trabalho e o sentimento de utilidade que até o mais modesto aprendiz de alfaiate não deixa de albergar, como uma pequena luz que ilumina e conforta seu

esforço cotidiano.

Assim, era fácil notar que os jovens reunidos defronte da casa de mestre Schuler, muito senhores de si, conversando entre eles cheios de prosápia e cumprimentando os transeuntes com leves acenos de cabeça, formavam uma pequena comunidade confiante e não precisavam de estranhos para se divertirem a seu bel-prazer ao domingo.

Hans também sentia isso e alegrava-se de pertencer ao grupo. Sentia apenas uma certa apreensão quanto à programada farra, pois era sabido que os mecânicos gostavam de aproveitar os prazeres da vida em doses abundantes e maciças. Talvez houvesse mulheres e fossem dançar. Hans não sabia ao certo mas, de qualquer modo, estava decidido a fazer boa figura e arriscar até uma bela ressaca, se fosse preciso. Não estava acostumado a beber muita cerveja mas, quanto ao fumo, conseguira chegar com muito esforço e persistência ao ponto de fumar pausada- mente um charuto até ao fim, sem passar por vômitos nem vexames.

August cumprimentou-o com efusão. Contou que o contramestre não podia acompanhá-los mas, em compensação, entrara no grupo um colega de outra oficina, de modo que seriam ao todo seis homens, o que era suficiente para virar do avesso uma aldeia inteira. A cerveja era à discrição e cada um poderia beber o que lhe apetecesse, correndo tudo por conta dele. Ofereceu um charuto a Hans e, depois, o grupo pôs-se em marcha, passeando devagar pelas ruas principais e só quando chegaram à Praça das Tílias resolveram caminhar um pouco mais depressa, para chegar a tempo a Bielech e arranjar um bom lugar.

A superfície do rio brilhava em reflexos azuis, brancos e dourados. Através das acácias desfolhadas filtrava-se um suave sol de outubro e, no céu azul, farrapos de nuvens passavam lentamente, rumo ao sul. Era um daqueles dias calmos e risonhos de outono, quando as reminiscências do verão ainda impregnam o ar puro e até as crianças perdem o tino das estações e acham que é tempo de procurar flores nos prados; quando os velhos olham, pensativos, pela janela ou levantam a cabeça, nos bancos dos jardins, farejando os ares, porque lhes parece que não apenas as lembranças boas do ano mas de toda uma longa vida vêm de novo em revoadas pelo azul.

A mocidade andava de excelente humor e prestava as suas homenagens à natureza benevolente com bailes e cantigas ao ar livre, comes e bebes, ruidosas brigas e bebedeiras. Por toda a parte reluziam os vidros novos de compota de frutas frescas; mosto de vinho e cidra fermentava nas adegas; diante das estalagens, sob as latadas de parreiras e as acácias, dançava-se ao som de

violinos e acordeões; e os derradeiros dias bonitos do ano convidavam os namorados a longos passeios pelos bosques.

O grupo de rapazes caminhava rapidamente pela estrada. Hans fumava o seu charuto, com ar displicente, e admirava-se de sua despreocupação. Sentia-se bem, com o sol reconfortante batendo-lhe no rosto e ouvindo um dos oficiais que contava suas aventuras por outras terras. Ê claro que exagerava muito, mas a verdade é que ninguém prestava grande atenção a esses pormenores. Os exageros, a exuberância de gestos e falas, também faziam parte do acordo. Até o mais modesto operário, quando se vê com a faca e o queijo na mão, seguro das atenções do seu auditório e de que não está por perto nenhum testemunho ocular que possa contradizê-lo, não resiste à tentação de falar dos seus tempos de andanças por outras paragens, num tom grandiloquente, quase épico. Pois a vida prosaica do operário é propriedade comum do povo e ele sente-se na obrigação de lhe inculcar algum episódio que a embeleze, enfeitando o cotidiano com lendárias aventuras e pondo novos arabescos nas estórias tradicionais que todos conhecem de cor. Assim, qualquer andarilho, quando começa a contar suas proezas, sente-se, no íntimo, um pouco do imortal Eulenspiegel ou de Straubinger, o incansável aventureiro.

— Em Frankfurt, onde estive trabalhando nessa época como aprendiz — dizia o oficial — posso jurar a vocês que aquilo francamente é que era vida!

— Conta! Coata! — gritavam os seus companheiros.

— Eu não contei ainda aquela do comerciante ricaço, um desses sujeitos muito alinhados, que queria casar a filha com o mestre da minha oficina? Pois a moça despachou-o porque eu lhe agradei muito mais e, durante quatro meses, fomos namorados.

— Às escondidas? — perguntou um dos aprendizes.

— Claro! — Todos riram. — Mas se eu não tivesse brigado com o velho prosa, ainda hoje estaria em Frankfurt e, possivelmente, seria o genros dele!

Contou então como o mestre ficara danado da vida e até quisera agredi-lo, o safado. Uma vez atreveu-se a levantar a mão mas o herói-aprendiz pegara num martelo de ferreiro e encarara o outro de tal jeito que o desgraçado não teve outro remédio senão retirar-se, resmungando, pois importava-lhe mais salvar a cabeça do que a honra.

— Depois fui despedido — concluiu o oficial. — O camarada era covarde e recebi a demissão por escrito, quando estava no meu quarto da pensão!

Depois contou uma grande briga que tivera em Offenburg, onde ele e mais dois ferreiros quase tinham destroçado a murro três operários de uma fábrica.

— Quem for a Offenburg só precisa perguntar ao compridão do Schorsch como foi o negócio. Ele ainda lá vive e assistiu a tudo.

Estas coisas eram contadas num tom frio e banal mas todos as ouviam com profundo agrado e íntimo fervor, resolvidos, em segredo, a contá-las também a outros companheiros como tendo acontecido a cada um deles em outros lugares. Pois não havia ferreiro que não tivesse namorado a filha do patrão, que não tivesse avançado algum dia sobre o mestre ruim de martelo em liste e não tivesse surrado meia dúzia de empregados de alguma fábrica. A história acontecia ora em Baden, ora em Hessen, ora na Suíça; uma vez era o martelo, outra um ferro em brasa e, em lugar de empregados de fábrica, também eram surrados, de preferência, alfaiates e padeiros. Mas a história, salvo essas pequenas variações, era sempre a mesma e todos gostavam de ouvi-la de novo, pois são antigas, boas e fazem honra à corporação. Com isso não se quer dizer que não ocorressem, realmente, episódios novos e reais nem que a imaginação dessa gente fosse tão fraca que não prestasse para inventar novas histórias. De fato, alguns são de tal modo talentosos que podem arquitetar uma história nova quase todos os dias, inspirada em suas experiências e embelezada pelo espírito e o amor-próprio.

August era a própria imagem da alegria esfuziante. Ria à toa, estava de acordo com tudo, sentia-se lá um meio-oficial e soprava com expressão de entendido a fumaça do charuto.

0 oficial continuou representando o seu papel. Para ele, era de suma importância demonstrar que a sua presença ali era um gesto de magnanimidade, não fossem pensar que de se rebaixara acompanhando aprendizes e que deveria envergonhar-se de ajudar os rapazes a gastar dinheiro com bebidas.

Já tinham caminhado um bom pedaço pela estrada, ao longo do rio; agora chegavam a uma encruzilhada e tinham de escolher entre prosseguir na estrada, que subia lentamente em curvas e contracurvas, ou enveredar por um íngreme atalho mas que encurtava bastante a distância. Foi votada estrada, apesar de ser mais extensa e poeirenta. Os atalhos são para os dias de semana e para os boas-vidas que nada mais têm a fazer que passear. Mas o povo, sobretudo aos domingos, prefere a estrada, cuja poesia ainda não se perdeu para ele. Escalar atalhos íngremes é bom para os campesinos e os naturalistas que vêm da cidade, que fazem isso por necessidade de trabalho ou por mero esporte. Para a gente do povo isso não tem qualquer espécie de atrativo, ao passo que a estrada é boa para caminhar depressa e agradavelmente, conversando, poupando as botas e os trajos domingueiros, admirando o trânsito de carruagens e cavaleiros. Pode-se

encontrar outros passeantes, moças enfeitadas que andam em grupos ruidosos, rindo e cantando alto, retorquindo com desembaraço às piadas que os rapazes lhes dirigem. Pode-se parar e bater papo coro um amigo que não se via há muito tempo, perseguir as moças — e até resolver súbitas divergências de opinião com os bons companheiros mediante uma ação rápida, de ordem física!

Assim prosseguiram os seis pela estrada acima, percorrendo vagarosamente as amplas curvas como alguém que tem muito tempo pela frente e detesta transpirar. O oficial despiu o paletó e pendurou-o na ponta da bengala, que pôs ao ombro. Agora assobiava alegremente e continuou assobiando até que, ao cabo de uma hora, chegaram a Bielach.

Hans tivera de aguentar algumas indiretas, mas não se perturbou com isso; e foi August quem, mais do que ele próprio, se encarregou de dar resposta. Bielach estava agora à vista, bem defronte dos olhos deles. A aldeia, com seus telhados vermelhos ou de ardósia cinzenta, com reflexos prateados, ou de colmo, estava situada no meio de um pomar vastíssimo, que alastrava para ambos os lados da estrada até da fraldas da montanha, e tinha por moldura, ao fundo, um bosque.

Os rapazes não chegavam a acordo sobre qual das estalagens entrar. A Anker tinha a melhor cerveja, os bolos da Schtwan eram os mais gostosos e, na Scharfen Eck, a filha do estalajadeiro era uma graça. Por fim, August conseguiu que fossem para o Anker e insinuou, piscando o olho, que o Scharfen Eck não fugiria; depois de beberem alguns chopes iriam dar uma espiada por lá. Todos concordaram e assim entraram na aldeia, passando por cocheiras e janelas baixas, floridas com gerânios, rumo à estalagem Anker, cuja tabuleta dourada atraía as atenções desde longe, balida pelo sol brilhante. Para desgosto dos oficiais, que queriam ficar sentados lá dentro, a estalagem estava superlotada e tiveram de contentar-se com uma mesa no jardim.

Conforme as opiniões da sua clientela, a Anker era um estabelecimento fino, quer dizer, não era uma dessas velhas tavernas de aldeia que se encontram frequentemente pela província. Era um moderno edifício de tijolo, de forma cúbica, com rasgadas janelas em três fachadas, cadeiras em vez de bancos e uma porção de tabuletas em latão, fazendo a propaganda de cervejas, refrigerantes, hotéis, cigarros e pastilhas de mentol, excelentes para catarros e resfriados. Tinha uma garçonette como nos bares das cidades e o estalajadeiro, que atendia no balcão, nunca era visto em mangas de camisa mas de terno completo, marrom e pelo último figurino. Aliás, o homem estava na falência mas alugara a sua própria casa ao principal credor, um importante cervejeiro, que a passara para

seu nome e, desde então, o ex-dono e agora gerente do Anker ficara ainda mais fino. O jardim tinha uma grande acácia no meio e era vedado por uma cerca de arame que, nessa altura do ano, estava coberta de uvas silvestres.

— Saúde, minha gente! — exclamou o oficial, brindando aos seus companheiros. E, para mostrar como bebe um homem, esvaziou a caneca de um trago. — Escute aqui, bela senhorita! Não tem pena de me deixar aqui de caneco vazio na mão? — E estendeu-o para a garçonete.

A cerveja era esplêndida, bem fria e não amarga demais. O calor e a poeira da entrada ainda lhe realçavam o sabor e Hans saboreou avidamente a sua caneca. August bebia com expressão de conhecedor, dava estalo com a língua e, ao mesmo tempo, fumava e expelia baforadas como uma chaminé mal vedada, o que Hans admirava deveras.

Não tinha sido má ideia, aquele domingo animado e diferente, sentado na sombra do jardim de uma estalagem grã-fina, como alguém de posses que desfruta de um merecido repouso e no meio de pessoas joviais, que sabem gozar os prazeres da vida. Era bom acompanhar os risos e, de vez em quando, arriscar também uma piada. Era admirável e másculo, depois de esvaziar o copo, colocá-lo com ênfase na mesa, dando uma pancada seca, e gritar para a moça: “Mais um, senhorita!” Era bom brindar a um conhecido que estava em outra mesa, com sua roda de amigos, empurrar o chapéu para a nuca e segurar displicentemente o toco do charuto na mão esquerda, comentando em voz alta: “O charuto é bom mas um pouco fraco para o meu gosto”.

O companheiro de outra oficina, que viera com eles, perdera o constrangimento das primeiras horas e, agora mais à vontade, contava também suas façanhas de oficial. Conhecera ele um ferreiro em Ulm que podia beber vinte canecas de cerveja, da boa cerveja de Ulm, e, quando as terminava, limpava a boca e dizia:

— Bom, agora uma boa garrafinha de vinho para assentar!

E conhecia um fogueiro em Cannstatt que era capaz de comer uma dúzia de salsichões atrás uns dos outros e com isso ganhara uma aposta. Mas perdera uma segunda aposta desse gênero. Jurara que seria capaz de comer tudo o que estava escrito no cardápio de uma estalagem e, de fato, comeu quase tudo mas, no final, havia ainda diversas qualidades de queijo. Quando chegou a terceira qualidade parou, afastou o prato e disse:

— Não! Agora prefiro morrer a engolir mais um pedacinho que seja!

Estas histórias receberam fartos aplausos e mostravam que em toda a parte do mundo existem comilões e beberrões impertinentes, que são magnifico

manancial para lendas sobre suas façanhas. Em alguns casos era “um certo homem que conheci em Sturtgart’'; em outros, era “um soldado de dragões que vivia em Ludwigsburg”. Para uns, tinham sido doze batatas cozidas, para outros, doze panquecas com salada. Os episódios eram contados com objetiva seriedade e todos se entregavam com prazer ao reconhecimento dos extraordinários dons de muitas pessoas do povo, ainda mais espetaculares quando se tratava de camaradas de corporação. Esse à-vontade é uma herança antiga e respeitável dos tradicionais reservados dos burgueses nos restaurantes e estalagens, que a florescente classe operária agora imitava tão bem quanto no beber, discutir política, casar e morrer.

Com a terceira rodada de cerveja, um deles perguntou se não haveria bolos. Chamou-se a garçonette e ficaram sabendo que tudo quanto era bolo já fora consumido ate à última migalha, do que o grupo de Hans reclamou com veemência. August levantou-se e declarou que, se não havia comer, então teriam de mudar-se para outra estalagem. O oficial de Schuler reclamou da mal servida estalagem e só o de Frankfurt queria ficar, pois mexera um pouco com a garçonette, que lhe dera atenção e se deixara até acariciar à socapa. Hans surpreendera-o nessas manobras e a cena, juntamente com a cerveja, excitara-o estranhamente. Sentia-se contente por sair.

Depois de paga a conta e quando todos se encontraram novamente na rua, Hans começou a sentir o peso de seus três chopes nas pernas. Era uma sensação agradável, meio sonolenta, meio vontade de fazer algo insólito. Havia como que um fino véu diante de seus olhos, através do qual tudo lhe parecia mais distante, quase irreal, como as imagens de um sonho. Ria constantemente, puxara o chapéu para um lado, com uma inclinação atrevida, e achava-se o camarada mais alegre do mundo. O de Frankfurt assobiava outra vez suas melodias marciais e Hans procurava andar na cadência.

O Scharfen Eck estava bastante calmo. Alguns campónios bebiam vinho verde. Não havia cerveja de barril, só de garrafa, e imediatamente colocaram uma em frente de cada um dos rapazes. O oficial pediu para todos uma grande torta de maçã. Hans sentiu, de súbito, uma fome enorme e devorou dois ou três pedaços, um atrás de outro. Estavam confortavelmente sentados na penumbra da velha sala da estalagem, num longo e sólido banco encostado a uma das paredes. O antiquado aparador e a imensa estufa quase desapareciam na meia-luz e, numa gaiola com grades de madeira, esvoaçavam dois abelhucos de vistosa plumagem, que iam vez por outra debicar num galho entalado entre as grades e que estava repleto de carrapatos vermelhos.

O estalajadeiro aproximou-se por instantes da mesa e deu aos fregueses as boas-vindas. A conversa entre os amigos demorou algum tempo para ser reatada. Hans bebia pequenos goles da forte cerveja de garrafa e perguntava a si próprio se seria capaz de bebê-la toda.

0 de Frankfurt voltava a gabar-se exageradamente de suas façanhas durante as festas da uva e do vinho no Reno; todos os rapazes o escutavam alegremente e Hans não sabia o que fazer para parar de rir.

De súbito, notou que as coisas não estavam muito certas com ele. A sala, as mesas, as garrafas e os copos, os companheiros e os outros fregueses começaram a se esfumar atrás de uma névoa acastanhada, a tomarem formas bizarras e flutuantes, e só readquiriram seu aspecto normal graças a um violento esforço de autodomínio. De vez em quando, as vozes e os risos aumentavam de volume e ele ria alto com os outros e dizia qualquer coisa que togo esquecia. Quando brindavam, Hans acompanhava-os efusivamente e, uma hora depois, viu com surpresa que tinha a sua garrafa vazia.

— Estás bebendo bem — disse August. — Queres mais uma?

Hans disse que sim, acenando com a cabeça e rindo. Imaginara ele que uma bebedeira seria uma coisa mais sinistra e perigosa. Quando o de Frankfurt entoou uma canção e todos o acompanharam. Hans também cantou com o maior entusiasmo.

Entrementes, a sala enchera-se de gente e a filha do estalajadeiro entrou para ajudar a empregada a servir nas mesas. Era alta, de bom corpo, um rosto sadio e calmos olhos castanhos.

Quando ela colocou a nova garrafa defronte de Hans, o oficial que estava sentado ao lado dele prontamente bombardeou a moça com uma salva de galanteios, para os quais ela não deu ouvidos. Talvez para mostrar seu desdém, talvez porque lhe agradasse a fina expressão e o rosto delicado de Hans, o certo é que a moça chegou-se perto dele, passou-lhe rapidamente a mão pelos cabelos e voltou para junto do aparador.

O oficial, que já ia pela terceira garrafa, levantou-se e seguiu-a, esforçando-se por entabular conversa, mas sem êxito. A moça olhava-o com indiferença, não deu resposta e voltou-lhe desdenhosamente as costas. Ele voltou para a mesa e exclamou, sacudindo alegremente os ombros:

— Haja alegria, rapazes! Brindemos!

E passou a contar uma história picante com mulheres.

Hans escutava apenas uma turva mistura de vozes e quando a segunda garrafa já estava perto do fim começou a sentir alguma dificuldade em articular a

língua para falar e até em rir. Quis ir até perto da gaiola dos abelheiros e provocar um pouco os pássaros mas deu dois passos, sentiu uma vertigem e por um triz que não caiu. voltando cautelosamente para o banco.

Daí em diante, a sua alegria declinou cada vez mais. Sabia que estava ébrio e agora a coisa já não lhe parecia tão divertida. E pressentiu que, ao longe, vários desgostos o ameaçavam e esperavam por ele: a volta para casa, um sério atrito com o pai e, no dia seguinte, ter de ir cedo para a oficina com uma ressaca.

Os outros tinham aproveitado bem a tarde. Num momento de lucidez. August pediu a conta e recebeu uns míseros trocadinhos pelo seu taler de prata. Tagarelando, saíram todos para a rua, deslumbrados com a claridade do luar. Hans já não aguentava mais em pé. Encostou-se ao ombro de August e, cambaleando, deixou-se levar à deriva.

O companheiro de outra oficina ficara sentimental. Cantava “Amanhã devo partir daqui” e conseguia ter lágrimas nos olhos.

A intenção de todos eram voltarem para suas casas mas, quando passaram pelo Schwan, o oficial insistiu em entrar. Na porta, o Hans soltou-se do braço de August.

— Eu tenho de ir para casa — disse ele.

— Tu já nem podes andar sozinho, rapaz! — riu o oficia.

— Posso... sim! Eu preciso... eu tenho de ir... para casa.

— Então, pelo .menos, toma uma cachacinha para o caminho. Isso te ajudará a endireitar o estômago, já verás!

Hans sentiu um cálice frio na mão. Derramou uma parte mas o resto conseguiu levar aos lábios e engolir de um trago. Uma língua de fogo desceu-lhe pela goela e uma forte repugnância o sacudiu da cabeça aos pés. Cambaleou, desceu aos trancos os degraus da estalagem e, sem saber como, chegou à aldeia. Casas, jardins, cercas, árvores, dançavam confusamente à sua frente, num turbilhão sem nexo. Deitou-se na grama úmida, debaixo de uma macieira. Uma cavalgada de sensações desagradáveis, de pensamentos inacabados, de vagas angústias, desfilava em sua mente e impedia-o de conciliar o sono. Sentiu-se manchado, desonrado. Como poderia chegar em casa assim? O que diria o pai? O que seria dele na manhã seguinte? Estava tão deprimido que só uma eternidade poderia mitigar todo o sono e vergonha que sentia. Doíam-lhe a cabeça e os olhos e faltavam-lhe as forças para levantar-se e continuar caminhando.

De súbito, como uma rápida e atrasada onda, teve um sobressalto da anterior alegria; fez uma careta e cantarolou:

Oh, meu querido Augustin,
Augustin, Augustin!
Oh meu querido Augustin,
Tudo chega ao seu fim!

Mal acabara de cantar, sentiu uma dor pungente do mais intimo do teu ser e foi assaltado por uma multidão de recordações, vexames, recriminações, episódios ora excitantes ora humilhantes. Um soluço imenso lhe afogou o peito e Hans deixou-se afundar na grama, desfeito em pranto.

Uma hora depois, já noite fechada, levantou-se penosamente e, com passo inseguro, iniciou a descida para casa.

O Sr. Giebenrath estava furioso com a ausência do filho para o jantar. Quando bateram as nove horas e Hans ainda não aparecera, foi buscar uma sólida e há muito tempo não usada vara de junco.

A velha Anna assistia aqueles preparativos com aflição.

— Que pensa o sujeitinho? — resmungava o pai, cruzando a sala a grandes passadas. — Que por já estar um grandalhão não pode levar uma surra do pai? Pois está muito enganado! Enquanto viver nesta casa, quem ordena o que ele deve ou não deve fazer sou eu!

— Mas, patrão, talvez os colegas... — interveio a criada.

— Qual mas nem meio mas! Ele que chegue a casa para ver o fim de festa que o espera! Então eu estou aqui sustentando um vagabundo?

Às dez horas, pontualmente, o pai Giebenrath fechou o portão.

— Se ele quer vadiar de noite, pois que busque onde dormir!

Apesar de todos os seus destemperos vocais, o velho não era capaz de dormir. A expectativa crescia nele à medida que o tempo passava. Mais uma hora e nada. A raiva começou a se avolumar nele, frustrado que estava em sua esperança de ouvir mexer o trinco e tilintar levemente a sineta. Já imaginava a cena. Ah, o vagabundo ia saber o que significava desobediência! Provavelmente estava bêbedo, o sem-vergonha, mas ele depressa o poria sóbrio. Nem que tivesse de quebrar-lhe os ossos!

Finalmente, o sono venceu-o e à sua colérica indignação.

Enquanto isso, o corpo do tão ameaçado Hans Giebenrath já flutuava lentamente, frio e calmo, no escuro rio — vale abaixo. Nojo de si próprio, angústia, dor e vergonha haviam se desprendido daquele corpo frágil, que seguia à deriva entre junquilhos, de rosto virado para a noite azul e estrelada do outono. Os cabelos, as mãos pálidas, os lábios exangues, destacavam-se nas águas negras com uma luminosidade espectral. Ninguém o viu. Talvez, unicamente, a lontra

que, antes de romper o dia, vem nadando pelo rio em busca de caça e poderia ter passado por ele, deslizando silenciosamente com seus olhinhos vivos e maliciosos, na perseguição de um peixe. Tampouco se sabia como Hans caíra na água. Talvez se perdesse em algum lugar íngreme e escorregasse inadvertidamente para o rio, ao perder o equilíbrio. Talvez a visão noturna das águas plácidas o atraísse, o levasse a debruçar-se depois e, impelido pela paz e o profundo repouso do luar refletido na corrente, mergulhasse no rio, em busca dessa paz e desse repouso, até encontrá-los, enfim, nas sombras da morte.

De dia, encontraram o cadáver e levaram-no para casa. O pai, consternado, esqueceu a vara e a cólera da véspera. Embora não chorasse nem deixasse transparecer sua dor, tinha uma expressão petrificada e, de vez em quando, olhava em frente da porta para o filho emudecido e deitado sobre a cama limpa. Hans conservava ainda, em sua testa fina e no rosto pálido e inteligente, uma aparência tão profundamente pura, tão entranhadamente cândida, que poderia ter exigido da vida um destino muito diferente do que é contemplado ao comum dos mortais. Na fronte e nas mãos, a pele mostrava algumas escoriações vermelho-azuladas. Os belos traços de sua fisionomia denunciavam não a presença da morte mas um sono tranquilo e bem-aventurado; as pálpebras descidas e muito pálidas, a boca ligeiramente entreaberta, davam ao rosto uma expressão feliz, quase jubilosa. Parecia que Hans tinha sido arrancado de um galho em plena floração e mantinha ainda o viço efêmero e obstinado — antes de murchar de vez. O pai sentiu-se tomado, em seu cansaço e solitária tristeza, por essa risonha ilusão de vida. Depois, sacudiu bruscamente a cabeça, como se despertasse de um sonho, e afastou-se do quarto.

O funeral atraiu grande número de acompanhantes e curiosos. Hans Giebenrath voltava a ser uma celebridade em sua terra, por quem todos se interessavam e em cujo destino todos participavam, mais uma vez: os professores, o reitor, o pastor. Vieram todos de sobrecasaca e solene cartola, acompanharam o cortejo fúnebre e permaneceram algum tempo junto do túmulo, sussurrando entre eles.

O professor de Latim estava com uma aparência muito melancólica e o reitor disse-lhe em voz baixa:

— Pois é verdade, senhor catedrático. Este poderia ter sido alguém. Não é uma pena que logo os melhores sejam os mais perseguidos pelo azar?

O mestre Flaig ficou todo o tempo à beira da sepultura, ao lado do pai e da velha Anna, que chorava continuamente.

— Sim, é um golpe muito duro. Sr. Giebenrath — disse Flaig,

compassivo. — Eu também gostava do rapaz!

— Não entendo, não entendo... — gemeu Giebenrath.

— Tão inteligente, tudo correndo tão bem, o colégio, o exame e... de repente, uma desgraça atrás de outra!

O sapateiro apontou com o queixo para as casacas que se retiravam lentamente pelo portão do cemitério.

— Ali vão alguns cavalheiros — disse ele, entre dentes, — que também ajudaram para que Hans estivesse agora aqui.

— O que? — exclamou, sobressaltado, o Sr. Giebenrath, encarando o sapateiro com olhos arregalados. — Quem são eles?

— Calma, senhor vizinho. Estou me referindo apenas aos professores.

— Mas por que? O que foi que eles fizeram?

— Oh, nada, nada... E desconfio que o senhor e eu próprio, talvez tivéssemos deixado de fazer muitas coisas que seriam boas para o seu filho. O senhor não acha?

Sobre a pequena cidade estendia-se o céu azul, o rio brilhava no fundo do vale, as colinas cobertas de pinheiros estavam de um azul aveludado, os picos apontavam para o espaço infinito e luminoso. O sapateiro esboçou um sorriso triste, tomou por um braço o velho Giebenrath que, do torvelinho de pensamentos estranhamente dolorosos que o assaltavam nessa hora, começou a caminhar, em passo vacilante, ao encontro da sua humilde e medíocre existência do costume...

# Créditos:

CLUBINHO

DIGITALIZAÇÃO E FORMATAÇÃO: FLÁVIO

EPUB: ARMAZÉMCULTURAL

